



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
LIS AIRÊ FOGOLARI

**O GÊNERO INFOGRÁFICO:
UMA ANÁLISE SOCIORRETÓRICA**

Tubarão
2009

LIS AIRÊ FOGOLARI

**O GÊNERO INFOGRÁFICO:
UMA ANÁLISE SOCIORRETÓRICA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Adair Bonini.

Tubarão

2009

LIS AIRÊ FOGOLARI

**O GÊNERO INFOGRÁFICO:
UMA ANÁLISE SOCIORRETÓRICA**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, (dia) de (mês) de (ano da defesa).

Professor e orientador Dr. Adair Bonini
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Nome do Professor, Dr.
Universidade...

Prof. Nome do Professor, Dr.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Aos que estiveram por perto.

AGRADECIMENTOS

Ao Criador.

Às criaturas.

"Quero um dia poder dizer às pessoas que nada foi em vão... que o amor existe, que vale a pena se doar às amizades e às pessoas, que a vida é bela sim, e que eu sempre dei o melhor de mim... e que valeu a pena!!! (Mário Quintana).

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo o gênero textual infográfico, mais precisamente os publicados no meio jornalístico impresso. O estudo foi conduzido à luz da teoria sócioretórica, mais especificamente com base nos trabalhos de Swales (1990), Miller (1984, 1994) e Bazerman (2005). O *corpus* que compõe a pesquisa é formado por infográficos publicados durante o mês de novembro de 2007 no jornal Folha de São Paulo, compreendendo um total de 123 infográficos. A pesquisa busca atender a três objetivos: verificar a relação do gênero infográfico com o jornal; levantar a organização retórica do gênero infográfico, e determinar a relação existente entre esse gênero e o texto ao qual serve de complemento, focalizando o sistema de gêneros que perfazem e as relações de conteúdos que se estabelecem. A pesquisa evidencia três resultados principais. O primeiro deles é que o infográfico tem presença mais acentuada em determinados cadernos do jornal (cotidiano, dinheiro, saúde), indicando sua relação privilegiada com determinados temas e práticas dentro do jornal. Os dados mostram, em segundo lugar, que os infográficos estudados organizam-se mediante três processos retóricos: a identificação do infográfico como um texto no jornal, a sua composição (o núcleo da informação que se mostra na forma de dados estatísticos, descrição de categoria, descrição por comparação, descrição por ordenamento temporal e mapeamento de item), e a sua contextualização (mediante textos verbais ou outros recursos gráficos). Por último, em termos de sua relação com o texto que lhe dá base, o infográfico traz, em geral, uma informação complementar, não consistindo, centralmente, em uma paráfrase, ou retomada, desse texto primeiro.

Palavras-chave: Infográfico. Socioretórica. Gênero textual.

ABSTRACT

This research aims at studying the infographic textual genre, more precisely text published in printed journalism. The study was conducted in light of the sociorhetorical theory, more specifically based on the work of Swales (1990), Miller (1984 and 1994) and Bazerman (2005). The corpus that makes up the research consists of infographics published during the month of November 2007 in the newspaper *Folha de São Paulo* (Brazilian newspaper printed and sold in the state of São Paulo), comprising a total of 123 infographics. The research seeks to meet three objectives: to determine the infographic genre relationship to the newspaper; survey the rhetorical organization of the infographic genre; and determine the relation between that genre and the text it complements, focusing on the genre system they account and relations of content that are established. The research highlights three main findings. The first of which is that infographics are more constantly present in certain subjects of the newspaper (daily life, money, health), indicating their privileged relationship with certain themes and practices within the newspaper. The data show, secondly, that the infographics studied are organized by three rhetorical processes: the identification of the infographic as a text in the paper, its composition (the core of the information shown in a statistical form, category description, description by comparison, description by temporal ordering and item mapping), and its context (by means of verbal texts or other graphical resources). Finally, in terms of its relationship with the text that serves as a base to it, the infographic usually shows complementary information, which do not centrally consist in a paraphrase, or a resumption, of the text first.

Keywords: Infographic, Sociorhetorical, Textual genre.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Estudos de Embriões (1510-1513).....	29
Figura 2 – Plano del Metro de Londres. Henry Beck, 1933.....	30
Figura 3 – Estrutura do processo de transformação de dados até o conhecimento.	31
Figura 4 – Primeiro infográfico em jornal impresso no <i>The Times</i> – 1806.....	32
Figura 5 – Um dos primeiros mapas meteorológicos publicado em <i>The Times</i>	33
Figura 6 – Infográfico realizado a partir de impressão contínua publicada em 1987 –	34
Figura 7 – Infografia Individual	36
Figura 8 – Infografia Individual Documental.....	37
Figura 9 – Infografia Coletiva Comparada.....	37
Figura 10 – Infografia Coletiva Documental.....	38
Figura 11 – Diagrama infográfico.	38
Figura 12 – Diagrama infográfico.	39
Figura 13 – Info-mapa.	39
Figura 14 – Infográfico de 1º. Nível.....	40
Figura 15 – Infográfico de 2º. Nível.....	41
Figura 16 – Infográfico Sequências espaço-temporal	41
Figura 17 – Infográfico mistos	42
Figura 18 – Megainfográficos.	42
Figura 19 – Infográfico no caderno Cotidiano do dia 06.11.08 – Título principal: Inmetro cede a lobby e libera cadeira sem selo de segurança	52
Figura 20 – Infográfico no caderno Cotidiano do dia 28.11.08 – Título Principal: Polícia limita acesso a áreas destruídas para evitar saques.....	53
Figura 21 – Infográfico do caderno Cotidiano do dia 06.11.08	57
Figura 22 – Infográfico no caderno Saúde do dia 12.11.08 – Grupo Dados Estatísticos.....	58
Figura 23 – Infográfico no caderno Cotidiano do dia 06.11.08 – Grupo Descrição de Categorias.....	59
Figura 24 – Infográfico no caderno Saúde do dia 05.11.08 – Grupo Descrição por comparação.....	59
Figura 25 – Infográfico no caderno Saúde do dia 15.11.08 – Grupo Descrição por Ordenamento Temporal.....	60
Figura 26 – Infográfico no caderno Cotidiano do dia 03.11.08 – Grupo Mapeamento de um Item.....	61
Figura 27 – Infográfico no caderno Saúde do dia 04.11.08 – Grupo Descrição por Comparação.....	63
Figura 28 – Infográfico no caderno Saúde do dia 17.11.08 – Grupo Ordenamento Temporal.	64
Figura 29 – Infográfico no caderno Saúde do dia 05.11.08 – Grupo Descrição por comparação	65
Figura 30 – Infográfico no caderno Saúde do dia 12.11.08 – Grupo Dados Estatísticos.....	68
Figura 31 – Infográfico no caderno Cotidiano do dia 06.11.08 – Grupo Descrição de Categorias.....	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Modelo <i>CARS</i> para instruções de artigos de pesquisa (SWALES, 1990, p. 141) .	21
Quadro 2 – Classificação para conjunto de gêneros jornalísticos – 12 gêneros.....	25
Quadro 3 – Propósitos da notícia e dos gêneros da reportagem (BONINI 2008, p. 37)	49
Quadro 4 – Organização retórica dos infográficos.....	57
Quadro 5 – Propósitos da notícia e dos gêneros da reportagem (BONINI 2008, p. 37)	67

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Amostra de infográficos coletados classificados por grupos característicos.	45
Gráfico 2 – Infográficos coletados classificados por grupos e os cadernos selecionados para compor a amostra.....	46
Gráfico 3 – Ocorrência do gênero infográfico nos cadernos do Jornal Folha de S. Paulo no período de um mês.....	51

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cadernos e número de infográficos que compõem o <i>corpus</i> da pesquisa separados por grupos de infográficos.....	47
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	META DA PESQUISA.....	14
1.2	ORGANIZAÇÃO DO RELATO.....	14
2	GÊNEROS TEXTUAIS	16
2.1	GÊNEROS TEXTUAIS: ABORDAGEM TEÓRICA.....	16
2.1.1	A abordagem sociorretórica de análise de gêneros textuais.....	17
2.1.2	Gêneros textuais e Comunidade Discursiva	18
2.1.3	Gêneros textuais e Sistemas de Atividades	22
2.2	GÊNEROS DO JORNAL	23
3	ESTUDOS SOBRE INFOGRÁFICOS	27
3.1	ENTENDENDO INFOGRAFIA	27
3.2	O USO DA INFOGRAFIA NO JORNALISMO E SUAS TIPOLOGIAS	31
3.2.1	Tipologias.....	36
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	44
4.1	COLETA DOS DADOS	44
4.2	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	47
5	ANÁLISE DOS DADOS	50
5.1	A RELAÇÃO ENTRE O INFOGRÁFICO E O JORNAL	50
5.2	ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DO INFOGRÁFICO	54
5.3	RELAÇÃO DO GÊNERO INFOGRÁFICO COM OUTROS TEXTOS	65
6	CONCLUSÃO	73
	REFERÊNCIAS	75
	ANEXOS	77
	ANEXO A – CORPUS INFOGRÁFICOS DADOS ESTATÍSTICOS.....	78
	ANEXO B – CORPUS INFOGRÁFICOS DESCRIÇÃO DE CATEGORIAS.....	83
	ANEXO C – CORPUS INFOGRÁFICOS DESCRIÇÃO DE PROCESSOS.....	88
	ANEXO D – CORPUS INFOGRÁFICOS DESCRIÇÃO POR COMPARAÇÃO.....	93
	ANEXO D – CORPUS INFOGRÁFICOS MAPEAMENTO DE UM ITEM	98
	ANEXO E – CORPUS TEXTOS – INFOGRÁFICOS DADOS ESTATÍSTICOS.....	103
	ANEXO F – CORPUS TEXTOS – INFOGRÁFICOS DESCRIÇÃO DE CATEGORIAS.....	116
	ANEXO G – CORPUS TEXTOS – INFOGRÁFICOS DESCRIÇÃO DE PROCESSOS	127
	ANEXO H – CORPUS TEXTOS – INFOGRÁFICOS DESCRIÇÃO POR COMPARAÇÃO ..	139
	ANEXO I – CORPUS TEXTOS – INFOGRÁFICOS MAPEAMENTO DE UM ITEM	148

1 INTRODUÇÃO

Com a popularização dos meios de comunicação e o avanço da tecnologia de edição, é possível perceber que houve uma crescente no uso de elementos gráficos como ilustrações nos jornais. Os meios de comunicação impressa estão utilizando-se, além do recurso da fotografia como forma de linguagem não-verbal, de outros recursos como o infográfico, gênero este que a presente pesquisa se propõe a desvendar em termos de organização e funcionalidade.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar e descrever o gênero jornalístico infográfico, que se utiliza de linguagem gráfica não-verbal combinada a uma linguagem verbal para compor um texto jornalístico. A pesquisa está baseada nas discussões sobre gêneros textuais, mais especificamente, na perspectiva sociorretórica de análise de gêneros textuais.

Um referencial teórico central no desenvolvimento desse trabalho é a teoria de gêneros desenvolvida por Swales (1990), com ênfase principalmente no que se refere às definições de gênero textual e comunidade discursiva, assim como quanto a seu método de análise de movimentos retóricos. São consideradas também as definições de gênero e sistema de atividade apresentadas por Bazerman (1994). Com relação à literatura específica sobre gêneros jornalísticos, são considerados os estudos de Melo (1985) e Chaparro (1998).

O embasamento teórico acerca da sociorretórica considerará os trabalhos de Miller (1984, 1994). Com relação à literatura específica sobre gêneros jornalísticos, serão considerados os estudos de Melo (1985) e Chaparro (1998). E para abordar as pesquisas existentes sobre o infográfico serão adotados, como centrais, De Pablos (1999), Valero Sancho (2001), Colle (2004) e Cairo (2005).

O estudo proposto se justifica pelo fato de que este gênero não foi contemplado em pesquisa acadêmica anterior no que diz respeito ao debate e às teorias sobre gênero textual. A pesquisa aqui empreendida não busca classificar o gênero, mas se propõe a colaborar para o conjunto dos estudos sobre gênero textual, observando em particular o infográfico dentro da ótica sociorretórica.

1.1 META DA PESQUISA

A presente pesquisa pretendeu levantar dados que ajudassem a explicar o gênero infográfico, que tem se tornado um importante recurso de interação nas mídias impressas, mas também na televisão e na internet.

O objetivo principal dessa pesquisa foi analisar o gênero infográfico conforme ele se verifica em um jornal de circulação nacional (nesse caso, sendo escolhido o jornal Folha de S. Paulo). Mais especificamente, a pesquisa procurou:

- a) determinar a relação entre o gênero infográfico e a organização do jornal;
- b) levantar a organização retórica do gênero infográfico;
- c) determinar a relação existente entre esse gênero e o texto ao qual serve de complemento, focalizando o sistema de gêneros que perfazem e as relações de conteúdos que se estabelecem;

O *corpus* dessa pesquisa está formado por exemplares do gênero jornalístico infográfico coletados no jornal Folha de S. Paulo durante o mês de novembro de 2007, nas 30 edições impressas e, mais especificamente, nos cadernos publicados diariamente, desconsiderando-se os cadernos esporádicos. Foram encontrados 121 infográficos e, para a análise, foram selecionados 25 exemplares do gênero, sendo eles categorizados a partir do propósito retórico (o que se faz no texto em termos de ação de linguagem). Aliado a isto, e atendendo a um dos objetivos da pesquisa, foram analisados 47 textos que acompanham o infográfico na página de publicação. A soma de textos base do infográfico é maior do que o número de infográficos, pois, além do texto principal, foram considerados os textos que os complementam.

1.2 ORGANIZAÇÃO DO RELATO

A pesquisa que se detalha em seguida está dividida em 4 capítulos, sendo apresentada inicialmente a revisão da literatura, que compreende a base teórica para esta pesquisa – os conceitos de sociorretórica, gênero textual, comunidade discursiva, e sistema de atividades. Ainda neste capítulo é abordado o gênero e o jornal, seus estudos até o momento.

O capítulo três está destinado a apresentar a evolução histórica do infográfico. Em seguida, me ocupo das tentativas de alguns autores de descrever os infográficos no que se refere a suas formas de apresentação e suas funcionalidades. São discussões provenientes (e que trazem uma visão própria) dos estudos da área da comunicação / jornalismo.

Os procedimentos de análise são apresentados no capítulo quatro, demonstrando quais foram os passos seguidos para atender os objetivos traçados nesta pesquisa. A partir dos procedimentos definidos, o capítulo cinco apresenta a análise do *corpus* dessa pesquisa, estando dividido em três seções. Para finalizar, o capítulo seis apresenta as conclusões dessa pesquisa, apontando seus resultados.

2 GÊNEROS TEXTUAIS

Neste capítulo são apresentadas as teorias que dão base a esta pesquisa, o que se faz em duas grandes partes. Na primeira delas, o centro são as discussões teóricas sobre a perspectiva sociorretórica de análise de gêneros, compreendendo os conceitos de gênero textual e comunidade discursiva de Swales (1990), bem como os conceitos de gênero e sistema de atividades de Bazerman (2005). Na segunda parte, será exposto o que consta na literatura sobre os gêneros do jornal, a partir de um percurso histórico que tem início nos estudos de Melo ([1985] 1994).

2.1 GÊNEROS TEXTUAIS: ABORDAGEM TEÓRICA

A história dos estudos lingüísticos, no que se refere ao texto, aponta inicialmente para análises estruturais textuais, sem a preocupação com os mecanismos envolvidos no processo de produção e socialização da escrita. Somente a partir do final da década de 60, a preocupação dos pesquisadores ultrapassa as fronteiras da frase. Esse panorama se repete nos estudos dos gêneros textuais, que são perpassados, temporalmente, por diferentes enfoques e teorias.

Esta pesquisa está ancorada nos estudos e discussões de Swales (1990), entendendo a linguagem como forma de ação entre os sujeitos, numa determinada comunidade discursiva, através de gêneros textuais. Trata-se de uma visão pragmática retórica, coerente com os pressupostos teóricos propostos por Miller (1984, 1994), centrais na redefinição dos estudos retóricos de gêneros textuais. Consideram-se também os trabalhos de Bazerman (1994, 2005) sobre gênero e sistema de atividades.

Este capítulo está subdividido em seções, apresentando-se num primeiro momento os pressupostos teóricos da abordagem sociorretórica para a análise de gêneros textuais. Na segunda seção, a preocupação é situar o contexto teórico sobre gênero textual e comunidade discursiva, no qual está pautada essa dissertação. Na terceira e última seção, apresento a teoria de sistema de gêneros, já que esta teoria compreende as relações com os demais textos que circundam o infográfico.

2.1.1 A abordagem sociorretórica de análise de gêneros textuais

A análise de gêneros a partir de um enfoque retórico surge para dar conta do “modo como as ações de linguagem realizam propósitos sociais em função da recorrência e da conseqüente tipificação dessas ações e desses propósitos” (BONINI, BIASI-RODRIGUES; CARVALHO, 2006, p. 186). A definição de gênero proposta nesta perspectiva centra-se na ação retórica realizada que se repete, gerando recorrência e regularidade e, assim, possibilitando a emergência do uso da linguagem.

Os estudos sociorretóricos relacionados a gêneros textuais têm, nos trabalhos de Miller (1984, 1994), em sua conceituação de gênero como ação de linguagem, um momento definidor. São sobre esses trabalhos que estão apoiados, em boa medida, as reflexões teóricas de Swales (1990) e Bazerman (1994, 2005). O primeiro deles realiza um trabalho que se tornou conhecido como “análise de movimentos retóricos” e o segundo, um trabalho conhecido como “análise de sistemas de gêneros”. A presente pesquisa, na medida do possível, procurará contemplar ambas as propostas teóricas.

O conceito de gênero desenvolvido por Miller (1994) tem base nas noções de recorrência e ação retórica, ou seja, os gêneros compreendidos socialmente, ajudam a explicar como encontramos, interpretamos, reagimos e criamos certos textos. A compreensão do gênero a partir da situação retórica leva em conta, além das características do contexto, os propósitos dos usuários do gênero.

O gênero, estando numa situação retórica recorrente, é tipificado a partir de suas semelhanças de ocorrência em ocorrência. A formação de tipos explica as regularidades encontradas no discurso, tanto no que diz respeito à sua forma quanto ao seu sentido. Por isso, Miller (1994) afirma “que o sucesso da comunicação teria como requisito que os participantes compartilhassem tipos comuns”, o que se torna possível “na medida em que os tipos são socialmente criados” (p. 29).

Nesse contexto, a autora aponta as seguintes características para o gênero: é derivado de ação retórica tipificada; pode ser identificado a partir das regras que o regulam; apresenta fusão entre forma e sentido; é mediador entre o particular e o privado. Essas características, segundo Miller (1994), têm origem “nas convenções do discurso que uma sociedade estabelece como forma de ‘ação conjunta’” (p. 36).

2.1.2 Gêneros textuais e Comunidade Discursiva

Como exposto acima, esta segunda seção apresenta a definição de gênero textual na qual está ancorada esta pesquisa, e que toma como fonte o trabalho de Swales (1990). Este autor afirma que o texto deve ser visto em seu contexto, e não apenas em termos de seus elementos lingüísticos, características formais, entendido e interpretado em análise estrutural. Para explicar o modo como o texto funciona, Swales (1990) vê o gênero como a forma pela qual se realizam determinadas ações através da linguagem, ou seja, “os gêneros realizam propósitos sociais e se fazem através do discurso” (p. 40). Assim, não há como estudar/analisar determinado gênero sem compreender o contexto em que é produzido e identificado.

A ênfase no estudo dos elementos que circundam o texto é significativa e, para Swales (1990), um gênero textual é a junção de elementos lingüísticos com o contexto que compreende o processo, a situação e os membros envolvidos na comunicação. O que se apresenta central como critério de análise nessa definição é o propósito comunicativo, ou seja, havendo alteração de propósito comunicativo, o gênero também sofrerá alteração. Mas, observar apenas um dos elementos citados acima implicaria em um equívoco, segundo Swales (1990).

Na construção dessa linha de pensamento, Swales (1990) se aproxima de Miller (1984) que, como exposto acima, apresenta conceitos de análise sob visão sociorretórica. Miller (1984) afirma que para uma análise retórica de gênero não se deve somente considerar a forma do discurso ou somente os elementos lingüísticos, mas além destes é necessário verificar a ação de linguagem que se realiza através do gênero.

Para reconhecer um gênero como ação de linguagem em determinado contexto específico, Swales (1990) apresenta cinco características: a classe de eventos, o propósito comunicativo, o grau de prototipicidade, a lógica de organização e a terminologia que o nomeia. Buscando entender melhor estes critérios para identificação de gêneros, se recorreu à exposição que Hemais e Biasi-Rodrigues (2005) fazem, e que aqui é retomada de maneira resumida:

- 1- Eventos comunicativos: onde a linguagem verbal tem um papel significativo e indispensável. Um evento comunicativo se forma de: 1) discurso; 2) participantes; 3) função do discurso; e 4) ambiente.

2- Propósito comunicativo: um critério que merece um grau de atenção maior, pois numa classe de eventos comunicativos, os eventos compartilham um propósito comunicativo.

3- Prototipicidade: na perspectiva da semelhança familiar, pode-se usar os critérios de distinção ou semelhança estrutural com outros textos da mesma classe para definir o exemplar como mais ou menos prototípico.

4- Lógica de organização: diz respeito às restrições em temas de conteúdo e estilo de um gênero em função de um propósito comunicativo.

5- Terminologia: os termos são indicadores de como os membros mais experientes de uma comunidade discursiva, que dão os nomes aos gêneros, entendem as ações retóricas dessa comunidade.

Segundo Swales (1990) estes critérios favorecem compreender que somente será um gênero “padronizado” quando este for construído e interpretado em uma determinada comunidade discursiva, sendo que todos os membros compartilhem do mesmo conhecimento.

As comunidades são constituídas por pessoas que se agrupam em torno de propósitos comunicativos comuns e que utilizam gêneros específicos. Assim, os gêneros pertencem a comunidades discursivas, e não ao membro dela, pois, para Swales (1990), o gênero é um componente concreto que surge na interação da comunidade discursiva com a finalidade de ajudar os seus membros a alcançar os propósitos comunicativos almejados. A partir disso se pode conceber que o gênero constitui a comunidade, assim como ela também o constitui.

Para entender melhor a definição de uma comunidade discursiva, é necessário considerar que esta dispõe de convenções específicas, o que identifica e torna o discurso coerente no grupo. O conhecimento das convenções discursivas, segundo Hemais e Biasi-Rodrigues (2005), contribui para que os novos membros de determinada comunidade possam nela ingressar e nela interagir.

No sentido de clarear sua definição de comunidade discursiva, Swales (1990) a distingue de comunidade de fala, apontando que esse tipo de comunidade se baseia em um espaço geográfico e tem como marca definidora um código lingüístico, enquanto a primeira não tem limitações geográficas, uma vez se constitui a partir de motivos de ordem discursiva (temas e propósitos comunicativos de um grupo). Para compor sua definição de comunidade discursiva, Swales (1990) estabelece seis características. Para ele, uma comunidade discursiva:

- 1) Possui um conjunto de objetivos públicos comuns amplamente aceitos;
- 2) Possui mecanismos de intercomunicação entre seus membros;
- 3) Usa mecanismos de participação principalmente para prover informação e feedback;
- 4) Utiliza e portanto possui um ou mais gêneros para a realização comunicativa de seus objetivos;
- 5) Desenvolve um léxico específico;

- 6) Admite membros com um grau adequado de conhecimento relevante e perícia discursiva.

Estas características são revistas e reformuladas por Swales em seu artigo de 1992, *Re-thinking genre: another look at discourse community effects*, tentando responder a críticas de diversos pesquisadores. O autor reconhece a importância da participação individual na configuração das comunidades discursivas, além da participação do indivíduo em mais de uma comunidade. Desse modo, uma comunidade discursiva passa a ser entendida como um mecanismo social que:

- 1) [...] possui um conjunto perceptível de objetivos. Esses objetivos podem ser formulados pública e explicitamente e também ser no todo ou em parte aceitos pelos membros; podem ser consensuais; ou podem ser distintos mas relacionados [...].
- 2) [...] possui mecanismos de intercomunicação entre seus membros. (Não houve mudança neste ponto. Sem mecanismos, não há comunidade).
- 3) [...] usa mecanismos de participação para uma série de propósitos: para prover o incremento da informação e do feedback; para canalizar a inovação; para manter os sistemas de crenças e de valores da comunidade; e para aumentar seu espaço profissional.
[...]
- 4) [...] utiliza uma seleção crescente de gêneros no alcance de seu conjunto de objetivos e na prática de seus mecanismos participativos. Eles frequentemente formam conjuntos ou séries (Bazerman).
- 5) [...] já adquiriu e ainda continua buscando uma terminologia específica.
- 6) [...] possui uma estrutura hierárquica explícita ou implícita que orienta os processos de admissão e de progresso dentro dela.

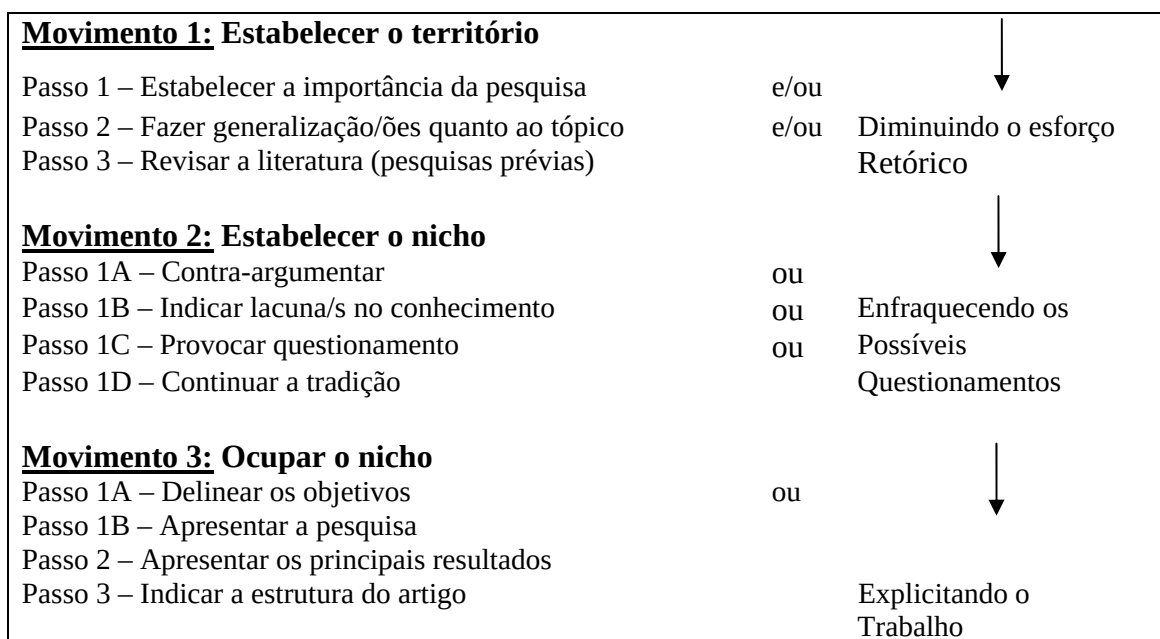
Os novos critérios apresentados acima descrevem a comunidade discursiva como uma estrutura de participação, na qual os participantes adquirem maior domínio do discurso a partir da sua interação. O propósito passa a ser um elemento dinâmico, que se modifica de acordo com a especificidade da comunidade discursiva e de acordo com as finalidades sociais da mesma, pois é ela que desenvolve seus próprios gêneros, seu léxico, estabelece a hierarquia entre os membros e possui história e complexidade de relacionamentos entre os participantes.

Com base em seus conceitos de gênero e comunidade discursiva, Swales (1990) elabora uma forma de pesquisa para a análise de introduções de artigos científicos, buscando explicar o modo como a estrutura genérica se constitui. Assim, o autor desenvolveu o modelo CARS – *Create a Research Space* (criar um espaço de pesquisa), compreendendo dois níveis de informação: movimentos (*moves*) e passos (*steps*). A noção de “movimento” pode ser entendida como uma grande ação retórica realizada no texto, e por “passos” podemos compreender uma sub-ação que concretiza o movimento.

Na primeira versão do modelo CARS, Swales (1984) aponta quatro movimentos, sendo eles: movimento 1 – Estabelecendo o campo de pesquisa; movimento 2 – Sumarizando

pesquisas prévias; movimento 3 – Preparando a presente pesquisa; movimento 4 – Introduzindo a presente pesquisa.

Segundo Swales (1990), as pesquisas de alguns estudiosos que utilizaram esse modelo revelaram dificuldades no momento de distinguir o movimento 1 do movimento 2; por isso, o autor configurou um novo modelo, reduzindo para 3 o número de movimentos, passando o CARS a ser apresentado da forma como aparece no quadro 1.



Quadro 1 – Modelo CARS para instruções de artigos de pesquisa (SWALES, 1990, p. 141)

A análise de gêneros a partir desse modelo proposto por Swales (1990) numa visão sociorretórica confirma a linguagem como uma ação de quem a produz. Diante disso Bonini (2004) afirma:

A organização do texto é levantada (em movimentos e passos) sempre em relação ao ponto de vista do produtor/escritor. É como se tivéssemos, neste quadro, um conjunto de estratégias que o cientista põe em marcha para produzir o seu texto. É neste sentido, então, que se pode entender o termo “sociorretórico”. “Retórico” diz respeito ao modo como alguém age para produzir um texto investido de determinado gênero (o que procura fazer primeiro e assim por diante). Já o termo “sócio” está embasado na idéia de que todo esse conhecimento é compartilhado socialmente (ou seja, é produzido em uma comunidade discursiva). (p. 49)

A presente pesquisa utilizará este modelo de análise de gênero textual proposto por Swales (1990) como parte da metodologia de análise aqui empregada para o estudo do gênero infográfico.

2.1.3 Gêneros textuais e Sistemas de Atividades

Para compor e complementar a base teórica dessa pesquisa, esta seção se dedica a apresentar o conceito de sistema de atividades formulado por Bazerman (1994, 2005) que estará presente na metodologia de análise dos dados. A proposta teórica de Bazerman dispõe de formas para analisar o gênero tanto no seu funcionamento como na sua realização, ou seja, analisar a partir de ações de linguagem em atividades sociais a função de determinado gênero. Em outras palavras, Bazerman (2005) propõe uma análise do gênero a partir da sua realização de uso real, pois o autor verifica como o texto produzido interfere, organiza as ações dos membros que fazem uso desse gênero.

Dentro da perspectiva de gênero como ação social, Bazerman (2005) frisa, em suas reflexões teóricas, o papel da intersubjetividade quanto ao conhecimento de gênero que uma comunidade dispõe e que constitui o tipo. Nesse sentido, ele afirma que há o reconhecimento do tipo de texto “geralmente porque reconhecemos algumas características textuais que nos sinalizam que tipo de mensagem pode ser aquela.” (BAZERMAN, 2005, p. 30). Isso quer dizer que o gênero só existe porque é utilizado e é reconhecido como tal.

Bazerman (2005) estabelece a distinção, relevante aqui em termos de exposição, entre conjunto e sistema de gêneros¹. Este primeiro se refere ao leque de tipos de textos que são produzidos por uma pessoa numa determinada atividade profissional. Em um levantamento desse tipo, é necessário verificar quais são os papéis sociais desse profissional, suas habilidades, atribuições e gêneros que realiza (BONINI; BIASI-RODRIGUES; CARVALHO, 1996).

O sistema de gêneros, por sua vez, é a junção, ou cadeia de conjuntos de gêneros que se integram a outros conjuntos, a fim de permitir que determinada função lingüística seja realizada. Estando configurado numa seqüência regular, um gênero dispõe condições para a realização de outro. A análise percorre dois grupos distintos que produzem seus conjuntos de gêneros, mas que em determinado momento, estes textos são “ligados” para dar seqüência ao processo.

O sistema de atividades faz parte do sistema de gêneros, pois nele estão os elementos que configuram a organização do fluxo dos textos de cada conjunto de gêneros. O

¹ O primeiro desses conceitos foi cunhado por Devitt (1991).

foco do conceito está centrado no modo como as pessoas realizam os gêneros e outros afazeres sociais.

Na seção anterior foi possível observar que para Swales (1990) o propósito comunicativo é o aspecto com maior influência na estruturação de um gênero, já Bazerman (1994) enfatiza que o encadeamento das atividades de meio social seria o aspecto a ser considerado. A forma de utilização do gênero textual vai ao encontro do sistema de atividades. O gênero artigo de pesquisa pode ser utilizado em diferentes domínios, alternando sua forma, adequando-se ao sistema de atividades do campo específico.

Bazerman (2005) salienta que:

[...] examinar o sistema de gêneros permite [...] compreender as interações práticas, funcionais e sequenciais de documentos. Compreender essas interações permite a [...] ver como os indivíduos, ao escrever qualquer novo texto, estão intertextualmente situados dentro de um sistema, e como sua escrita é direcionada pelas expectativas de gêneros e amparadas por recursos sistêmicos. (p. 43)

2.2 GÊNEROS DO JORNAL

Esta sessão tem a finalidade de apresentar um breve histórico dos estudos acerca dos gêneros textuais presentes nos jornais do Brasil. Para isto recorreu-se a dois significativos trabalhos apresentados: Melo (1994) e Chaparro (1998).

Nas discussões sobre gêneros jornalísticos Melo em 1986 apresenta informações relevantes para este tipo de pesquisa, embora ele não seja exatamente um estudo de gêneros. Consiste, a bem da verdade, na proposição de uma classificação dos gêneros jornalísticos. Na oportunidade Melo expõe algumas demarcações do que se debatia sobre gêneros jornalísticos na época, das quais cito:

[...] os gêneros jornalísticos são formas que buscam os jornalistas para se expressarem. Seus traços definidores estão, portanto no estilo, no manejo da língua. São formas jornalístico-literárias, porque o seu objetivo é o relato da informação e não necessariamente o prazer estético [...] (GARGUREVICH *apud* MELO, 1994, p. 39)

[...] os gêneros jornalísticos são formas de expressão jornalísticas que se definem pelo estilo e assumem expressão própria pela obrigação de tornar a leitura interessante e motivadora [...] (DOVIFAT *apud* MELO, 1994, p. 39)

[...] são formas utilitárias, pois as diferenças entre os gêneros surgem da correspondência dos textos que os jornalistas escrevem em relação às inclinações e aos gostos do público. Ou seja, a essência do estilo jornalístico estaria na tentativa de fazer o relato do cotidiano utilizando uma linguagem capaz de estar sintonizada com o que Gonzalo Martin Vivaldi, na obra ‘Gêneros periodísticos’, chama de ‘linguagem de vida’, e que pressupõe o uso de todos os recursos expressivos e vitais, próprios e adequados para expressar a vaiadíssima gama do acontecer diário [...] (FOLIET, *apud* MELO, 1994, p. 39)

Melo (1994) ao apresentar essas concepções, elabora sua própria visão sobre gêneros jornalísticos, concluindo que:

“Se os gêneros são determinados pelo ‘estilo’ e se este por uma relação dialógica que o jornalista deve manter com o seu público, apreendendo seus modos de expressão (linguagem) e suas expectativas (temáticas), é evidente que a sua classificação restringe-se a universos culturais delimitados”. (p. 39)

Este autor apresenta uma classificação de textos jornalísticos, dividindo-os em dois grupos: informação e opinião, embora essa separação não esclareça a noção de gênero. Para Melo (1994), é na *práxis* que se busca a origem dos gêneros jornalísticos, por mais que a identificação de gêneros tenha sido uma tarefa desempenhada por pesquisadores acadêmicos. Enfatiza, em sua caracterização de gênero jornalístico, o conjunto de elementos que constroem a narração jornalística, se opondo a Beltrão (1980 *apud* Melo, 1994) que explica os gêneros segundo as funções que esses desempenham junto ao público leitor.

Em sua proposta, Melo (1994) adota dois critérios para classificar os gêneros jornalísticos. O primeiro deles é o de levar em conta que os gêneros apresentam uma intenção ao narrar o fato, considerando-se, nesse caso, duas vertentes: a “reprodução do real” (informação, ou seja, dar a saber o que está acontecendo – descrição) e a leitura do real (opinião, ou seja, saber o que se pensa sobre o que está acontecendo – versão dos fatos). Dessa forma, o autor acredita que o jornalismo compreende dois núcleos de interesse (*jornalismo informativo e jornalismo opinativo*), sendo que os gêneros nesses dois universos podem ser classificados em função das seguintes características: 1) em termos do jornalismo opinativo, *a autoria e o angulação*; e 2) em termos do jornalismo informativo, os critérios da *temporalidade e mediação*.

O segundo critério para a classificação de gêneros jornalísticos defendida por Melo (1994) é a natureza estrutural dos relatos, que leva em conta a “articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura)” (p. 64). A divisão e classificação dos gêneros

jornalísticos que ele propõe parte da observação estrutural dos relatos nos processos jornalísticos, como o autor mesmo explica:

“Os gêneros que correspondem ao universo da informação estruturam-se a partir de um referencial exterior à instituição jornalística: a sua expressão depende directamente da eclosão dos acontecimentos e da relação que os mediadores profissionais (jornalistas) estabelecem em relação aos protagonistas (personalidades e organizações). Já no caso dos gêneros que se agrupam na área da opinião, a estrutura da mensagem é co-determinada por variáveis controladas pela instituição jornalística e que assumem duas feições: a autoria (quem emite a opinião) e a angulação (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião).” (MELO, 1994, p. 64)

A partir disso Melo (1994) propõe a seguinte classificação:

Jornalismo Informativo	Jornalismo Opinativo
Nota	Editorial
Notícia	Comentário
Reportagem	Artigo
Entrevista	Resenha
	Coluna
	Crônica
	Caricatura
	Carta

Quadro 2 – Classificação para conjunto de gêneros jornalísticos – 12 gêneros.

Essa divisão é questionada por Chaparro (1998) que vê nela a reafirmação da distinção informação e opinião. Assim, Chaparro afirma:

“[...] as fronteiras entre opinião e informação são destruídas pela inevitabilidade da valoração jornalística, por sua vez influenciada pela interferência interessada e legítima dos vários sujeitos do processo, tanto no relato quanto no comentário da atualidade [...] (CHAPARRO, 1998, p. 110)

Essa classificação defendida por Melo (1994) também é questionada, por Chaparro (1998), no que se refere à delimitação das variáveis de tempo e angulação. Ele afirma que não são critérios “adequados”, e declara que “a temporalidade dos acontecimentos está vinculada a ações estratégicas de instituições e grupos” (p. 109), ou seja, o imprevisível e os fatos não programados estão tendo pouco espaço no plano editorial do jornal. O

acontecimento se desenvolve a partir de fatos sucessivos, ocorrendo “falas, eventos, decisões, conflitos, perguntas, respostas, ocorrências previstas ou inesperadas (...)” (p. 109), os quais servirão de base para seleção do gênero jornalístico ideal para relatar o fato.

Já no que se refere aos ângulos de abordagem, Chaparro (1998) afirma que “eles resultam da inspiração e da criatividade de quem escreve” (p. 109), pois há de se considerar que o jornalista emprega várias estratégias para compor o seu relato. Segundo ele,

“[...] o texto jornalístico é sempre produto de múltiplas escolhas interações inteligentes e intencionadas, entre jornalistas e fontes que têm informações, ou saberes, ou emoções, ou pontos de vista que interessam aos conteúdos e ajudam a construí-los.” (CHAPARRO, 1998, p. 109)

Em discordância com Melo (1998), quanto a distinção entre “opinião” e “informação”, Chaparro (1998) afirma que o relato jornalístico mostra cada vez mais elementos opinativos, além de comentários. Por isso propõe um rompendo dessa dicotomia.

A partir de uma pesquisa com 164 edições de jornais brasileiros e portugueses, Chaparro (1998) conclui que: “informação e opinião integram – como partes solidárias, interactivas, complementares, reciprocamente inevitáveis – o TODO do jornalismo e o INTRÍNSECO de cada tipo de texto” (p. 110). E acrescenta:

“Há que dar início a uma nova discussão sobre a teoria dos gêneros jornalísticos, ancorando-a nas ciências da linguagem. Porque gêneros são formas do discurso. Na visão pragmática, *formas de dizer, para fazer* – o que explica, no jornalismo, a importância da eficácia.” (CHAPARRO, 1998, p. 114)

3 ESTUDOS SOBRE INFOGRÁFICOS

O capítulo que se inicia discorre sobre os estudos realizados sobre infográficos. Há um crescente uso de recursos gráficos pela mídia impressa, a qual explora ferramentas visuais para atrair novos leitores, considerando-se que esses estão inseridos numa cultura em que a imagem é um elemento marcante.

Mesmo havendo um uso crescente de infográficos nos diversos meios de comunicação de massa, os estudos são recentes. Assim, neste capítulo, inicio com uma breve apresentação da evolução histórica dessa nova forma de visualização de informações diversas, além dos conceitos apresentados na literatura da área discutidos por autores como De Pablos (1999), Valero Sancho (2001), Colle (2004), Cairos (2005, 2008) além da dissertação de mestrado de Schmitt (2006).

Ao iniciar a exposição, apresento a definição de linguagem visual e verbal adotada por Colle (2000). Essas duas linguagens se complementam, segundo esse autor, formando a base para os estudos da infografia. A partir dessa definição ele apresenta uma tipologia de infográficos. A linguagem verbal, segundo Colle (2004) é analítica:

“[...] divide e compara, em etapas que se sucedem no tempo, e a compreensão surge do estudo das partes e da apreensão de seus nexos.” (p. 01)

Já a linguagem visual, para ele, é mais sintética, ao que afirma:

“[...] a primeira vista se percebe uma forma significativa em sua globalidade. O processo de compreensão, aqui, se inverte: inicia no conjunto para investigar as partes. Mas a apreensão do conjunto é imediata; se obtém no instante, antes e independente da análise das partes – que é possível, mas não indispensável..” (p. 01)

3.1 ENTENDENDO INFOGRAFIA

Alguns autores assim como De Pablos (1999) estimam que a produção de infografia exista a 15 mil anos, tendo início com os registros que o homem da caverna gravava, unindo desenhos e caracteres que correspondiam a uma escrita. As discussões sobre o surgimento dos primeiros infográficos, contudo, não são conclusivas, pois não é possível saber

o que aqueles homens pretendiam comunicar ao mostrar graficamente animais e utensílios de caça (CAIRO, 2005).

Para Cairo (2005), os primeiros registros de infografia como tentativa de comunicação visual surgem na Antiguidade, com a produção de mapas gravados em pedaços de couro.

A partir de outro ponto de vista, De Pablos (1999) afirma que o surgimento da visualização da informação a partir da soma entre desenho e texto ocorre na Babilônia e no Egito, nas tentativas de complementar, com desenhos, os textos escritos.

Um exemplo de infografia são os desenhos que aparecem nos estudos realizados por Leonardo da Vinci entre os anos de 1510-1513 (CAIRO, 2005), pois ele ilustra e informa com determinado detalhamento seus estudos, por exemplo, sobre o desenvolvimento dos embriões (figura 1)..

Esse breve relato histórico do que os autores nos apresentam como sendo o início da infográfica nos remete a pensar que os infográficos não surgem a partir da informática, pois o homem “está fazendo o de sempre, visto que ao longo de toda a história houve comunicação mediante representações visuais mais ou menos complexas” (VALERO SANCHO, 2001, p. 15). É possível justificar esta afirmação, ao visualizar o exemplo abaixo (Figura 1), no qual o autor do infográfico utiliza alguns desenhos realizados manualmente, acompanhados de pequenos textos que complementam a explicação dos referidos estudos.

Na busca pela definição de infografia, De Pablos (1990) a define como: a apresentação de mensagens dentro do binômio imagem mais texto (b I + T) em qualquer suporte de comunicação. Para explicar o sentido de infografia, De Pablos (1990) apresenta duas possibilidades. Na primeira relaciona a palavra aos programas de produção de gráficos em computadores, argumentando que: *info* provém do significado informática e *grafia*, de animação. No segundo sentido, a base para sua justificativa é o desejo da humanidade de comunicar-se melhor, argumentando que: *info* significa informação e *grafia* seria o suporte analógico.

Entender a infografia apenas como os elementos visuais que colaboram na compreensão de um conteúdo baseado em texto seria resumir o conceito, conforme Rajmanickam (2005), que afirma:

“a infografia também pode ser compreendida como um sistema híbrido de comunicação, pois ao empregar imagens, palavras e números, utiliza o sistema de comunicação verbal (palavras e sentenças) e o sistema de comunicação visual (imagens e representações gráficas). Em decorrência dessa redundância, proporciona, ao ser humano, a oportunidade de aumentar a eficácia de sua comunicação” (RAJAMANICKAM, 2005, *apud* SCHMITT, 2006, p. 18).



Figura 1 - Estudos de Embriões (1510-1513)

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Infogr%C3%A1fico>, acesso em 31/01/2009.

Em um livro recente, Cairo (2008) apresenta sua definição para infografia, apoiando-se na concepção do autor Valero Sancho (2000, *apud* CAIRO, 2008) que apresenta uma definição que se centra no infográfico publicado em jornal impresso:

“Um infográfico é uma representação diagramática de dados. Valero Sancho (2000) a define de forma mais detalhada como “um conjunto informativo, elaborado no jornal impresso, realizado com elementos icônicos e tipográficos, que permite ou facilita a compreensão dos acontecimentos, ações ou coisas da atualidade, ou alguns de seus aspectos mais significativos, ou acompanha, ou substitui o texto informativo”. Mas uma infografia não precisa ser publicada por um jornal para ser considerada como tal. Qualquer informação apresentada em forma de diagrama – isto é, ‘desenhos no qual se mostram as relações entre as diferentes partes de um conjunto ou sistema’² – é uma infografia.” (CAIRO, 2008, p. 21)

² A descrição para infografia apresentada por Cairo (2008) provém do dicionário da Real Academia Espanhola.

Ainda para Cairo (2008), a infografia não precisa necessariamente estar acompanhada de textos, podendo apenas ser apresentada por diagramas, ícones e pictogramas. O componente verbal mais comum em um infográfico é o título, o que leva o autor a concluir que o componente central de qualquer infografia é o diagrama. Segundo o autor, “um diagrama é uma representação abstrata de uma realidade” (CAIRO, 2008, p. 22).

Segundo esse autor, uma representação abstrata é aquela que evita apresentar detalhes não relevantes para a compreensão da mensagem. Um exemplo citado pelo autor é o mapa do metro de Londres (Figura 2), que apresenta as linhas por onde o transporte passa, através de traços retos e sem indicação das distâncias entre as estações. Assim, o infográfico é “simplificado”, apresentando e dando destaque apenas para o que ele julga serem os significados básicos. Para o autor, a partir de uma concepção prática de linguagem: “a abstração é um componente essencial no desenho de diagramas: eliminar o não necessário para que o necessário se destaque” (CAIRO, 2008, p. 22).

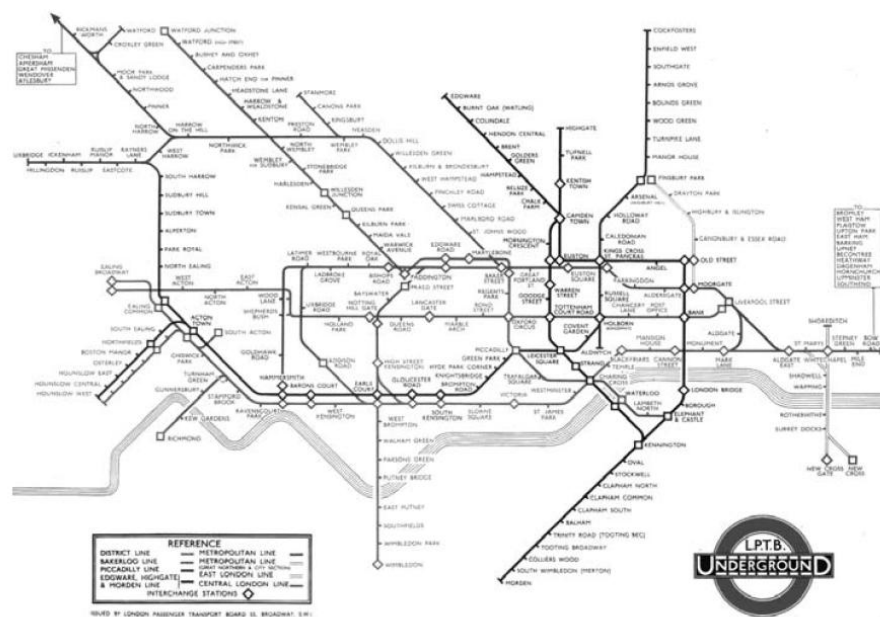


Figura 2 – Plano del Metro de Londres. Henry Beck, 1933.

Fonte: CAIRO (2008, p. 22).

Cairo (2008) destina uma seção do capítulo inicial de sua obra para tratar do *diseño de información*, que traduzo aqui como o “croqui de informação”. Considero relevante considerar este item no referencial teórico por trazer uma discussão quanto ao processo de produção de infográficos.

Segundo esse autor, a tarefa do elaborador de um croqui de informação é a de transformar o que “parece incompreensível” em um formato que “acelere a compreensão” e a memorização da informação. Essa estrutura de transformação de dados até o conhecimento pode ser visualizada a partir do esquema na figura 3:

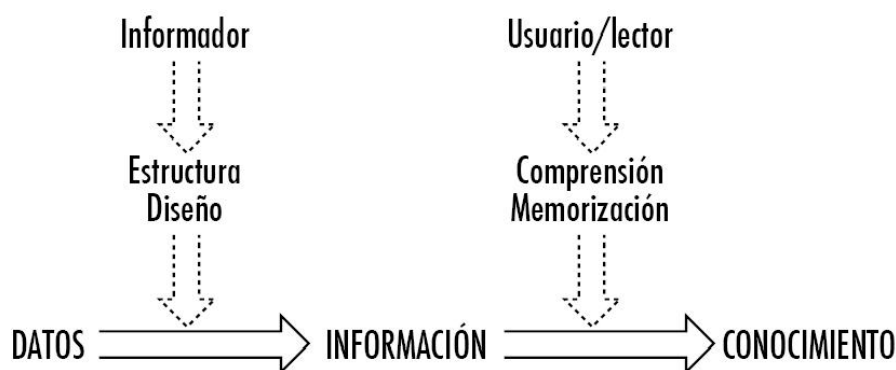


Figura 3 – Estrutura do processo de transformação de dados até o conhecimento.

Fonte: CAIRO, 2008, p. 27)

A partir da criação do croqui de informação, inicia-se o trabalho do diagramador, do conhecedor dos meios tecnológicos disponíveis e demais recursos, para viabilizar a exposição da informação ao leitor.

3.2 O USO DA INFOGRAFIA NO JORNALISMO E SUAS TIPOLOGIAS

Esta seção procura abordar o uso da infografia no jornalismo impresso, iniciando pelo seu percurso histórico. Em seguida são apresentados os tipos de infográficos encontrados em jornais impressos, conforme trabalho realizado por Colle (2004).

O suporte teórico para abordar a primeira parte desta seção é a obra de Valero Sancho (2001).

O surgimento dos primeiros jornais de que se tem informação ocorreu em meados do século XVII. Não há, conforme Valero Sancho (2001), um consenso entre os autores pesquisadores, mas, segundo ele, podemos dizer que os primeiros jornais impressos começam a ser publicados por volta de 1620 na Alemanha, na Inglaterra e na França. E, conclui o autor, a infografia em meio jornalístico pode ter tido seu nascimento já nessa época.

Os desenhos gráficos encontrados nesses primeiros jornais impressos são formas aproximadas de mapas territoriais, de ruas ou de guerras; servindo apenas como ilustração do texto ao qual estavam acompanhando.

Mas os primeiros registros efetivos de infografia em jornais impressos ocorrem há mais ou menos 200 anos.

Segundo Valero Sancho (2001) a primeira evidencia de um infográfico publicado em um jornal impresso foi em uma edição do jornal londrino *The Times*, datada de 7 de abril de 1806 (ver a Figura 4). Este é considerado o marco inicial da infografia na imprensa jornalística.

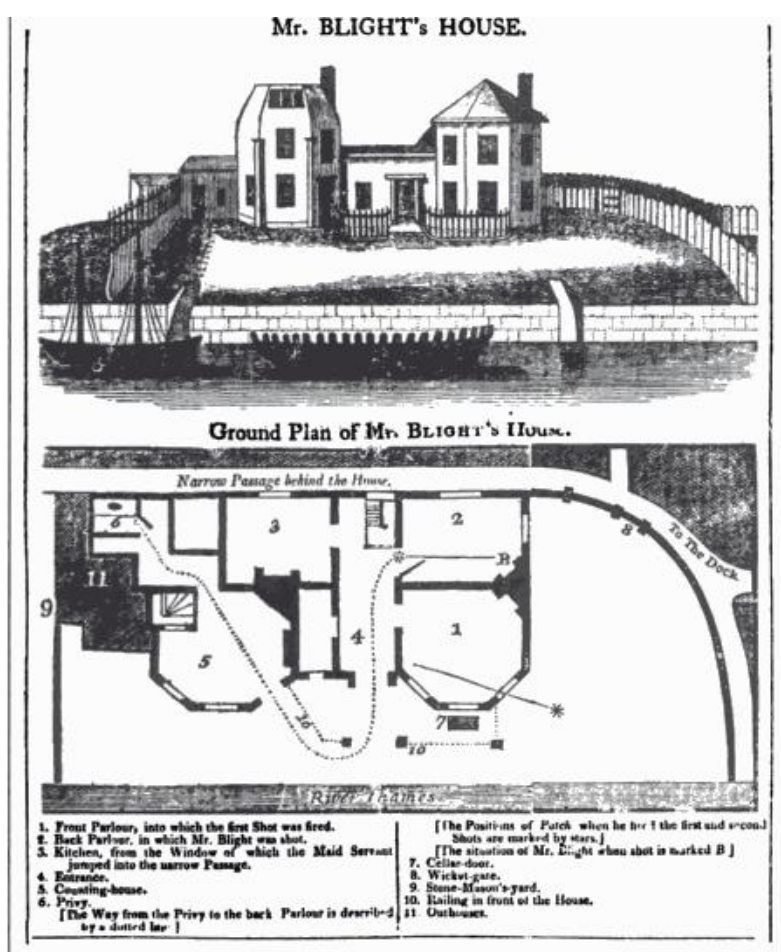


Figura 4 – Primeiro infográfico em jornal impresso no *The Times* – 1806

Fonte: VALERO SANCHO, 2001, p. 47

Na sequência, Valero Sancho (2001) afirma que os primeiros mapas meteorológicos que são divulgados com periodicidade aparecem a partir de 01 de abril de 1875 também no jornal *The Times* de Londres. Para o autor os primeiros mapas são lineares, contendo apenas as Ilhas Britânicas, com informações sobre ventos, indicações de pressão e

dados sobre as condições do mar. Essas informações se completavam com números ou textos escritos a mão (ver a Figura 5).

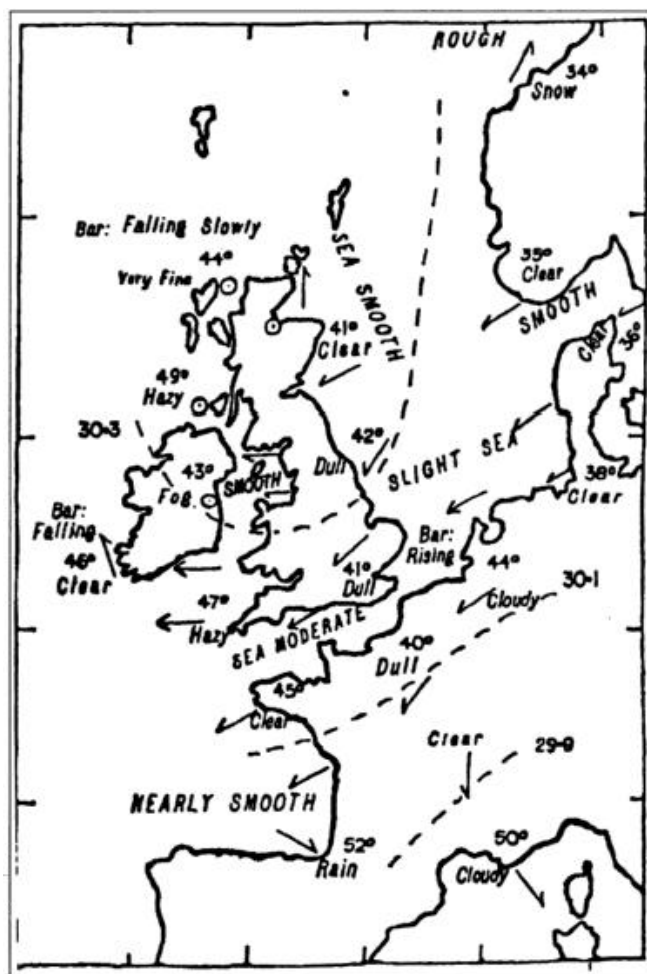


Figura 5 – Um dos primeiros mapas meteorológicos publicado em *The Times*

Fonte: VALERO SANCHO, 2001, p. 49

A evolução histórica da infografia nos jornais impressos vai ocorrendo gradativamente, de modo que, afirma Valero Sancho (2001):

“as reconstruções de fatos notáveis, tais como as batalhas, amparadas com mapas e diagramas, formam eficazes elementos visuais que permitiram visualizar a posição geral à vistas de um pássaro em mapas. No entanto, estes gráficos empregados até a segunda metade do século XX eram simples, de pouca vida e profundidade. (p. 54)

Com a ascensão da tecnologia, informa o autor, a infografia ganha notoriedade nos meios de comunicação em geral, principalmente a partir dos anos 80. Segundo Valero Sancho (2001), a fase madura da infografia nos jornais impressos de todo o mundo, em virtude do surgimento dos recursos da informática, tanto para criação como para impressão.

compreendida como um **meio** informativo. Serra (1998, *apud* SCHMITT, 2006, p. 21) ilustra essa mudança de interpretação a respeito dos infográficos, apresentando um fragmento de Karl Tate, jornalista da *Associated Press*, publicado na revista especializada *Design*:

A grande mudança é o espaço que os diários oferecem aos infográficos. O *USA Today* forçou os diários a pensar mais nos infográficos. Não tem sido tanto as novas tecnologias, mas o fato de os editores terem começado a ver que os gráficos podem ajudar a contar histórias.

Como as mudanças vão ocorrendo gradualmente durante anos, e com o avanço da tecnologia, os infográficos ganham novas cores, formatos, espaços no meio jornalístico impresso. Eles não são utilizados apenas para ilustrar notícias complexas, mas para auxiliar o leitor no processo de compreensão de determinado conteúdo, conforme Colle (2004). Esse autor ainda afirma que o uso de infográficos na imprensa jornalística não surge apenas como uma forma de contribuir com a visualização da informação descrita, mas para “*incluir informação seqüencial*”, como se fosse uma representação dos acontecimentos que se desenvolveram num dado momento, assim como ocorre nas histórias em quadrinhos.

Em complemento a esse entendimento sobre o infográfico, se pode citar Valero Sancho (2001) que afirma que a infografia em um jornal impresso deve compreender dois aspectos efetivos: a utilidade e a visualidade. O primeiro compreende as noções de grau de significação, informação e funcionalidade. Por significação, o autor entende a parte que irá causar determinado impacto no leitor. Já por informação, Valero Sancho (2001) entende os detalhes e explicações do acontecimento relatado. Por último, vem a funcionalidade que se caracteriza pelo uso estratégico da informação, resumindo ou sintetizando o essencial do que se narra, ampliando ou substituindo detalhes.

Já o segundo aspecto apresentado por Valero Sancho (2001), a visualidade, que está relacionado às características atrativas. Segundo o autor, é importante não confundir o termo *visual* com *visualidade*, pois o primeiro referencia o meio e o segundo o efeito que produz a utilização dos olhos e esta se desenvolve com a experiência, já que consiste em reconhecer e perceber algo que antes foi filtrado pelo órgão da visão (p. 22).

Mas, segundo Valero Sancho (2001), para que estes dois aspectos (utilidade e visualidade) funcionem, alguns quesitos devem fazer parte do infográfico em um jornal impresso: 1) apresentar significado total e autônomo; 2) dispor de quantidade suficiente de informação; 3) ter o conteúdo organizado de modo compreensível, podendo utilizar-se de outras tipologias ou formas; 4) conter elementos gráficos que não destoem da realidade; 5)

contemplar funções de síntese ou complemento da informação escrita; 6) ter harmonia entre os elementos componentes, proporcionando certa sensação estética; 7) ser preciso e exato.

3.2.1 Tipologias

Para o presente trabalho, foi necessário verificar as tipologias já propostas para os infográficos. Os principais trabalhos são Valero Sancho (2001) e Colle (2004).

Início com a tipologia de infografia apresentada por Valero Sancho (2001), que está dividida em dois grupos: 1) infografias individuais e 2) infografias coletivas. Caracteriza a primeira (Figura 7) como sendo composta por apenas uma única infografia, sem utilizar gráficos complementares, separadores ou títulos duplos. O autor subdivide a categoria em quatro tipos de infografias, segundo a qualidade ou finalidade, sendo elas:

- As comparativas: que se utilizam de comparação entre dados;
- As documentais: que explicam características, ilustram ou documentam determinado conteúdo (Figura 8);
- As teatrais: que narram um acontecimento – ex.: acidentes ou atentados;
- As de localização: a intenção desse tipo de infográfico é situar, a partir de mapas ou planos.

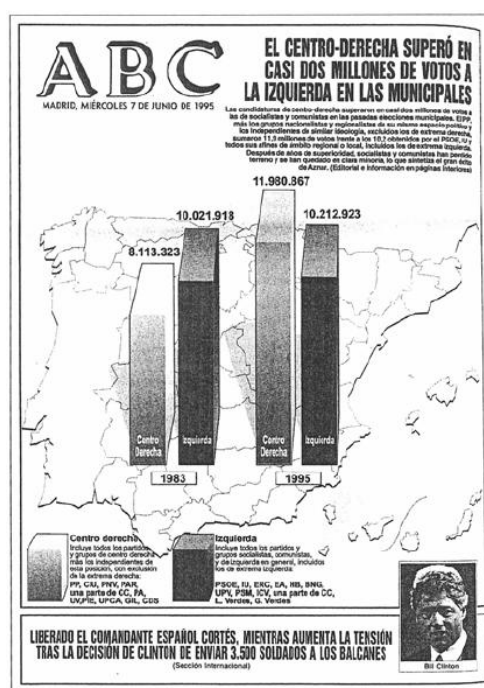


Figura 7 – Infografia Individual

Fonte: VALERO SANCHO (2001, p. 133).

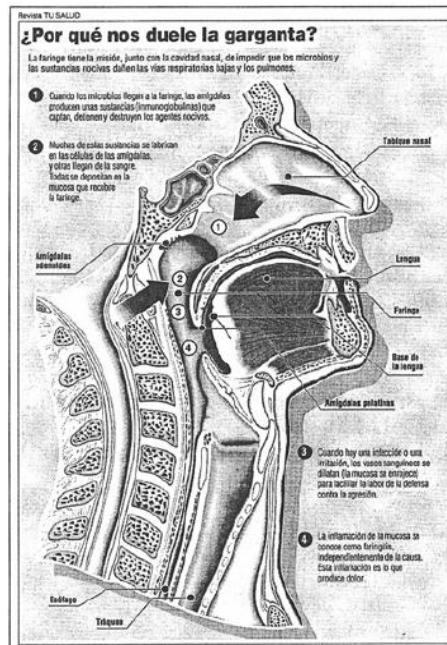


Figura 8 – Infografía Individual Documental

Fonte: VALERO SANCHO (2001, p. 140).

As infografias coletivas são definidas pelo autor como sendo várias infografias individuais utilizadas em um único espaço. Elas variam de tamanho, formato, e geralmente compõem um infográfico maior. O autor apresenta quatro tipos de infografias coletivas, sendo elas:

- a) As comparativas: que comparam diversas propriedades de um, dois ou vários conceitos (Figura 9);
- b) As documentais: que destacam mais de uma informação gráfica (Figura 10);
- c) As teatrais: que apresentam sequência de fatos por meio de vários segmentos infográficos, dentro de uma mesma infografia;
- d) As de localização: que abarcam múltiplos e diversos elementos como diagramas, gráficos, textos, imagens.

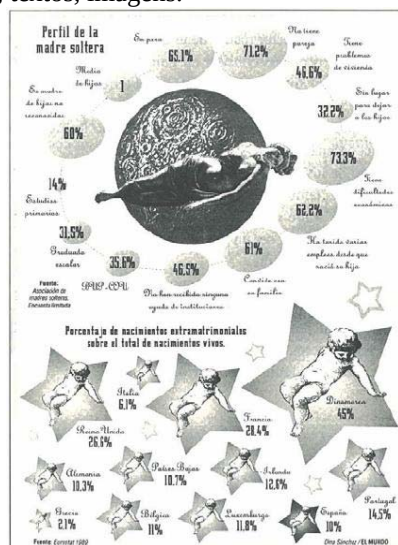


Figura 9 – Infografía Coletiva Comparada

Fonte: VALERO SANCHO (2001, p. 150).

- b) Infográfico iluminista: tipo de infográfico no qual o texto tem sua importância elevada, mas vêm acompanhadas de ícones, imagens. O autor indica esse como sendo um tipo de infográfico irregular devido a sua apresentação: de forma retangular, contendo elementos verbais e visuais, mas sem apresentar “uma sequência discursiva única.”. A denominação faz referência ao estilo dos manuscritos da Idade Média (Figura 12).



Figura 12 – Diagrama infográfico.

Fonte: Colle (2004).

- c) Info-mapa: uma característica central para Colle (2004) neste tipo de infografia é a utilização de um mínimo do recurso lingüístico verbal. Não contempla apenas mapas geográficos, mas também mapas turísticos, econômicos (de produção industrial, por exemplo) (Figura 13).



Figura 13 – Info-mapa.

Fonte: Colle (2004).

d) Infográfico de 1º. nível: este tipo de infográfico, considerado o mais completo, compõe-se de: título, textos nas margens da ilustração, e a ilustração. Sua característica principal é que o texto permanece à margem, não sobrepondo-se aos elementos gráficos. Segundo o autor esta é a principal diferença aos infográficos de 2º nível (Figura 14).

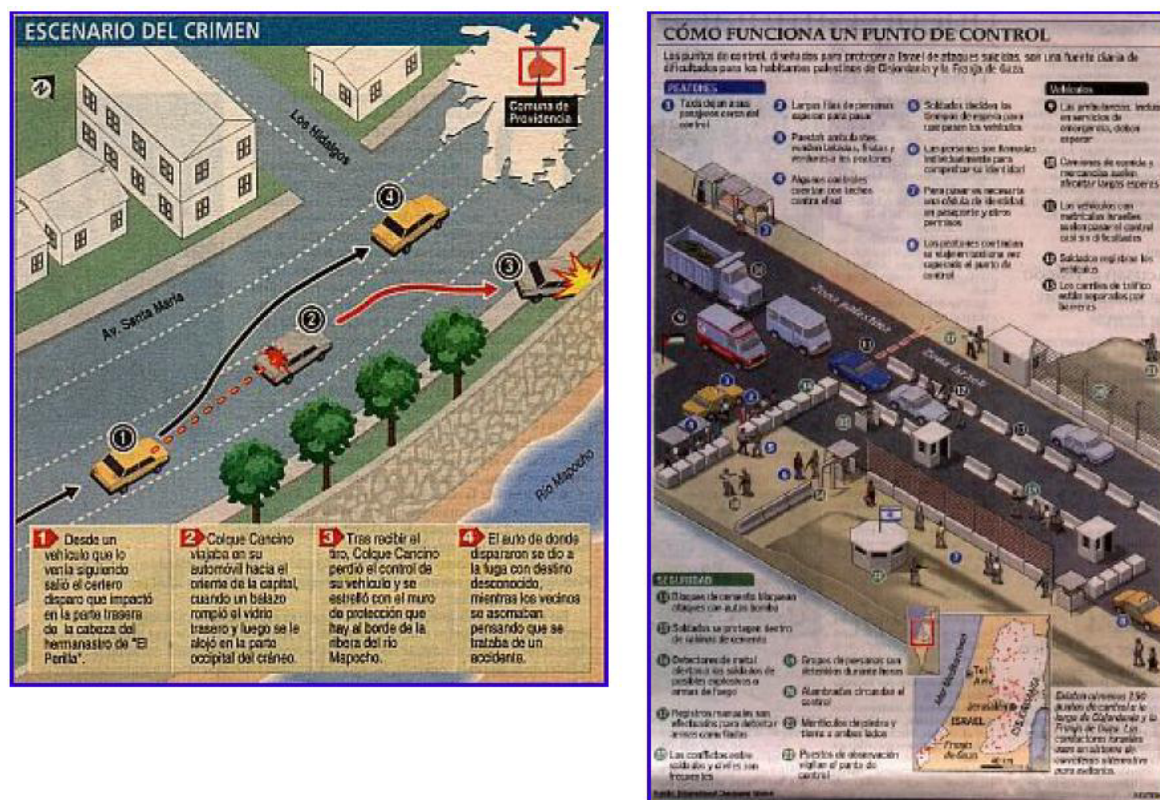


Figura 14 – Infográfico de 1º. Nível.

Fonte: Colle (2004).

e) Infográfico de 2º. nível: contrapondo-se ao anterior, no infográfico de 2º nível os textos tendem a sobrepor os elementos gráficos, apresentando-se como “globos”, assim como nas histórias em quadrinhos. Os textos aparecem de uma forma dinâmica na composição do infográfico (Figura 15).



Figura 15 – Infográfico de 2º. Nivel.

Fonte: Colle (2004).

f) Seqüência espaço-temporal: infográficos que mostram o desenvolvimento de um acontecimento através do tempo, “fazendo da seqüência espacial uma forma de representação da seqüência temporal” (Figura 16).

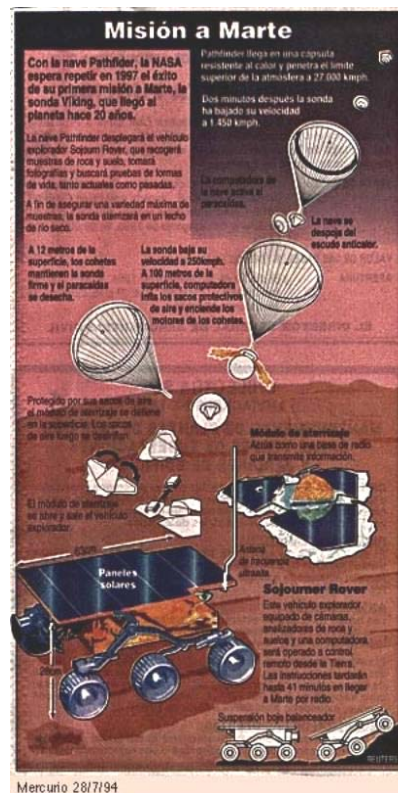


Figura 16 – Infográfico Seqüências espaço-temporal

Fonte: Colle (2004).

g) Infográfico misto: combina vários tipos de gráficos, dando origem a múltiplos padrões (Figura 17).



Figura 17 – Infográfico mistos

Fonte: Colle (2004).

h) Megainfográfico: quadro infográfico mais completo, com informação abundante, não respeita as regras de simplificação e economia de espaço. Geralmente ocupa uma página inteira ou duas páginas de um jornal ou revista. Segundo Colle (2004), este recurso não é utilizado com frequência no campo jornalístico, pois, além do espaço ocupado, apresenta um conjunto de informações mais complexas e detalhadas. É um recurso encontrado em reportagens de divulgação científica (Figura 18).

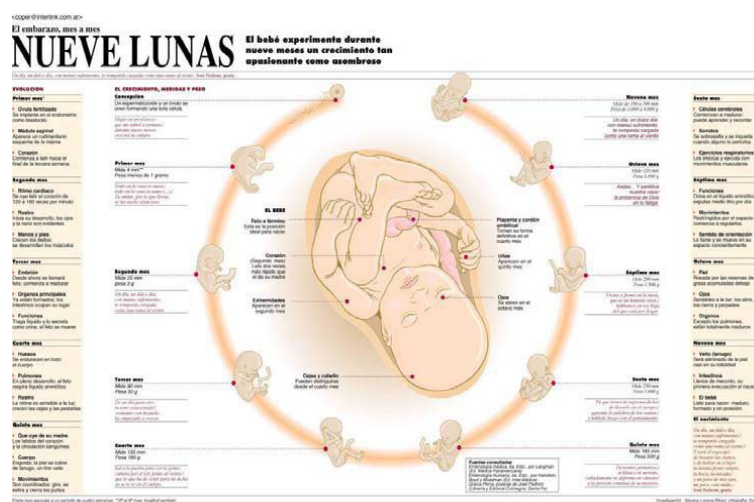


Figura 18 – Megainfográficos.

Fonte: Colle (2004).

Para a definição desses tipos, Colle (2004) tomou três pontos de partida: os gráficos estatísticos, a cartografia e as histórias em quadrinhos. Explica da seguinte forma:

“- Os dois primeiros modos dão origem aos diagramas infográficos e aos info-mapas, que são de algum modo ‘pré-infográficos’. Uma maior elaboração dos desses infográficos, com a inclusão de todo o texto necessário para o conhecimento da informação, dá origem ao ‘infográfico de 1º nível’, que é o modelo mais utilizado.

- O infográfico ‘iluminista’ – em que o texto apresenta tal importância que poderia ser suficiente sem ilustração – constitui um ‘proto-infográfico’.

- “O uso de recursos inspirados na linguagem da história em quadrinhos (balões) leva a um ‘2º nível’”. (COLLE, 2004)

Segundo esse autor, em síntese, o infográfico é uma unidade espacial que se utiliza da combinação de elementos icônicos e verbais para apresentar uma informação ampla e precisa, que se fosse traduzida para um discurso apenas verbal resultaria mais complexa e requereria maior espaço.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo apresenta os procedimentos metodológicos que delimitam essa pesquisa, estando dividido em duas seções, sendo na primeira evidenciado a coleta dos dados para esta pesquisa; e na segunda seção, são apresentados os procedimentos de análise dos dados.

A partir da apresentação dos dados o procedimento de análise é definido, considerando como proposta metodológica para análise dos dados o modelo de análise de movimentos retóricos proposto por Swales (1990). Conforme mencionado no referencial teórico desse trabalho (seção 2.1.2), o modelo considera duas noções básicas: movimentos e passos. Aliado a linha sociorretórica, outro eixo metodológico utilizado na pesquisa visa compreender a relação entre os textos que dividem espaço com o infográfico no jornal impresso.

4.1 COLETA DOS DADOS

O *corpus* dessa pesquisa provém do jornal Folha de S. Paulo, que, em meio aos diferentes cadernos diários, faz a utilização do gênero infográfico. A escolha deste jornal ocorreu devido a sua expressão significativa no jornalismo impresso brasileiro e por estar disponibilizado em âmbito nacional. A coleta dos dados ocorreu no mês de novembro de 2008, compreendendo as 30 edições.

Para esta pesquisa foram considerados os cadernos com publicação diária, sendo eles: Brasil, Ciência, Cotidiano, Dinheiro, Esporte, Ilustrada e Mundo. Durante a coleta dos dados, identificou-se um número expressivo de infográficos encontrados na seção Saúde do caderno Cotidiano. Diante da recorrência que se visualizou, optou-se por analisar essa seção como um caderno independente, ou seja, separado do caderno Cotidiano.

Os cadernos de publicação semanal ou mensal, ou sessões especiais, não foram considerados no momento da pesquisa, pois a intenção da pesquisa é verificar a recorrência desse gênero no formato padrão do jornal (com seus cadernos diários).

Do levantamento nas 30 edições da Folha de S. Paulo, resultou um montante de 121 exemplares do gênero infográfico, com distribuição diferente nos diversos cadernos (sobre a qual se falará no início do capítulo de análise), qual seja:

- Cotidiano: 27;
- Dinheiro: 20;
- Saúde: 17;
- Brasil: 15;
- Mundo: 15;
- Esporte: 13;
- Ciência: 10;
- Ilustrada: 4.

Após a coleta dos dados, o próximo passo do trabalho foi a categorização dos infográficos, e para isso foram considerados como critérios a organização do texto e o seu propósito. Estes dois critérios foram selecionados em função da teoria sociorretórica que dá base a esse estudo. Vale ressaltar que a tipologia indicada no referencial teórico compreende critérios selecionados a partir de uma concepção prática de elaboração gráfica, organização espacial e formatos. Estes elementos não são primordiais na presente pesquisa.

Diante desses critérios foram identificados cinco grupos denominados a partir da principal característica evidenciada no infográfico: *dados estatísticos*, *descrição de categorias*, *descrição por comparação*, *descrição de ordenamento temporal*, e *mapeamento de um item*. Houve uma diferença significativa nos números de infográficos em cada grupo, como podemos visualizar no gráfico 1:

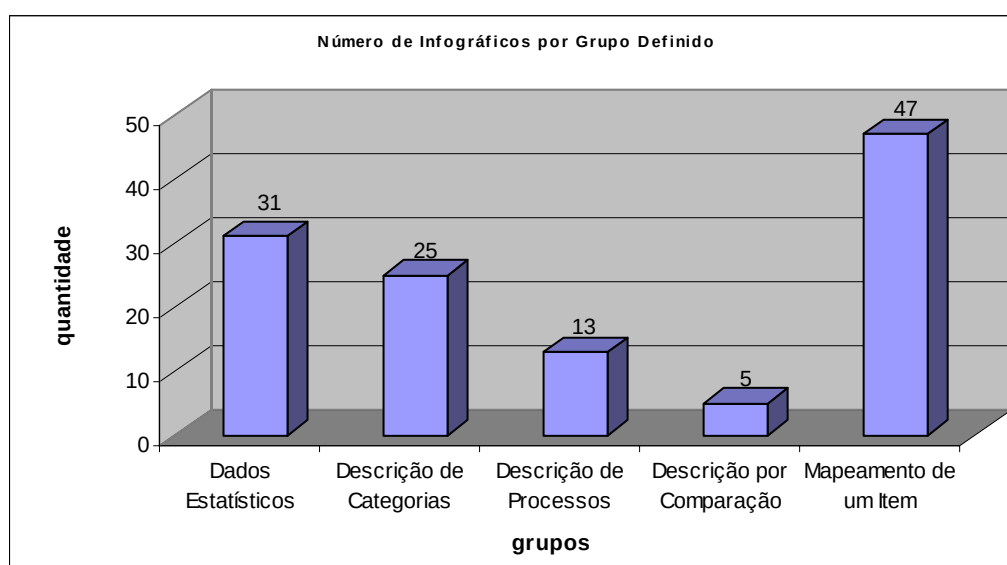


Gráfico 1 – Amostra de infográficos coletados classificados por grupos característicos.

A partir da identificação dos infográficos em cada grupo, deu-se início à definição dos critérios para a delimitação do *corpus* que iria compor a análise desta pesquisa. O primeiro critério foi identificar os cadernos que apresentavam a maior representatividade em termos dos grupos de infográficos identificados anteriormente, sendo selecionados os cadernos Cotidiano, Saúde e Esporte, embora dois deles não apresentassem todos os cinco agrupamentos (em termos do tipo Descrição de Categoria, o caderno Saúde; em termos do tipo Descrição por Comparação, o caderno Cotidiano). Para melhor visualização dessa seleção dos infográficos, é apresentado o gráfico 2, que traz os cadernos selecionados em destaque.

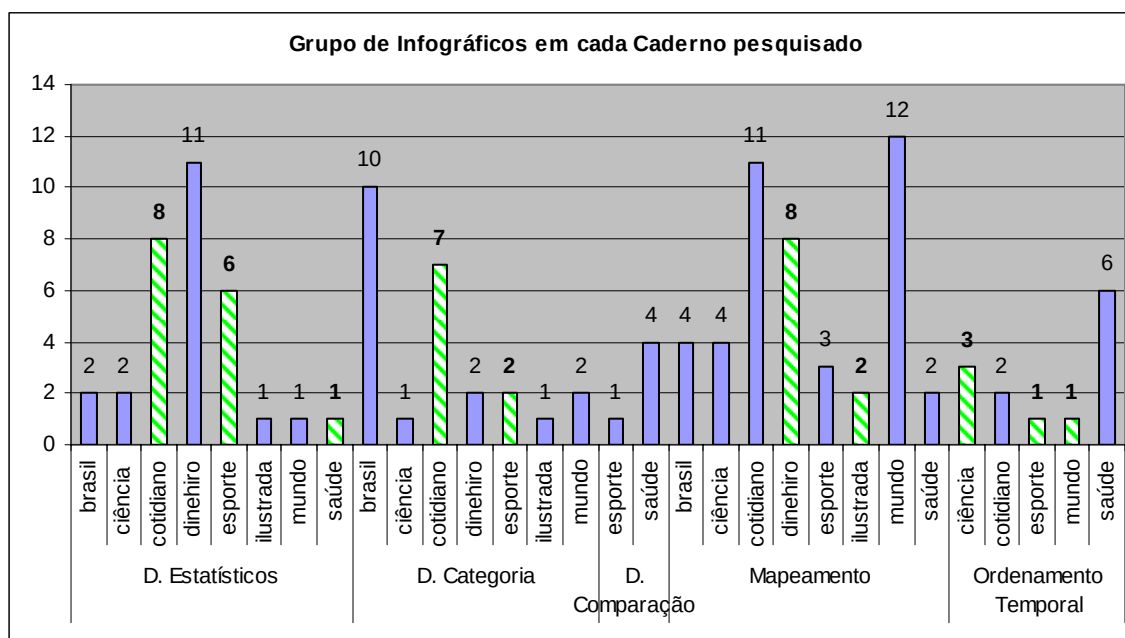


Gráfico 2 – Infográficos coletados classificados por grupos e os cadernos selecionados para compor a amostra.

Assim, a seleção do *corpus* baseou-se nos três cadernos com maior recorrência dos cinco grupos estabelecidos, sendo coletados dois infográficos dos cadernos mais representativos e um do de menor ocorrência do gênero; havendo a ocorrência do tipo específico de infográfico em apenas dois cadernos, optou-se por coletar três exemplares do caderno de maior ocorrência e dois do de menor. Na tabela 1, é possível visualizar quais são os infográficos que compõem o *corpus* para análise e os cadernos nos quais ocorreram.

Dados Estatísticos	
Caderno Cotidiano	02 infográficos
Caderno Esporte	01 infográficos
Caderno Saúde	02 infográficos
Descrição de Categoria	
Caderno Cotidiano	03 infográficos
Caderno Esporte	02 infográficos
Descrição por Comparação	
Caderno Esporte	01 infográficos
Caderno Saúde	04 infográficos
Descrição de Processo	
Caderno Cotidiano	01 infográficos
Caderno Esporte	01 infográficos
Caderno Saúde	03 infográficos
Mapeamento de um Item	
Caderno Cotidiano	02 infográficos
Caderno Esporte	01 infográficos
Caderno Saúde	02 infográficos

Tabela 1 – Cadernos e número de infográficos que compõem o *corpus* da pesquisa separados por grupos de infográficos.

É perceptível, portanto, que em termos de dois grupos de infográficos não foi possível, a partir da coleta dos dados, contemplar os três cadernos. No caso do grupo Descrição de Categorias, não se identificou exemplar de infográfico no caderno Saúde. Do mesmo modo, no grupo Descrição por Comparação, não foi encontrado exemplar de infográfico no caderno Cotidiano. Contudo, para atender um número de cinco infográficos por grupo de infográfico, foram selecionados mais infográficos por cadernos nesses dois casos seguindo-se a ordem dos cadernos de maior ocorrência de infográficos, conforme demonstra o gráfico 1: Cotidiano, Esporte, Saúde.

É importante ressaltar que o *corpus* desse trabalho não compreende gêneros como Cineminha, *Storyboard* ou Cronologia. Estes gêneros, ainda que apresentem elementos gráficos, não compreendem o conceito de infográfico que está sendo considerado nesta pesquisa.

4.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

A partir dos exemplares de infográfico selecionados e identificados em categorias quanto ao propósito e organização textual, considerou-se dois métodos de análise do escopo da abordagem sociorretórica: o levantamento dos movimentos retóricos que organizam os

textos do gênero e a relação do gênero infográfico com os textos aos quais serve de complementação na página.

O primeiro eixo da análise é a aplicação do modelo CARS de Swales (1990) aos infográficos. Esse modelo (conforme já se especificou na revisão de literatura desse trabalho, na seção 2.1.2) compreende dois níveis de informação: o primeiro denominado “movimento”, por representar as unidades maiores de informação no texto; o segundo nível denominado “passos”, por corresponde a elementos que realizam o movimento, podendo ocorrer mais de um passo para a realização de determinado movimento.

O segundo eixo dessa pesquisa compreende o estudo do infográfico em relação aos textos que o circundam no espaço de publicação da página, a partir de uma comparação das informações mútuas e a relação entre elas. O suporte teórico para essa análise é o trabalho de Bazerman (1994, 2005), mais especificamente o conceito de “sistemas de atividades”, que compreende a organização de cada conjunto de gêneros e a relação entre eles, ou seja, o encadeamento das informações entre os gêneros que permeiam determinada atividade comunicativa.

Em termos da presente pesquisa, objetiva-se verificar a relação do infográfico com os textos que o acompanham, buscando compreender como as informações são apresentadas, comparando-as. Um infográfico pode estar circundado por mais de um texto, conforme poderá ser verificado durante a análise, isso porque uma informação central pode apresentar informações complementares apresentadas em textos complementares.

Como embasamento teórico para a execução da análise desse segundo eixo, fez-se necessário entender, a partir de pesquisa anterior, em que consistem a reportagem e a notícia, gêneros que aparecem atrelados aos infográficos. Para isso, recorreu-se ao trabalho de Bonini (2008, 2009) no qual ele, a partir de uma pesquisa com textos do Jornal do Brasil, procura definir reportagem e notícia e defender a tese de esses gêneros perfazem um contínuo de nove gêneros específicos (quadro 3), e somente podem ser entendidos e conceituados nesse contexto.

Grupo	Gênero	Propósito
Factual	Notícia	Relatar um fato/acontecimento
	Reportagem retrospectiva	Explicar a origem de fato
	Reportagem de opinião	Abordar um fato ou assunto mediante opinião(ões) coletada(s)
	Reportagem perfil	Descrever personagem ou instituição relacionada a fato, a assunto em evidência ou que tenha prestígio social ou fama
	Reportagem de cobertura	Relatar o dia-a-dia de instituição, festividade ou fato duradouro
Temático	Reportagem de produto	Descrever novo produto
	Reportagem de pesquisa	Aportar dados de interpretação de problema em evidência ou de tendência de comportamento social
	Reportagem didática	Explicar um assunto, situação problema ou serviço
	Reportagem de roteiro	Apontar possibilidades de passeio turístico.

Quadro 3 – Propósitos da notícia e dos gêneros da reportagem (BONINI 2008, p. 37)

5 ANÁLISE DOS DADOS

Ao longo deste capítulo serão relatados os resultados obtidos nesta pesquisa. Inicialmente serão apresentados os resultados relativos à relação entre o infográfico e o jornal. Em seguida, o processo de categorização dos infográficos; que em seguida é complementado pela organização retórica do gênero estudado; e, por último é apresentado a relação do infográfico com os outros textos do jornal.

5.1 A RELAÇÃO ENTRE O INFOGRÁFICO E O JORNAL

A recorrência do gênero infográfico é pequena em relação à dos demais gêneros jornalísticos, mas, se considerada uma sequência de edições, esse gênero é facilmente encontrado nos cadernos do jornal Folha de S. Paulo.

Conforme Bonini (2001), esse jornal se compõe de um módulo básico (1º. Página, páginas de opinião e caderno de notícias nacionais e internacionais), os cadernos fixos (economia, assunto cotidianos, esporte, cultura) e os cadernos alternáveis (adolescente, turismo, agricultura, informática, infantil, e veículo-emprego). Para efeitos dessa pesquisa está-se considerando apenas duas naturezas nesses cadernos – os fixos e os variáveis – sendo que a pesquisa considerou apenas os cadernos fixos, quais sejam:

- Brasil: cobertura dos acontecimentos no país (incluindo também a editoria de política);
- Ciência: descobertas e curiosidades relacionadas à ciência;
- Cotidiano: assuntos diversos, incluindo, por exemplo, policial, eventos e produtos;
- Dinheiro: economia;
- Esporte: cobertura dos vários esportes, mas com centro no futebol;
- Ilustrada: cobertura sobre cultura (música, teatro, cinema, livros, etc.); e
- Mundo: cobertura dos fatos internacionais.

Como foi dito no capítulo de metodologia, optou-se por considerar uma grande seção do caderno cotidiano, a seção de saúde, como um caderno a parte.

A amostra do material coletado durante 30 edições, como já se disse antes, somou 121 exemplares de infográficos, distribuídos de modos diversos nos cadernos acima citados, conforme pode ser visualizado na no gráfico 3.

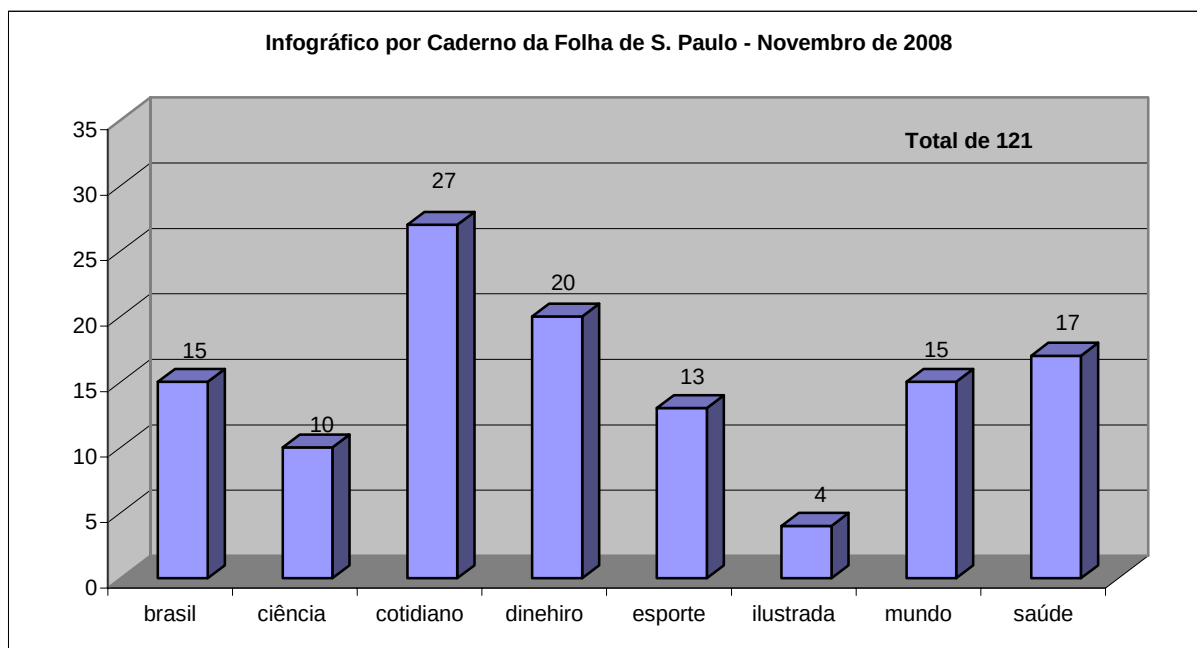


Gráfico 3 – Ocorrência do gênero infográfico nos cadernos do Jornal Folha de S. Paulo no período de um mês.

Percebe-se que o número maior de infográficos encontrados concentra-se no caderno “Cotidiano”, sendo possível concluir que o jornal utiliza-se desse gênero textual para ampliar aspectos da exposição das informações em pauta. Diferentes assuntos, nacionais ou estaduais, são apresentados com infográficos, possivelmente, como forma de atrair o leitor com as ilustrações e/ou tornar os dados aportados mais imediatamente visíveis. Essa hipótese foi construída a partir da descrição apresentada no manual da redação da Folha de S. Paulo (FOLHA, 1987) para o caderno Cotidiano:

Oferece ao leitor informações úteis ao seu dia-a-dia nas áreas de segurança, educação e direito do consumidor. Traz diariamente notícias relativas às principais capitais do país. Na edição São Paulo, concentra sua cobertura na capital paulista. Procura prestar serviço ao leitor sobre temas como direito do consumidor, saúde, trânsito e meteorologia. (Cadernos Diários - Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/cadernos_diarios.shtml. Acesso em 30.08.09)

De modo geral, o gênero ocorre em todos os cadernos do jornal. Chama a atenção, contudo, o fato de aparecer em menor número no caderno de cultura (Ilustrada), embora

também se deva dizer que não se dispõe de dados suficientes para uma interpretação mais embasada da ocorrência maior ou menos do gênero nesses cadernos.

Com relação a ocorrência do infográfico na página, ela se dá sempre no sentido de formar um bloco com outro texto, podendo se acompanhado por mais de um texto. Na figura 19, é possível se visualizar um infográfico formando bloco com outros dois textos: “Imetro cede a lobby e libera cadeira sem selo de segurança” e “Órgão admite que decisão visa desovar estoque”.



Figura 19 – Infográfico no caderno Cotidiano do dia 06.11.08 – Título principal: Imetro cede a lobby e libera cadeira sem selo de segurança

O texto central em termos da figura 19 aborda a questão da liberação da venda do produto (cadeirinha utilizada para transporte de crianças em automóveis) sem o selo do órgão

regulador de segurança e qualidade (o Instituto de Pesos e Medidas – IMETRO). É uma notícia. O infográfico procura explicar ao leitor quais as especificações indicadas para cada criança. O enfoque é dado à preocupação em explicar as características ideais do produto ao consumidor, já a reportagem está informando uma decisão política. Na parte de baixo, há uma reportagem que faz uma espécie de denúncia.

No infográfico da imagem 20 temos outro aspecto a ser verificado, o título principal aborda a interdição do acesso a algumas áreas atingidas pelas chuvas / deslizamentos ocorridos no mês de novembro de 2008, no estado de Santa Catarina, isso devido aos saques que estavam ocorrendo.



Figura 20 – Infográfico no caderno Cotidiano do dia 28.11.08 – Título Principal: Polícia limita acesso a áreas destruídas para evitar saques.

A reportagem que vem antes do infográfico, na ordem de leitura da página, está relacionada aos furtos e as áreas que estavam sendo interditadas por causa dos deslizamentos de terra. Já o infográfico aborda uma informação complementar, apresentando as características do solo no local, os riscos de novos deslizamentos e causas prováveis. Além disso, são apresentados gráficos apontando a frequência de desastres naturais na região atingida, num comparativo entre anos. Estes dados não são tratados no texto que acompanha o infográfico.

É importante salientar que nos 25 infográficos analisados, e conseqüentemente os textos que os acompanhavam, não foram encontrados referência de um para o outro, ou seja, na reportagem ou na notícia não houve indicação de que o leitor verificasse o infográfico, e vice-versa. Mas, informações comuns e iguais foram encontradas nos gêneros infográfico e o outro que o acompanha.

Não é possível definir a localização do infográfico no jornal, considerando que este apresenta variação em suas dimensões e formas, podendo ser diagramado entre os outros textos, preenchendo espaços da página, mas estando na mesma página do assunto principal em pauta.

5.2 ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DO INFOGRÁFICO

Antes de entrar na descrição da organização retórica dos infográficos estudados, caber retomar um aspecto central para que se compreenda essa organização: os agrupamentos de infográficos em cinco categorias.

Como apresentado no capítulo anterior, o primeiro passo após a coleta dos infográficos foi fazer uma categorização do corpus a partir do propósito e da organização desse gênero, seguindo-se os pressupostos teóricos da abordagem sociorretórica.

A categorização dos textos coletados permitiu que se chegasse a cinco grupos de infográficos, que foram denominados conforme a sua característica predominante, quais sejam, os infográficos:

a) de dados estatísticos: Os infográficos identificados como integrantes deste grupo se caracterizam por demonstrar informações na sua maioria numéricas de uma forma

gráfica, utilizando-se de imagens, cores, formatos que estão relacionados diretamente às especificidades do assunto. A organização mais simples desse tipo de infográfico compreende um gráfico estatístico que tem uma imagem fotográfica como plano de fundo. A imagem utilizada pode estar relacionada ao assunto na sua amplitude, não especificamente relacionando-se aos dados expressos.

b) de descrição de categorias: A característica principal desse grupo é a apresentação de determinado assunto de forma descritiva, utilizando-se de elementos gráficos e textos sintéticos. Centra-se na determinação das características de um objeto.

c) de descrição por comparação: este grupo tem como atributo básico a apresentação de dados a partir de uma relação de comparação, que se mostra centralmente nas categorias “antes vs. depois”, mas que também pode se especificar em relações como “saudável vs. doente”. As informações são dispostas no infográfico através de imagens acompanhadas por textos, de modo a oferecer ao leitor a possibilidade de examinar simultaneamente duas posições adversas, identificando as semelhanças e as diferenças. Este infográfico de descrição por comparação é frequentemente utilizado em assuntos que abordam aspectos do corpo humano, mostrando em paralelo, por exemplo, determinado órgão em estado saudável e outro em estado doente. A comparação se apresenta com a finalidade pedagógica ao leitor, pois além de expor imagens contraditórias, o infográfico apresenta informações como: causas, prevenção e tratamento.

d) de descrição por ordenamento temporal: o objetivo desse tipo de infográfico é demonstrar o plano processual de determinado assunto, ou seja, descrever as informações a partir de etapas cronológicas do processo, podendo essas etapas ser apresentadas em perspectiva crescente ou decrescente.

e) de mapeamento de um item: o objetivo desse grupo de infográficos é apresentar dados que podem ser visualizados desde o micro até o macro ou, ao contrário, do macro para o micro, descrevendo suas especificidades de acordo com o assunto abordado.

A partir da proposta metodológica empregada nessa pesquisa, centrada no trabalho de Swales (1990) com movimentos retóricos de organização do gênero/texto, foi desenvolvida a tarefa de verificar a organização textual e retórica do infográfico.

Durante a análise, foi possível verificar determinada regularidade de movimentos e passos entre os infográficos dos cinco grupos aqui definidos. Por isso condensou-se a organização retórica em um modelo único para o gênero infográfico.

Antes da apresentação da estrutura retórica do gênero infográfico se faz necessário delimitar os significados de alguns termos e expressões que são adotadas na análise, sendo eles:

- a) Elemento gráfico: todo elemento visual em forma de imagem, ilustração, diagrama, gráfico estatístico e desenho;
- b) Elemento verbal: textos que compõe o infográfico, desde legendas a listas de dados contextualizadores;
- c) Lista de dado: podendo ser apresentada em forma de tópicos ou textos, compreendendo explicativos e informações adicionais.

Na organização retórica foram identificados 3 movimentos retóricos: 1) Identificar o infográfico, 2) Compor o infográfico e 3) Contextualizar o infográfico. Esses movimentos compõem-se, por sua vez, de 17 passos retóricos. No quadro a seguir, é possível visualizar a disposição dos movimentos e passos encontrados nos infográficos:

Movimentos e Passos	Quant.	%
M1 – Identificar o infográfico		
P1 – Apresentar o assunto	25	100
P2 – Acrescentar informações sobre o assunto	22	88
M2 – Compor o infográfico		
P1 A – Apresentar elemento gráfico estatístico	5	20
P1 B – Apresentar elemento gráfico descritivo	5	20
P1 C – Apresentar elemento gráfico comparativo	5	20
P1 D – Apresentar elemento gráfico de ordenamento temporal	5	20
P1 E – Apresentar elemento gráfico de mapeamento	5	20
P2 – Apresentar elemento verbal	25	100
P3 A – Detalhar informação(ões) na forma de um destaque	1	4
P3 B - Detalhar informação(ões) de forma microscópica	3	12
P3 C - Detalhar informação(ões) de forma macroscópica	5	20
P3 D - Detalhar informação(ões) pela apresentação de formas e partes	1	4
P3 E - Detalhar informação(ões) por variação de categoria	4	16
P4 – Citar a fonte da informação	17	68

M3 – Contextualizar o infográfico		
P1 – Apresentar elementos complementares em forma de gráficos	13	52
P2 - Apresentar elementos complementares em forma de lista	17	68
P3 - Apresentar imagens em forma de ilustração	6	24

Quadro 4 – Organização retórica dos infográficos.

Diante do exposto acima, apresento e exemplifico, nos próximos parágrafos, a descrição da organização retórica dos infográficos analisados nesta pesquisa.

No **Movimento 1 – Identificar o Infográfico**, ocorre a apresentação do assunto que é abordado no infográfico, sendo esse dividido em 2 passos: o primeiro realiza a apresentação do assunto a partir de um título, podendo ser seguido de um breve descritivo sobre o assunto. Esse último passo foi evidenciado em 88% dos 25 exemplares analisados. Vejamos um exemplo:

M1

P1 - Apresentar o assunto: Crianças no trânsito

P2 – Acrescentar informações sobre o assunto: Inmetro libera venda de assentos infantis automotivos sem certificação de segurança.

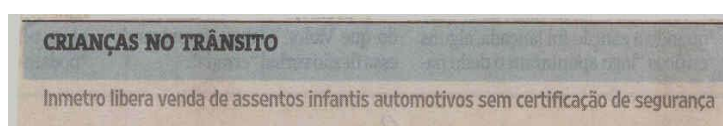


Figura 21 – Infográfico do caderno Cotidiano do dia 06.11.08

O **Movimento 2 – Compor o infográfico** – esse movimento é responsável pela estruturação da informação que toma o centro do infográfico. Ele se realiza através de diversas estratégias alternativas, sendo que a ocorrência de infográficos de um tipo ou de outro (comparativos, de mapeamento etc.) depende de quais estratégias são postas em funcionamento. Dentre os 11 passos que compõem esse movimento, os cinco primeiros, ao serem utilizados alternativamente, são responsáveis pela concretização de dado exemplar de infográfico como pertencente a um dos agrupamentos apontados anteriormente: a) infográfico de dados estatísticos; b) de descrição de categoria; c) de descrição por comparação; d) de

descrição por ordenamento temporal; e e) de mapeamento de um item. Desse modo ocorre um desses tipos de infográfico quando o ilustrador opta por: P1 A - Apresentar elemento gráfico estatístico (grupo Dados Estatísticos); ou P1 B - Apresentar elemento gráfico descritivo (grupo Descrição de Categoria); ou P1 C - Apresentar elemento gráfico comparativo (grupo Descrição por comparação); ou P1 D - Apresentar elemento gráfico de ordenamento temporal (grupo Ordenamento Temporal), ou P2 E - Apresentar elemento gráfico de mapeamento (grupo Mapeamento de um item). Abaixo segue apresentação de um exemplo para cada passo:

M 2 – Compôr o infográfico

P1 A - Apresentar elemento gráfico estatístico

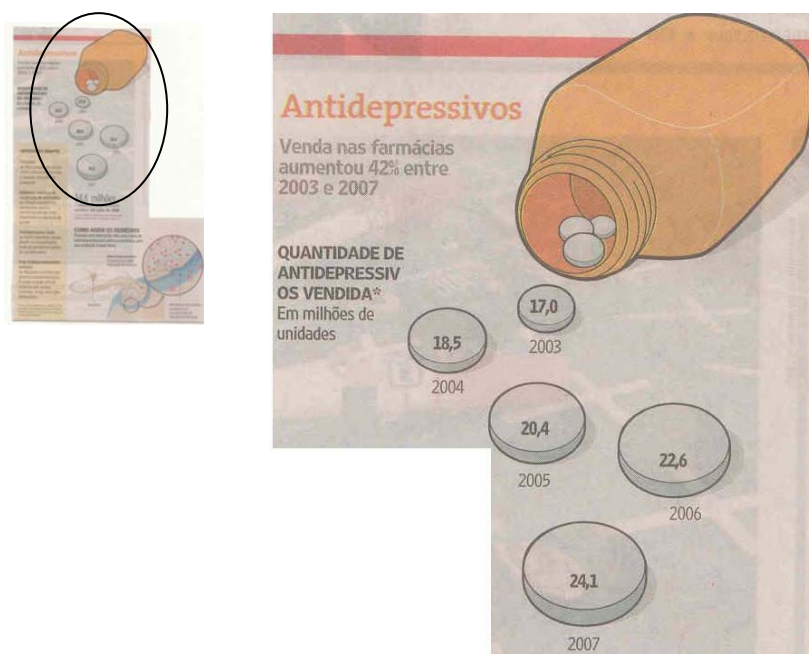


Figura 22 – Infográfico no caderno Saúde do dia 12.11.08 – Grupo Dados Estatísticos

O infográfico pertencente ao grupo de Dados Estatísticos apresenta informações como números, porcentagem, etc., sendo que esses dados são auxiliados em sua expressão pelos recursos imagéticos. Neste exemplo, podemos perceber a representação de comprimidos antidepressivos em tamanhos diferentes, indicando, pelo tamanho e pela disposição em perspectiva, o aumento anual na venda desses remédios.

M 2 – Compôr o infográfico

P1 B - Apresentar elemento gráfico descritivo



Figura 23 – Infográfico no caderno Cotidiano do dia 06.11.08 – Grupo Descrição de Categorias.

O que se observa neste passo 1B é a preocupação em descrever determinada categoria de forma a especificar suas características, ou seja, demonstrar visualmente ao leitor itens como formatos, dimensões, entre outros itens descritivos. No caso demonstrado aqui (figura 21), pode-se perceber que a descrição se refere à variação de modelos de cadeirinhas infantis para automóveis: quais são suas especificidades e a distinção de umas em relação às outras. São apresentados três modelos de cadeirinhas conforme a idade, apontando-se como devem ser utilizadas nos automóveis.

M 2 – Compôr o infográfico

P1 C - Apresentar elemento gráfico comparativo

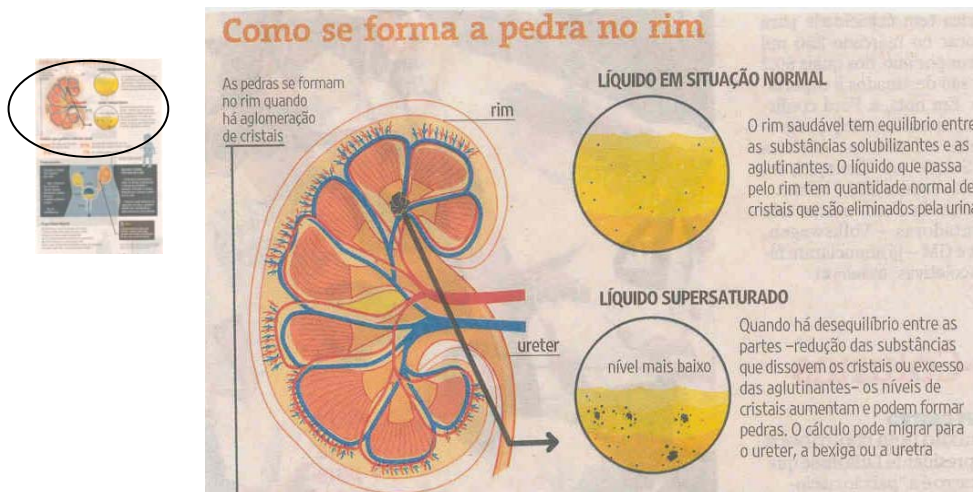


Figura 24 – Infográfico no caderno Saúde do dia 05.11.08 – Grupo Descrição por comparação.

O infográfico utilizado com o propósito de apresentar um comparativo traz, em geral, três elementos gráficos: um elemento gráfico visualizado na sua forma microscópica ou macroscópica como identificador do espaço de que se está descrevendo, e em seguida ~~os~~ dois elementos gráficos postos em relação de comparação. Na figura 22, podemos perceber o elemento gráfico comparativo correspondendo a dois estados possíveis de um objeto, nesse caso o rim: um item em estado normal e outro em estado alterado.

Em se tratando da área da saúde, os infográficos utilizam a descrição por comparação com o propósito de enfatizar a distinção entre o estado de um organismo doente e outro saudável. Por meio dessa descrição gráfica do são versus doente busca-se demonstrar visualmente a evolução de determinada doença.

M 2 – Compor o infográfico

P1 D - Apresentar elemento gráfico de ordenamento temporal



Figura 25 – Infográfico no caderno Saúde do dia 15.11.08 – Grupo Descrição por Ordenamento Temporal

Como apresentado anteriormente, este grupo de infográficos denominado “infográfico por ordenamento temporal” tem por finalidade demonstrar o aspecto processual de determinado assunto, ou seja, descrever os passos, as etapas da transformação de um estado para outro. Visualizando a figura 23, é possível perceber que os elementos gráficos estão acompanhados de uma breve descrição, enumerados de forma processual, sendo que a ilustração é apresentada apenas como elemento atrativo, ou seja, como uma visualização parcial do que está descrito.

M 2 – Compor o infográfico

P2 E - Apresentar elemento gráfico de mapeamento

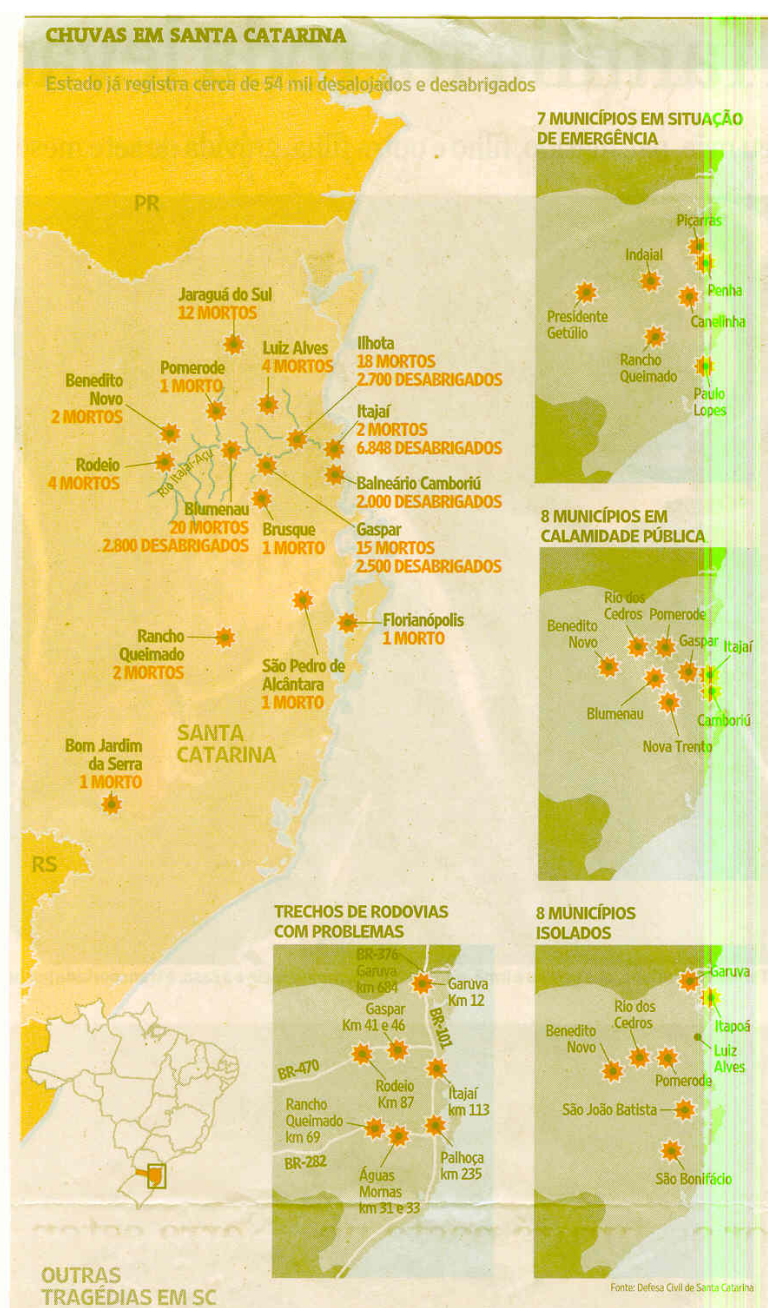


Figura 26 – Infográfico no caderno Cotidiano do dia 03.11.08 – Grupo Mapeamento de um Item.

O passo 1E realiza a ação de localizar determinado item em um plano maior, ou seja, indica visualmente a localização do assunto principal no seu espaço. A figura 24 identifica as áreas atingidas pelas chuvas no estado de Santa Catarina no mês de novembro de 2008. Com o recurso de mapas, é informado, por exemplo, as cidades isoladas e as rodovias com problemas. Um detalhe importante a se ressaltar neste grupo de infográficos é a possível ocorrência das figuras em duas dimensões: a macroscópica (nesse exemplo, o mapa do Brasil) e a microscópica (os diversos cortes relativos ao litoral do estado de Santa Catarina). É importante ressaltar que em termos do passo 1 do movimento 2, se consideras as suas várias possibilidades (A, B, C, D, E), ocorre uma de cada vez, não havendo a utilização de dois desses passos em um mesmo infográfico.

O segundo passo do movimento 2 (apresentar elemento verbal) está relacionado aos elementos verbais que compõem o infográfico, consistindo em textos explicativos e legendas (textos longos ou curtos). Estes textos estão junto ao elemento gráfico, compreendendo as funções de descrição, explicação e identificação dos componentes dispostos graficamente. Na figura 25 (abaixo), podemos visualizar os textos que circundam os elementos gráficos com a finalidade descritiva.

Ainda no movimento 2 (compor o infográfico) é possível visualizar um terceiro grupo de passos que apresenta diversas alternativas dentro de uma mesma lógica (os passos 3A, 3B, 3C, 3D, 3E), e que está relacionado ao detalhamento de informações através de recursos como menos ou mais zoom, angulação, destaque de partes e forma, sendo que pode ocorrer mais de um desses passos em um mesmo infográfico. Os passos de detalhamento que são considerados no movimento 2 (compor o infográfico) são: P3A – Detalhar informação(ões) na forma de um destaque; P3B – Detalhar informação(ões) de forma microscópica; P3C – Detalhar informação(ões) de forma macroscópica; P3D - Detalhar informação(ões) pela apresentação de formas e partes; e P3E - Detalhar informação(ões) por variação de categoria. Vejamos um exemplo de detalhamento:

M 2 – Compor o infográfico

P3 B - Detalhar informação(ões) de forma microscópica

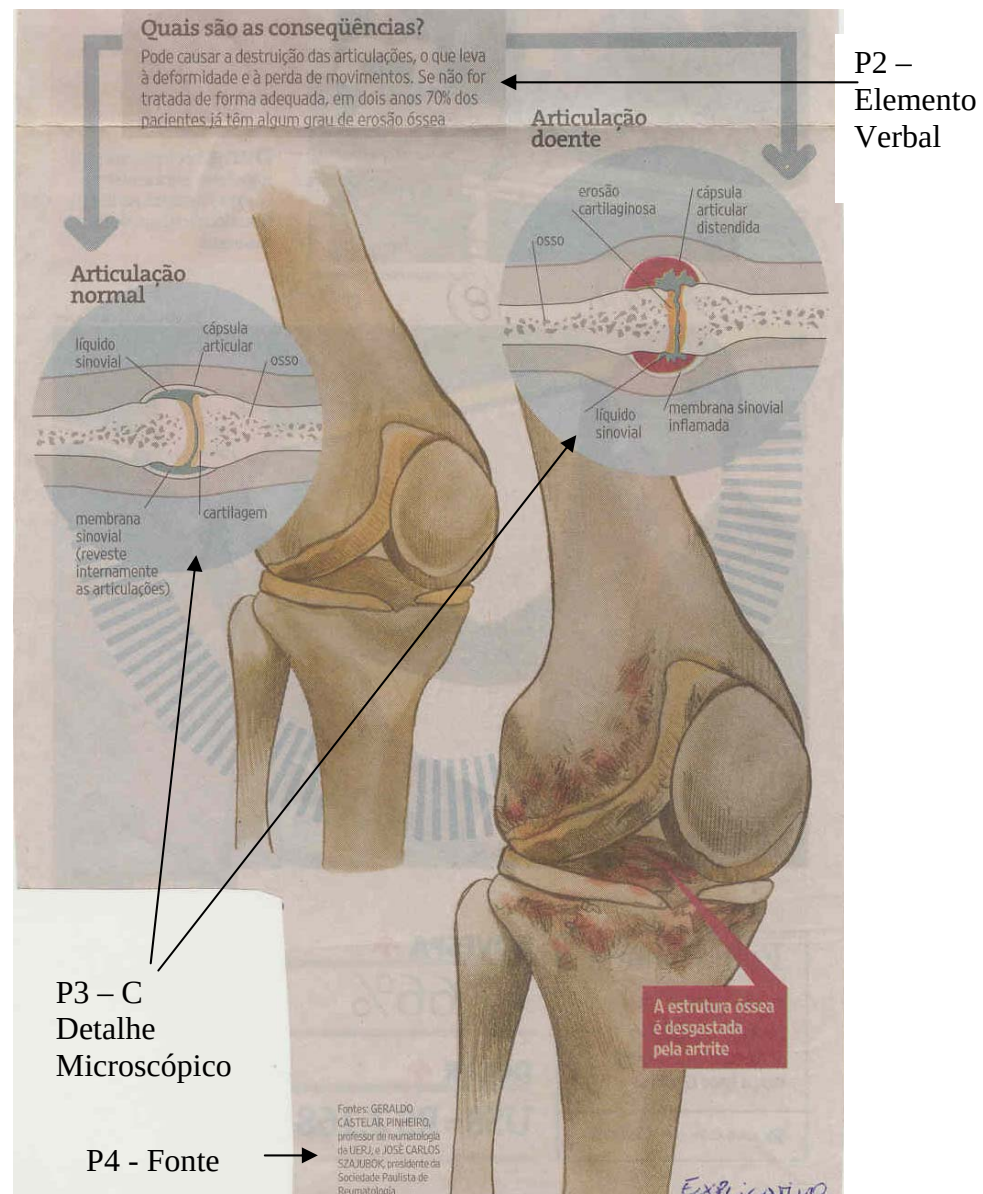


Figura 27 – Infográfico no caderno Saúde do dia 04.11.08 – Grupo Descrição por Comparação

No movimento 2 (compor o infográfico), foi possível visualizar um quarto passo, que está relacionado à identificação da fonte da qual as informações foram obtidas para compor o infográfico. O **passo 4 (citar a fonte da informação)** pode ser visualizado em 76 % dos 25 infográficos componentes dessa análise. Na figura 25 (acima), é possível constatar a forma como a fonte é citada no infográfico.

O último movimento (**M3 – contextualizar o infográfico**) aborda informações complementares do assunto apresentado, ou seja, são informações que estão dispostas ao redor do elemento gráfico principal. Essas informações são adicionais, se caracterizando

como informações de contextualização do assunto. O infográfico não depende dos itens que compõem este movimento para ser compreendido. Foram encontrados 3 passos neste movimento, que podem ou não ocorrer simultaneamente no mesmo infográfico. São eles: P1 – apresentar elementos complementares em forma de gráficos; P2 – apresentar elementos complementares em forma de lista, P3 – apresentar imagens em forma de ilustração.

Antes da exemplificação do movimento 3, se faz necessário especificar a diferença entre o passo 1 e o passo 3 apresentados acima. No P1 estão sendo considerados os elementos gráficos que expressam alguma informação adicional, podendo compreender todos os elementos gráficos definidos anteriormente (desenho, gráfico estatístico, imagem, etc.). Já para o P3, a referência é a imagens meramente ilustrativas, que servem como pano de fundo. Vejamos, na figura 26, um exemplo de ocorrência desses três passos.

M 3 – Contextualizar o infográfico

P1 – Apresentar elementos complementares em forma de gráficos

P2 – Apresentar elementos complementares em forma de listas

P3 – apresentar imagens em forma de ilustração

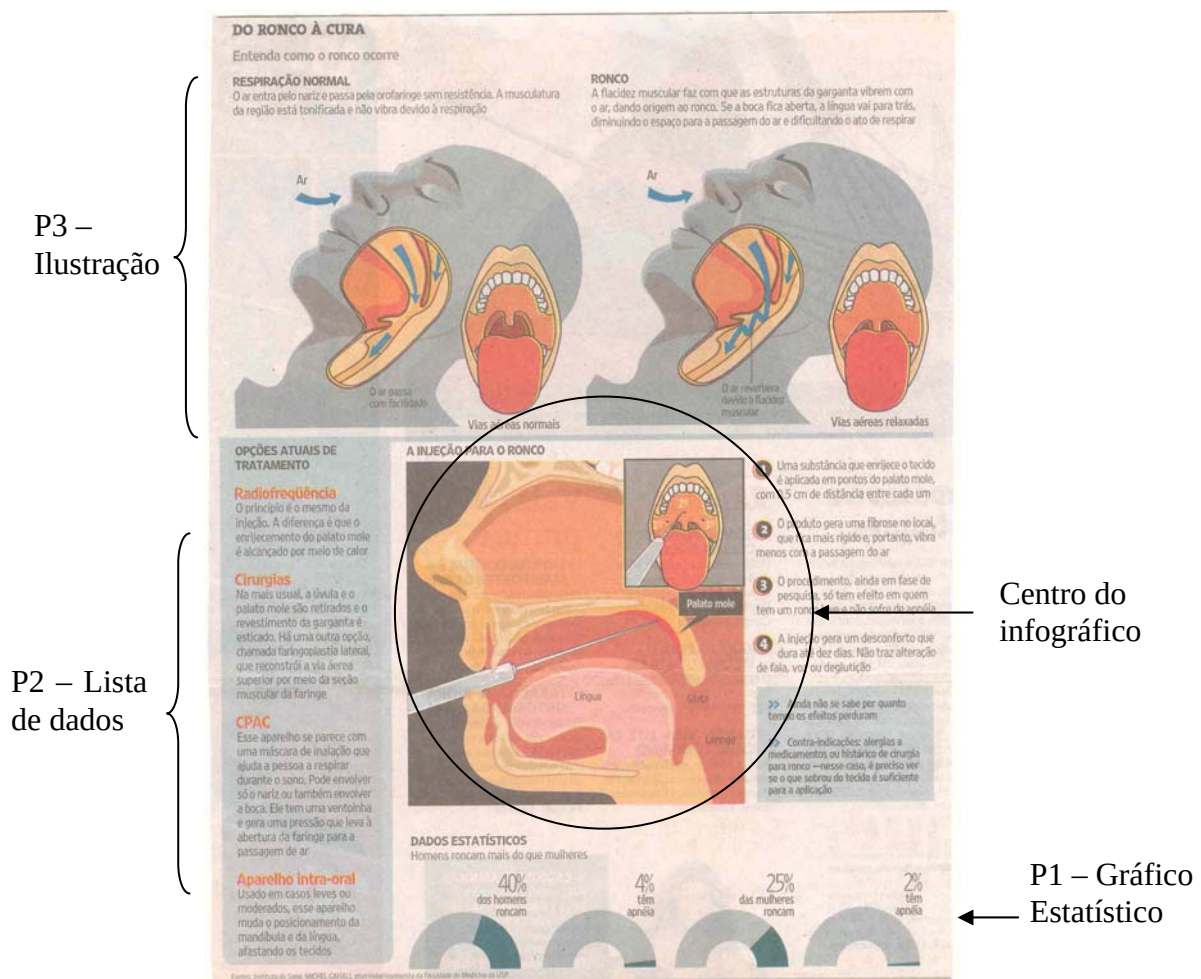


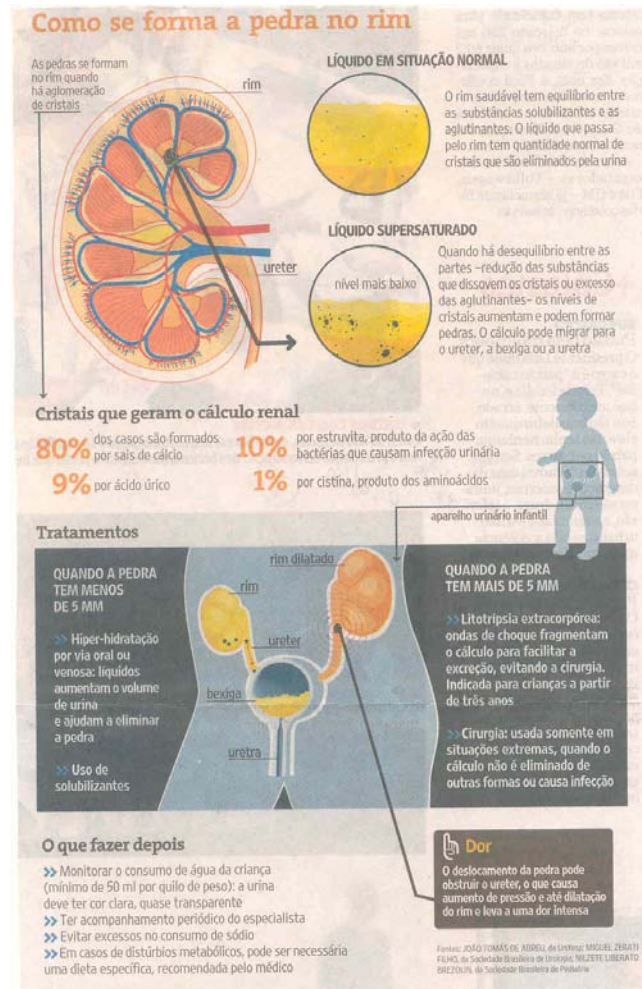
Figura 28 – Infográfico no caderno Saúde do dia 17.11.08 – Grupo Ordenamento Temporal.

A figura 27 traz a apresentação da organização retórica do infográfico com a maioria de seus passos, sendo que nesse caso está se considerando um infográfico do grupo ‘descrição por comparação’:

M1–P1: Apresentar o assunto

M2–P3 C: Detalhar informação de forma macroscópica

M3–P2: Apresentar elementos complementares em forma de lista



M2–P1C: Apres. elem. gráfico comparativo

M2–P2: Apresentar elemento verbal

M3–P3: Apresentar imagens em forma de ilustração

M2–P4: Citar a fonte da informação

Figura 29 – Infográfico no caderno Saúde do dia 05.11.08 – Grupo Descrição por comparação

O infográfico acima indica todos os movimentos da organização retórica levantada na pesquisa, com apenas alguns passos dessa organização, já que estes são selecionados a partir do arranjo das informações que compõem cada grupo.

5.3 RELAÇÃO DO GÊNERO INFOGRÁFICO COM OUTROS TEXTOS

Esta seção do capítulo de análise está dedicada à verificação dos textos que acompanham o infográfico na página do jornal, e às relações existentes entre esses textos e o

infográfico. Foram estudados os textos publicados juntamente com os mesmos infográficos selecionados para a análise. É importante ressaltar que, além dos textos principais (de referência ao infográfico), foram considerados os textos publicados na mesma página e que estavam relacionados ao assunto tratado no infográfico, totalizando 47 textos.

Para a análise dos textos, foi necessário entender a diferença entre a reportagem e a notícia e, posteriormente, identificar quais desses gêneros são de ocorrência mais regular na publicação juntamente com o infográfico.

Em estudo bibliográfico, buscando as pesquisas realizadas pelo PROJOR (Projeto Gêneros do Jornal – Unisul), se evidenciou que esses dois gêneros apresentam características muito similares, havendo dificuldades na sua definição, conforme indicado por Kindermann (2003):

A reportagem é um dos principais gêneros do jornal. Sua constituição como gênero, contudo, não é clara, de modo que as definições constantes nos manuais jornalísticos acadêmicos e de redação e estilo variam bastante, principalmente quanto às suas especificidades estruturais e funcionais. Um breve olhar sobre o jornal nos revela variantes da reportagem e mesmo momentos em que não é muito fácil discerni-la da notícia. (KINDERMANN, p.11)

Outra definição encontramos em Melo (1984) que descreve a notícia como um “[...] relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social”, e reportagem como um “[...] relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações” (p. 65).

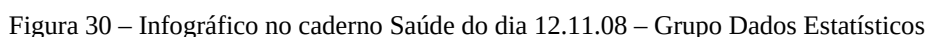
Mas, em uma pesquisa recente, Bonini (2008) apresenta uma nova descrição para estes dois gêneros, sendo que esse trabalho já foi mencionado no item 4.2 dessa pesquisa. Ele propõe que a explicação se dê em termos de dois grupos de textos: a) o factual; e b) o temático (quadro 5, abaixo). O gênero notícia, estando no primeiro grupo, tem como propósito, segundo o autor, “relatar um fato/acontecimento”. Já a reportagem é apresentada com um conjunto de ocorrências que se distinguem pela finalidade de comunicação: retrospectiva, de opinião, de perfil, de cobertura, de produto, de pesquisa, didática, e de roteiro. As variedades que estão no eixo temático são as que mais se caracterizam como reportagem, uma vez que se atêm a um assunto, se distanciando do relato de fato e, portanto, da notícia.

Grupo	Gênero	Propósito
Factual	Notícia	Relatar um fato/acontecimento
	Reportagem retrospectiva	Explicar a origem de fato
	Reportagem de opinião	Abordar um fato ou assunto mediante opinião(ões) coletada(s)
	Reportagem perfil	Descrever personagem ou instituição relacionada a fato, a assunto em evidência ou que tenha prestígio social ou fama
	Reportagem de cobertura	Relatar o dia-a-dia de instituição, festividade ou fato duradouro
Temático	Reportagem de produto	Descrever novo produto
	Reportagem de pesquisa	Aportar dados de interpretação de problema em evidência ou de tendência de comportamento social
	Reportagem didática	Explicar um assunto, situação problema ou serviço
	Reportagem de roteiro	Apontar possibilidades de passeio turístico.

Quadro 5 – Propósitos da notícia e dos gêneros da reportagem (BONINI 2008, p. 37)

Para análise dos textos à que se propõe o segundo eixo metodológico dessa pesquisa foi considerado este último referencial teórico. A partir disso, constatou que os textos que acompanham os infográficos dessa pesquisa são: 10 notícias (21%) e 37 reportagens (79%).

Buscou-se verificar quais informações do texto de base o infográfico retoma. Poucas são as informações compartilhadas, conforme indicado no exemplo a seguir:



Em destaque a

ou seja, o infográfico parece funcionar como um convite à leitura da reportagem. O exemplo a seguir evidencia esta conclusão:

Em destaque as informações que são encontradas na reportagem



Figura 31 – Infográfico no caderno Cotidiano do dia 06.11.08 – Grupo Descrição de Categorias

Inmetro cede a lobby e libera cadeira sem selo de segurança

Exigência de certificado estava em vigor desde 1º de outubro e foi adiada, pelo próprio Inmetro, para 31 de março

Estudo aponta que uso adequado do equipamento reduz os riscos de morte em 71% e a necessidade de hospitalização em 69%

ALENCAR IZIDORO
DA REPORTAGEM LOCAL

O Inmetro cedeu ao lobby do comércio e da indústria e decidiu liberar a venda de cadeirinhas automotivas infantis sem selo de certificação – ou seja, que não passaram por testes de segurança do instituto – até 31 de março do ano que vem.

A exigência de só vender ao consumidor os assentos para transportar crianças com selo do Inmetro estava em vigor desde 1º de outubro, mas foi adiada por uma portaria expedida pelo órgão há uma semana.

Justificativa oficial: as lojas precisam desovar os produtos antigos que estão em estoque – mesmo que eles não tenham a comprovação de qualidade.

Essa informação é encontrada no infográfico

O próprio Inmetro questionou anos atrás a qualidade das cadeirinhas vendidas no país – somente depois fixou a certificação compulsória. Na época, dos testes com seis marcas, quatro não passaram nos ensaios de impacto – para aferir se os dispositivos são capazes de segurar a criança num acidente. Todas os manuais de instrução foram reprovados – problema considerado grave porque, sem instalação adequada, a cadeirinha não resolve.	
--	--

A reportagem, publicada em 6 de novembro de 2008, apresenta uma decisão tomada pelo Inmetro de liberar a comercialização da cadeirinha infantil para automóveis sem o selo de qualidade; isso porque os estoques dos fabricantes precisavam reduzidos. O texto apresenta uma denúncia, seguida de uma contextualização do problema. Isso não ocorre no infográfico, pelo menos não num primeiro momento. O destaque é dado à posição e ao modelo de cadeirinha, que, segundo o código de trânsito, deve ser utilizada para o transporte de criança.

A apresentação da lei que obriga haver o selo do Inmetro nesse utensílio ocorre em texto complementar no infográfico, ou seja, é uma informação adicional no infográfico. Parece que somente após ter visualizado os elementos gráficos do infográfico, já que este atrai pelos traços e realce das cores, e após ter realizado a leitura dos elementos verbais que o compõem, é que o leitor vai avaliar o interesse pela leitura da reportagem.

Outro dado a ser ressaltado é a disposição desses dois gêneros na página do jornal, ainda que o infográfico não disponha de elementos coloridos, os infográficos analisados nesta pesquisa apareceram ao lado, ao centro, ou acima da reportagem. Isso contribui para que o infográfico seja utilizado como uma espécie de lead da reportagem.

Essa hipótese da função do infográfico na mobilização do leitor para a leitura de um texto no jornal, contudo, precisar ser confirmada em pesquisas que apurem esse aspecto com maior rigor.

6 CONCLUSÃO

Neste momento, resgato os objetivos propostos para esta pesquisa, e apresentados na introdução, para pontuar os resultados obtidos.

No que se refere ao primeiro objetivo (determinar a relação entre o gênero infográfico e a organização do jornal), é possível se afirmar, primeiramente, que o gênero ocorre em todos os cadernos consultados e se distribui de forma diversa nesses cadernos, embora a pesquisa não possibilite precisar os motivos dessa variação. Além disso, em termos do primeiro objetivo, a partir do *corpus* analisado, verifica-se que o gênero infográfico se distribui na página em relação a outros textos, com os quais forma um bloco de informação.

Uma hipótese interessante que se pode levantar, nesse sentido, é se gênero infográfico teria a função de “chamar a atenção” do leitor para a leitura do texto base, haja vista que o gênero é composto por ilustrações, na sua maioria coloridas, que são percebidas de imediato no instante em que a página é aberta.

Na análise do *corpus*, foram encontradas cinco espécies de infográfico, sendo diferenciadas, a partir de uma visão sociorretórica, pelo propósito que apresentam e pela organização dos elementos que as compõem.

Essa identificação de tipos de infográficos está relacionada ao segundo objetivo desta pesquisa que é o de levantar a organização retórica do gênero infográfico, utilizando-se como suporte teórico o modelo *CARS* de Swales (1990) e, portanto, essa idéia de uma organização do gênero mediante movimentos e passos. Assim, foi possível identificar três movimentos: a) M1 – identificar o infográfico; b) M2 – compor o infográfico; e c) M3 – contextualizar o infográfico. O primeiro movimento está relacionado à apresentação do assunto a ser desenvolvido no texto. No segundo, há a preocupação com os elementos gráficos e verbais que expõem as informações, segundo o seu propósito central. No terceiro e último são apresentadas informações complementares que proporcionam ao leitor uma contextualização do assunto.

Com relação ao terceiro objetivo (determinar a relação existente entre esse gênero e o texto ao qual serve de complemento, focalizando o sistema de gêneros que perfazem e as relações de conteúdos que se estabelecem), foi possível verificar que o infográfico apresenta o mesmo assunto abordado nos textos que o complementa, podendo ou não trazer informações iguais, ou parciais, porém essas informações são mais uma complementação do que uma retomada do assunto de outra forma (uma paráfrase).

Um estudo complementar a este poderia ser proposto para analisar, em maior profundidade, a relação do gênero jornalístico infográfico com demais gêneros jornalísticos que aparecem na página. Outra forma de continuar o trabalho aqui iniciado seria verificar a recorrência do gênero infográfico em jornais de menor circulação, jornais regionais e jornais populares, objetivando analisar as características desse infográfico em outros contextos.

Nesta pesquisa, o infográfico foi analisado como um gênero jornalístico, mas, em termos do contexto de ensino-aprendizagem, se poderia verificar como este gênero funciona em materiais didáticos, como texto de apresentação do conhecimento de determinada área.

Espero que este trabalho venha a contribuir para os estudos sobre gênero textual, bem como espero que se torne fonte de inspiração para novas pesquisas sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Org. por Angela P. Dionísio e Judith C. Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.

BONINI, A.; Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão/SC, v. 4, n. 1, 2003.

_____. Metodologias para os gêneros textuais: como estudar o encaixe dos gêneros no jornal? In: CAVALCANTE, M. M; BRITO, M. A. P. (org.). **Gêneros textuais e referência**. Fortaleza, CE: PPGL/UFC, 2004.

_____. As relações constitutivas entre o jornal e seus gêneros: relato das pesquisas do 'Projeto Gêneros do Jornal'. In: BRAGA, S.; MORITZ, M. E. W.; REIS, M. S.; RAUEN, F. J. (Org.). **Ciências da linguagem: avaliando o percurso, abrindo caminhos**. Blumenau: Nova Letra, 2008. p. 21-45.

_____. The distinction between news and reportage in the Brazilian journalistic context: a matter of degree. In: BAZERMAN, C.; BONINI, A.; FIGUEIREDO, D. C. (Orgs). **Genre in a changing world**. West Lafayette: Parlor Press; Fort Collins: WAC Clearinghouse, 2009.

BONINI, A.; BIASI-RODRIGUES, B.; CARVALHO, G. de. A análise de gêneros textuais de acordo com a abordagem sociorretórica. In: LEFFA, V. **Pesquisa em lingüística aplicada: temas e métodos**. Pelotas, RS: Educat, 2006.

CARVALHO, G. de. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

COLLE, Raimond. Infografía: tipologias. **Revista Latina de Comunicación Social**, La Laguna (Tenerife), n. 57, jan/jun. 2004. Disponível em: <http://www.ull.es/publicaciones/latina/colle2004/20040557colle.htm>. Acesso em 15 fev. 2009.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro**. Santarém / PT: Jortejo, 1998.

DE PABLOS, José Manuel. **Infoperiodismo: el periodista como creador de infografía**. Madrid: Síntesis, 1999.

DEVITT, Amy J. Intertextuality in tax accounting. In: BAZERMAN, C.; PARADIS, J. (Eds.). **Textual dynamics of the professions**. Madison: University of Wisconsin Press, 1991. p. 336-357.

FOLHA de S. Paulo. **Manual geral de redação**. 2. ed. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1987.

HEMAIS, B.; BIASI-RODRIGUES, B. A proposta sociorretórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

KINDERMANN, Conceição Aparecida. **A reportagem jornalística no jornal do Brasil: desvendando as variantes do gênero**, 2003. Dissertação de Mestrado – Unisul.

MELO, José Marques de (Org.). **Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo**. São Paulo: FTD, 1992.

_____. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MILLER, C. R. 1994. Rhetorical Community: the Cultural Basis of Genre. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (orgs.) **Genre and the New Rhetoric**. London: Taylor & Francis. P 67 – 78.

_____. Genre as Social Action. **Quarterly Journal of Speech**. vol. 70, p. 151-176 (republicado em Freedman & Medway, 1994).

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de comunicação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

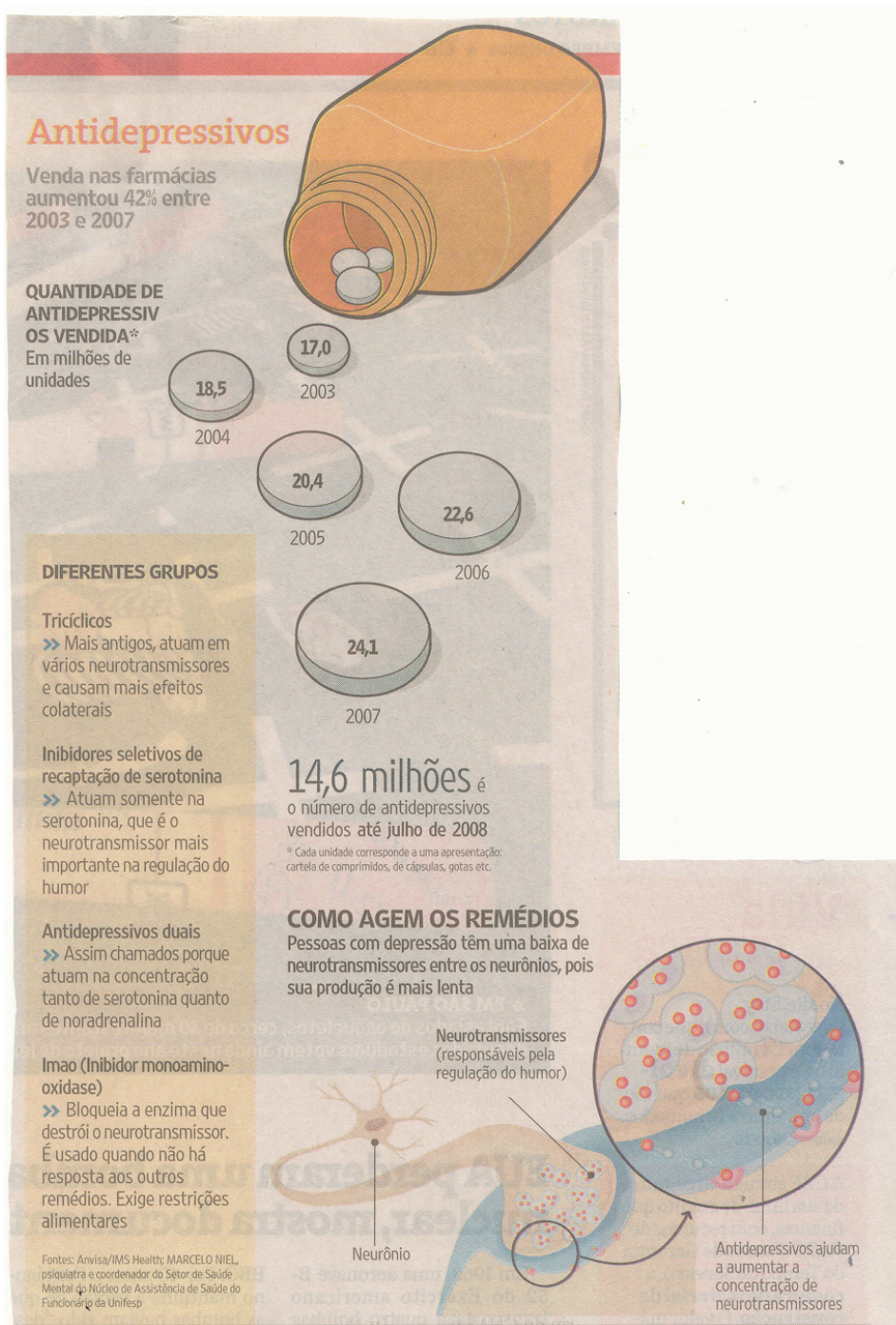
SWALES, J. M. **Genre analysis**: English in academic and research settings. New York: Cambridge University Press, 1990.

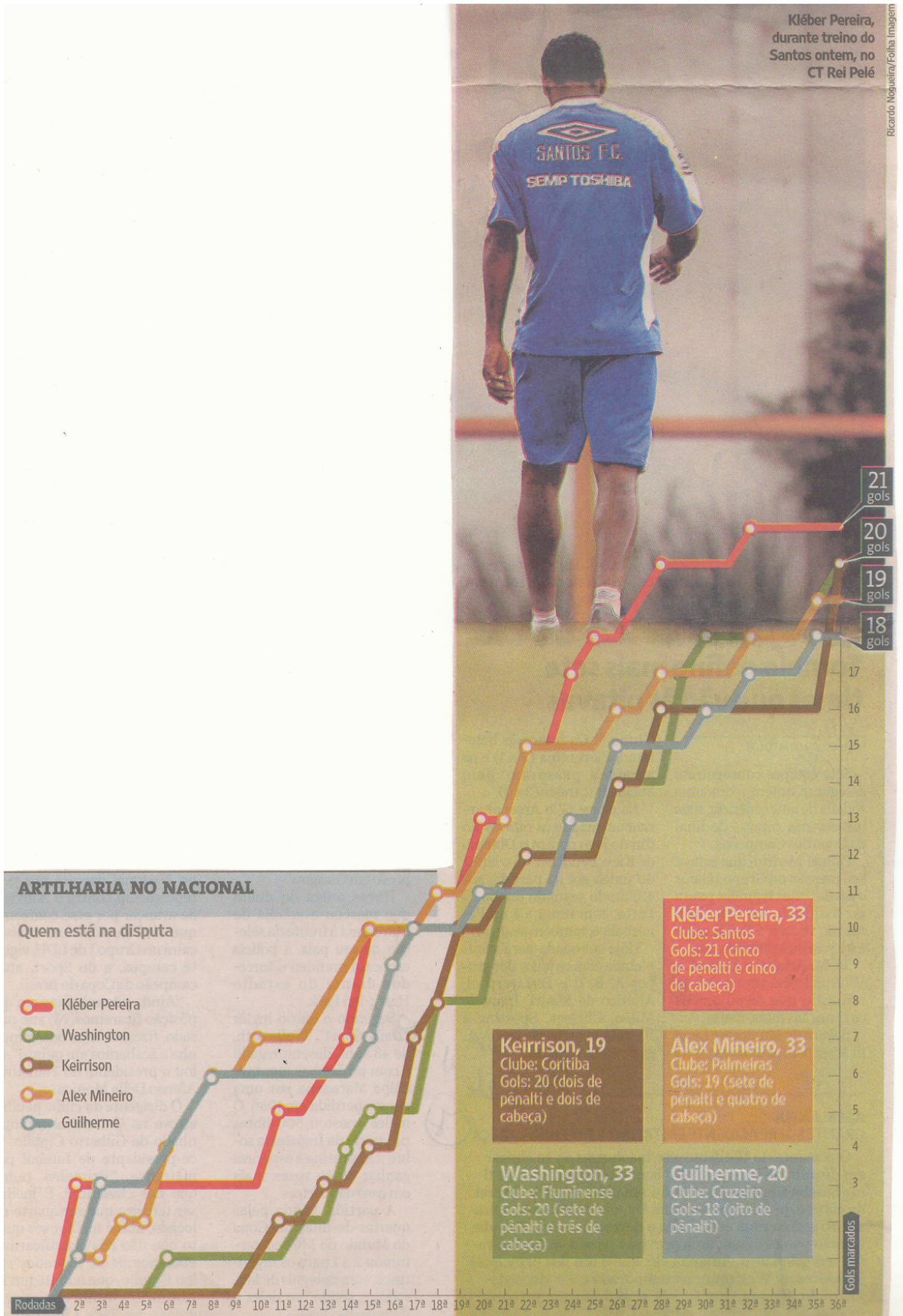
_____. Re-thinking genre: another look at discourse community effects. In: RETHINKING GENRE COLLOQUIUM. Ottawa: Carleton University, 1992.

VALERO SANCHO, J. L. **La infografía**: técnicas análisis y usos periodísticos. València: Universitat de València; Castello de la Plana: Publicaciones de la Universitat Jaume I; Barcelona: Universitat Pompeu Fabra; Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, Servei Publicacions, D.L. 2001.

ANEXOS

ANEXO A – Corpus Infográficos Dados Estatísticos





ENTENDA O IDEB

Índice foi criado pelo MEC para monitorar as metas de melhoria da qualidade da educação

O QUE É O IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica)

Mede 2 variáveis



Taxa de aprovação

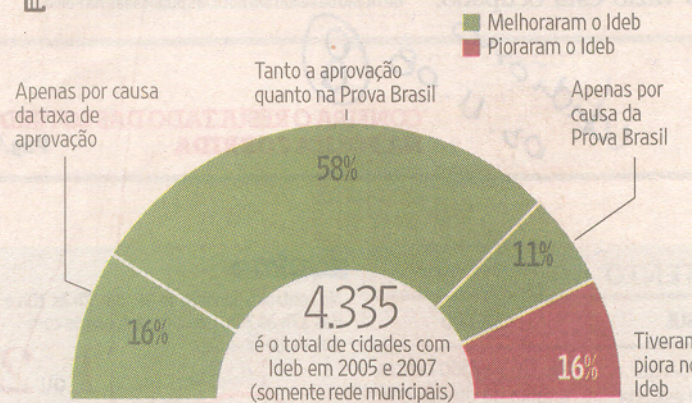


Desempenho dos alunos na Prova Brasil

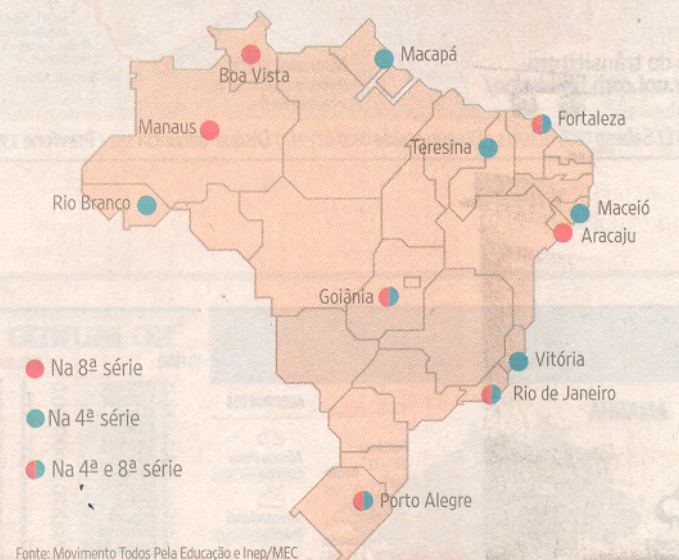
Exame do MEC que avalia a qualidade da educação por meio de testes de português e matemática aplicados a alunos de todo o Brasil



CIDADES QUE MELHORARAM OU PIORARAM NO IDEB



CAPITAIS EM QUE O IDEB AUMENTA, MAS A NOTA DE MATEMÁTICA OU LÍNGUA PORTUGUESA CAI



Fonte: Movimento Todos Pela Educação e Inep/MEC



MORTES NO TRÂNSITO

Líder em vítimas, interior sente menos o efeito da lei seca

Carlos Bassani - 22 jul.08 "Correio Popular"



Carro atingido por motorista embriagado em Campinas, SP

HOMICÍDIOS CULPOSOS EM ACIDENTES DE TRÂNSITO, NO TERCEIRO TRIMESTRE*



Vítimas por 10 mil veículos em 2007



Evolução anual da frota



O que ocorreu após a lei seca**

2005 2006 2007 2008



CAPITAL PAULISTA

GRANDE SÃO PAULO***

INTERIOR PAULISTA



1,44



2,89



3,92



7%



8%



9%



>> O total de registros ficou 15,7% abaixo do de 2007 e 27,5% inferior ao de 2006



>> O total de registros ficou 23,8% abaixo do de 2007, mas 2% acima do de 2006



>> O total de registros ficou só 5,7% abaixo do de 2007, mas 10,8% acima do de 2006

A fiscalização praticamente não existe em cidades médias ou pequenas

HORÁCIO AUGUSTO FIGUEIRA
consultor em trânsito

O interior tem diversas cidades universitárias, onde os jovens bebem bastante e que têm grande potencial de acidentes. Mas nem a polícia nem os órgãos de trânsito estão equipados

JAIME WAIMAN
professor da Universidade de São Paulo

[+] ACIDENTES: CAI Nº DE POSTES ATINGIDOS NA GRANDE SÃO PAULO

Levantamento da Eletropaulo mostrou queda de 24% no número de postes atingidos na Grande São Paulo e na capital paulista após a lei que endureceu a punição para quem dirige depois de beber. Uma das hipóteses está ligada à redução de acidentes de trânsito. Nos 40 dias anteriores à lei seca, 197 postes foram abalroados na área de atendimento da Eletropaulo — 24 municípios da região metropolitana. No período posterior, foram 149. As marginais Tietê e Pinheiros estão entre as vias com mais casos.

OUTROS INDICADORES SOBRE VÍTIMAS DE TRÂNSITO EM SP APÓS A LEI SECA

Grande São Paulo

13.902

atendimentos a vítimas de colisões automobilísticas, quedas de moto e atropelamentos foram registrados nos três meses posteriores à lei seca em 30 hospitais estaduais

43,7%

foi a queda em relação aos 24.687 do mesmo período do ano passado, segundo a Secretaria de Estado da Saúde

Rodovias estaduais paulistas

2,7% e 16%

respectivamente, foram as quedas no número de acidentes e de mortes, de julho a outubro de 2008, segundo a Polícia Rodoviária Estadual, em relação ao mesmo período de 2007

* Registros dos balancetes trimestrais divulgados pela Secretaria da Segurança Pública
** Estatísticas em vigor no dia 20 de junho de 2008
*** Sem incluir a capital paulista
Fonte: Secretaria da Segurança Pública, Polícia Rodoviária Estadual



ANEXO B – Corpus Infográficos Descrição de Categorias



CRIANÇAS NO TRÂNSITO

Inmetro libera venda de assentos infantis automotivos sem certificação de segurança



O QUE DIZ A LEI

Menores de dez anos devem ser levados no banco traseiro com cinto
A partir de junho de 2010 as cadeirinhas **serão obrigatórias** para crianças de até sete anos e meio, sob pena de multa de R\$ 191,54

A partir de 1º de outubro de 2008, as lojas não poderiam mais vender as cadeirinhas sem o selo do Inmetro

A obrigatoriedade da cadeirinha, no entanto, foi postergada para 31 de março de 2009



O QUE O SELO DO INMETRO GARANTE

IMPACTO Assegura que a trava de segurança e o cinto sejam capazes de reter a criança em caso de colisão

CORROSÃO Garante que o material do produto seja resistente

MANUAL Ensina a correta instalação do produto

FORMA Evita que as arestas da cadeira não machuquem a criança

FAIXA ETÁRIA

Confira os tipos de equipamentos conforme a idade

Até 1 ano

Bebê conforto ou conversível

POSICÃO

Voltado para o vidro traseiro, de costas para a direção do carro

Até 4 anos

Cadeira de segurança

POSICÃO

Voltada para a frente do veículo, na posição vertical

De 4 anos a 7 anos e meio

Assento de elevação ou "booster"

POSICÃO

Com cinto de três pontos

POR QUE USAR A CADEIRINHA

Estudo mostrou que o uso do dispositivo pode reduzir o risco de morte em **71%** em acidentes

ORIENTAÇÕES GERAIS

Evite cadeirinhas de segunda mão

Não use cadeira inadequada para a idade e o tamanho da criança

Nunca instale a cadeira no banco da frente

A cadeirinha deve estar bem presa ao assento do carro com o cinto de segurança

Na dúvida sobre a instalação, procure o fabricante

Duas crianças não devem nunca dividir o mesmo cinto de segurança

Após um acidente, a cadeirinha tem de ser substituída

Fonte: Denatran e Criança Segura

PRINCIPAIS RISCOS

Alguns dos poluentes são potencialmente tóxicos e cancerígenos

PARA QUEM NADA

» Risco moderado

Devido à possibilidade de ingestão de água. A chance de efeitos pelo contato com a pele é menor e exigiria exposição prolongada

PARA QUEM VELEJA

» Baixo risco

O contato com a água é pequeno nesse esporte e as substâncias dificilmente são absorvidas pela pele

INGESTÃO DE PEIXES

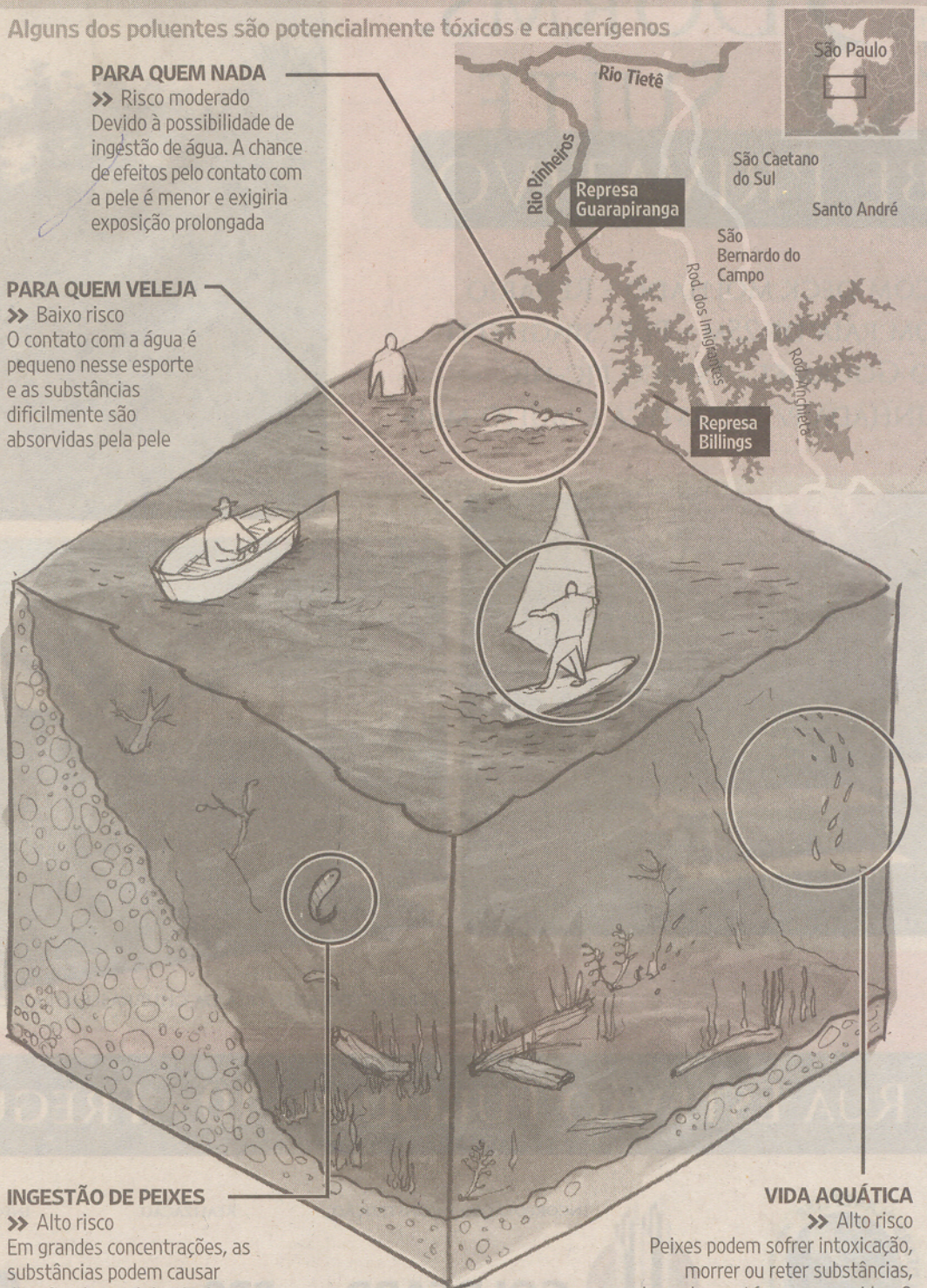
» Alto risco

Em grandes concentrações, as substâncias podem causar diarreia, dores abdominais, problemas no sangue (anemia) e neurológicos (como dificuldade na fala, na memória e tremores)

VIDA AQUÁTICA

» Alto risco

Peixes podem sofrer intoxicação, morrer ou reter substâncias, levando-as até seu consumidor. O fosfato pode favorecer a presença de fitoplânctons, que diminuem o oxigênio e prejudicam os peixes



A "NOVA" F1

Principais mudanças no regulamento

1 PNEUS

» Os compostos slick, sem ranhuras, voltam depois de se despedirem da categoria em 1998
 » A área de contato com o asfalto deve aumentar cerca de 18%

2 MOTORES

» A partir do ano que vem, deverão durar três e não mais duas corridas

3 AERODINÂMICA

» Muitos dos apêndices comumente usados foram banidos. Com isso os carros ficarão mais "limpos"

» Asa dianteira poderá mexer até 6 graus para alterar a carga aerodinâmica durante ultrapassagens

» Asa traseira será mais elevada para evitar "turbulências"

» Difusor será mais longo e mais atrás para reduzir a carga aerodinâmica e as "turbulências"

sistema eletromecânico

4 KERS
(Sistema de Reaproveitamento da Energia Cinética)

» A energia perdida na desaceleração é armazenada ou num sistema elétrico (como nos carros híbridos de passeio) ou num sistema eletromecânico

» O sistema eletromecânico é composto de vários cilindros, que chegam a 60.000 rpm

» O Kers ficará localizado na parte traseira dos carros e pesará entre 25 e 60 kg. A capacidade máxima de armazenamento de energia é de 400 KJ

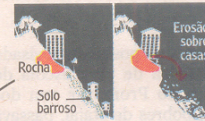
CARACTERÍSTICAS LOCAIS

Fatores da região que podem contribuir para acidentes

NAS ENCOSTAS

Desmatamento

» A medida que se retira a vegetação local, a drenagem natural do morro se altera, diminuindo as infiltrações



Topografia

» Em algumas regiões de Santa Catarina, as declividades (grau de inclinação de uma superfície) são muito acentuadas; e quanto maior a declividade, maior a força da gravidade, contribuindo para deslizamentos

Intervenção em morros

» Construções em morros, como condomínios, alteram os caminhos naturais de drenagem da água, que passam a ser outros, aumentando a instabilidade do terreno



Proximidade dos rios

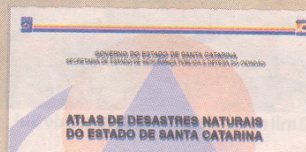
» Grande quantidade de chuva em curto período de tempo colabora com as enchentes na região próxima aos rios

ÁREAS DE RIOS

Desmatamento nas cabeceiras

» Nas cabeceiras do Itajaí, o desmatando das matas ciliares impermeabiliza as cidades, diminuindo a possibilidade de infiltração

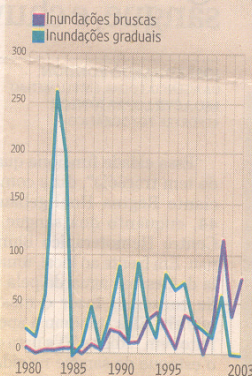
ESTUDO CONCLUÍDO EM 2006 MAPEAVA DESASTRES NATURAIS EM SANTA CATARINA



O ATLAS

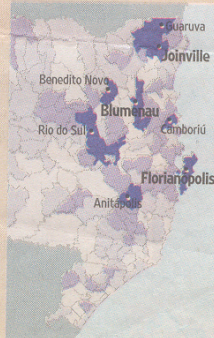
Relatório encomendado pelo governo do Estado à Universidade Federal de SC

FREQÜÊNCIA DE DESASTRES NATURAIS DE 1980 A 2003



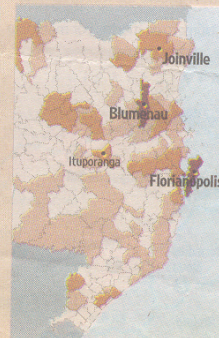
INUNDAÇÃO BRUSCA

Muito alta (6 a 12) Média (2)
Alta (3 a 5) Baixa (0 a 1)



DESLIZAMENTOS

Muito alta (5 a 9) Média (2)
Alta (3 a 4) Baixa (0 a 1)



Fonte: Governo do Estado de Santa Catarina

ANEXO C – Corpus Infográficos Descrição de Processos

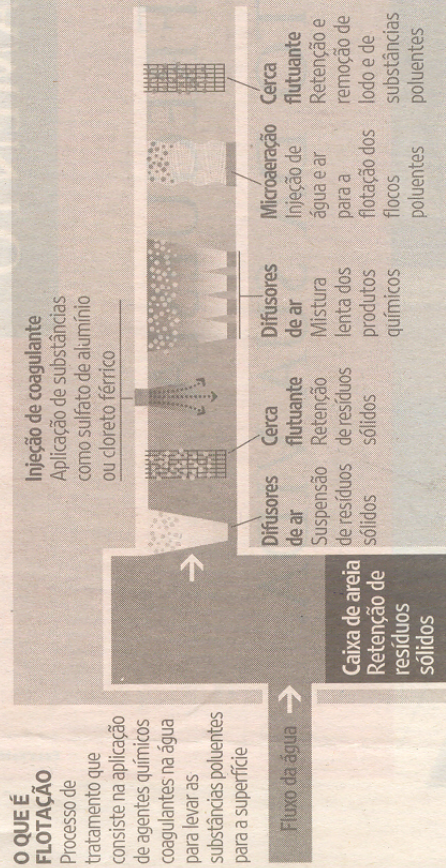


ENTENDA O PROCESSO DE FLOTAÇÃO

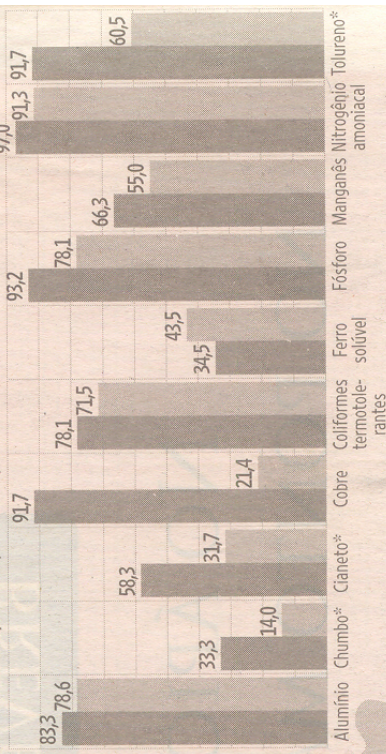
Governo paulista pretende bombear a água dos rios Pinheiros e Tietê para a represa Billings; a água passaria pelo processo de flotação

O QUE É FLOTAÇÃO

Processo de tratamento que consiste na aplicação de agentes químicos coagulantes na água para levar as substâncias poluentes para a superfície



Amostras acima do permitido, em %
■ Antes da flotação ■ Depois da flotação



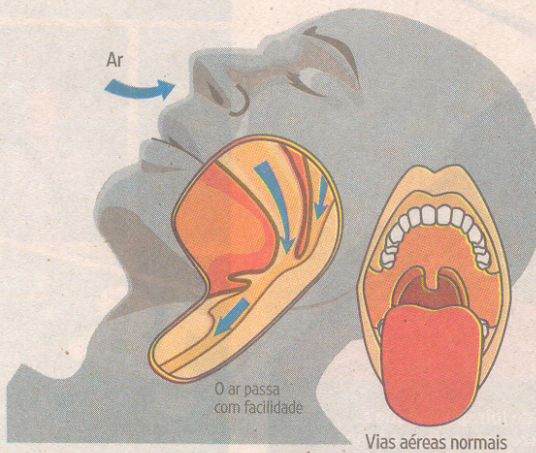
*Substâncias com potencial tóxico

DO RONCO À CURA

Entenda como o ronco ocorre

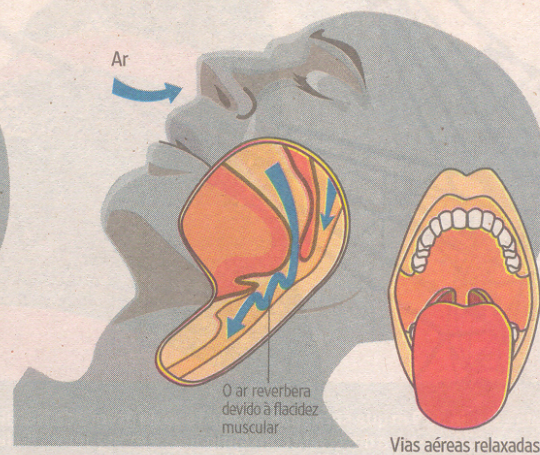
RESPIRAÇÃO NORMAL

O ar entra pelo nariz e passa pela orofaringe sem resistência. A musculatura da região está tonificada e não vibra devido à respiração



RONCO

A flacidez muscular faz com que as estruturas da garganta vibrem com o ar, dando origem ao ronco. Se a boca fica aberta, a língua vai para trás, diminuindo o espaço para a passagem do ar e dificultando o ato de respirar



OPÇÕES ATUAIS DE TRATAMENTO

Radiofrequência

O princípio é o mesmo da injeção. A diferença é que o enrijecimento do palato mole é alcançado por meio de calor

Cirurgias

Na mais usual, a úvula e o palato mole são retirados e o revestimento da garganta é esticado. Há uma outra opção, chamada faringoplastia lateral, que reconstrói a via aérea superior por meio da seção muscular da faringe

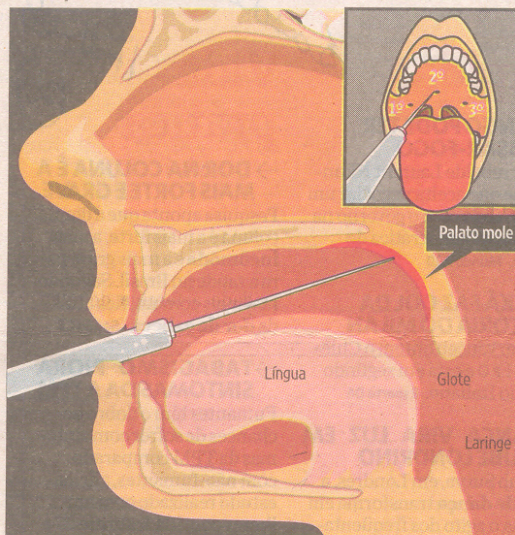
CPAC

Esse aparelho se parece com uma máscara de inalação que ajuda a pessoa a respirar durante o sono. Pode envolver só o nariz ou também envolver a boca. Ele tem uma ventolinha e gera uma pressão que leva à abertura da faringe para a passagem de ar

Aparelho intra-oral

Usado em casos leves ou moderados, esse aparelho muda o posicionamento da mandíbula e da língua, afastando os tecidos

A INJEÇÃO PARA O RONCO



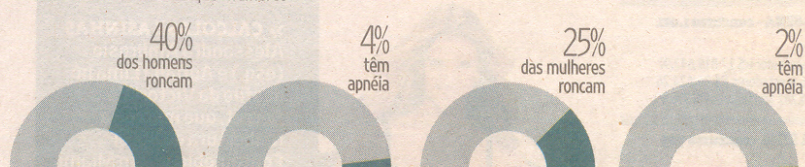
- 1 Uma substância que enrijece o tecido é aplicada em pontos do palato mole, com 0,5 cm de distância entre cada um
- 2 O produto gera uma fibrose no local, que fica mais rígido e, portanto, vibra menos com a passagem do ar
- 3 O procedimento, ainda em fase de pesquisa, só tem efeito em quem tem um ronco leve e não sofre de apnéia
- 4 A injeção gera um desconforto que dura até dez dias. Não traz alteração de fala, voz ou deglutição

>> Ainda não se sabe por quanto tempo os efeitos perduram

>> Contra-indicações: alergias a medicamentos ou histórico de cirurgia para ronco — nesse caso, é preciso ver se o que sobrou do tecido é suficiente para a aplicação

DADOS ESTATÍSTICOS

Homens roncam mais do que mulheres



Fontes: Instituto do Sono; MICHEL CAHALL, otorrinolaringologista da Faculdade de Medicina da USP

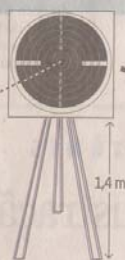
TIRO NA REDE

Como funcionam as competições virtuais

» Há uma base, onde acontece a competição presencial, e stands "virtuais" espalhados pelo Brasil



1 Nos stands virtuais, como na competição presencial, os atletas, em seus postos, atiram simultaneamente em alvos de papel

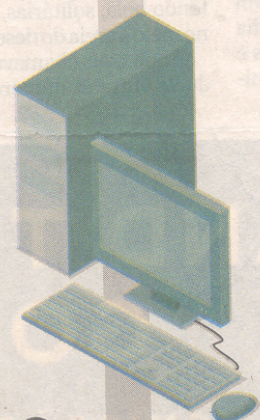


2 Os alvos são levados pelos delegados da CBTE para as máquinas que lêem o resultado



Onde aparece o resultado da prova

3 Os delegados, que possuem senha validada pelo setor de tecnologia da CBTE para cada competição, lançam esses resultados no sistema "Provas Online"



4

Assim que lançadas, as pontuações dos atletas são exibidas, simultaneamente, em telões fixados nos stands virtuais e na base do campeonato



» Durante as provas online, a CBTE mantém um gerente de tecnologia de plantão, o qual acompanha, em uma central, as transmissões de dados e a normalidade do sistema

saúde

FOLHA DE S. PAULO

SEXTA-FEIRA, 21 DE NOVEMBRO DE 2008 * C5

Tel.: 011/3224-7652 Fax: 011/3223-1444
E-mail: fomasu@folha.com.br
Serviço de atendimento ao assinante: 0800-775-0800
Grande São Paulo 011/3224-3090
Ombudsman: ombudsman@folha.com.br

O ciclo da doença

Entre o contato com o vírus da catapora e o desaparecimento das feridas, passam-se de 15 a 20 dias. A doença é autolimitada, ou seja, "cura-se" sozinha

1

A criança entra em contato com o vírus. A transmissão é por contato cutâneo, vias respiratórias ou gotículas de saliva. O tempo entre o contato e o surgimento da doença (incubação) é de 10 a 16 dias



2

O vírus incubado leva de 2 a 3 dias para se manifestar. Nesse estágio começa a contagiar outras pessoas



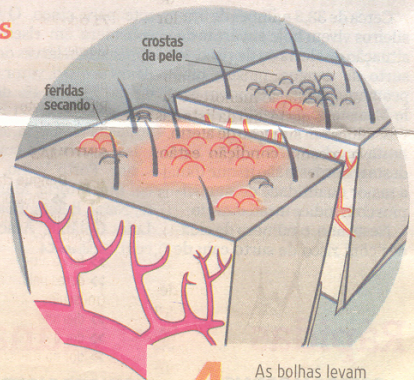
As feridas podem ser de dois tipos: vesículas (bolhas com conteúdo líquido) ou pústulas (bolhas com pus) na pele

3

As manifestações duram de 4 a 7 dias: febre e bolhas, que podem surgir em qualquer parte do corpo (couro cabeludo, dentro da boca, genitais etc.), causando coceira intensa

Sinais de complicações

- » Infecção bacteriana da pele: vermelhidão na pele em áreas maiores do que as das vesículas, calor local e dor
- » Comprometimento da mucosa bucal: dificuldade excessiva para ingerir líquidos e alimentos
- » Meningite asséptica (viral): dor de cabeça e vômitos
- » Infecção conjuntiva: se há vesículas próximas aos olhos e surge inchaço e vermelhidão local
- » Pneumonite (viral) e pneumonia (bacteriana): chiado, desconforto respiratório, cansaço excessivo



4

As bolhas levam de 2 a 4 dias para secar, formando crostas na pele. As crostas secas não são infectantes

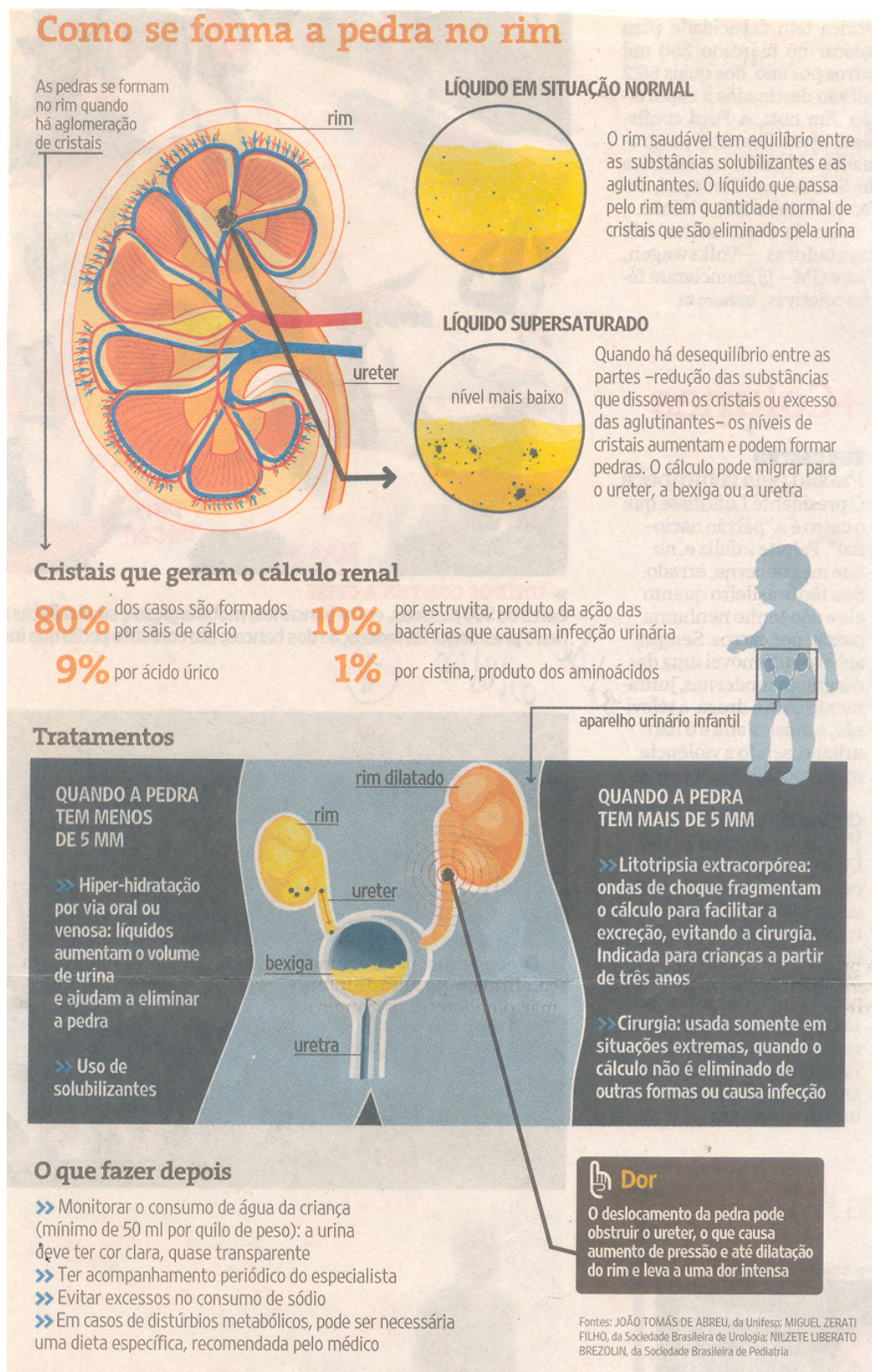
Fontes: ALEXANDRE ARIAS, professor do Instituto de Ensino Superior Pequeno Príncipe (Curitiba); ROBERTO TOZZE, do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas de São Paulo
Ilustrações: Lucas Pádua/Folha Imagem

TROCANDO EM NÚMEROS

250 milhões de pessoas sofrem de diabetes em todo o mundo, de acordo com dados da International Diabetes Federation

2,5 milhões de brasileiros usam lente de contato, com predominância entre as mulheres, afirma a Sociedade Brasileira de Lentes de Contato, Córnea e Refratometria

ANEXO D – Corpus Infográficos Descrição por Comparação



A NOVIDADE

Novo bloco de partida promete gerar nova onda de recordes



O BLOCO ATUAL

O material usado até a Olimpíada-08 não possuía angulação, diminuindo o impulso na largada



O NOVO BLOCO

O novo equipamento permite que o atleta impulsione sua perna direita em ângulo de 90°, melhorando sua saída



» Segundo especialistas, o equipamento ajudará os nadadores a ganharem de

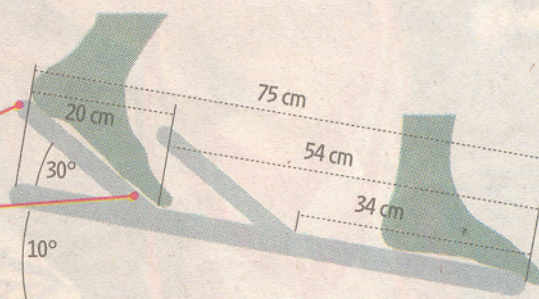
**0,1s
a 0,5s**
por prova

AS MEDIDAS

» O ângulo e as medidas do bloco de partida obedecem às normas da Federação Internacional de Natação

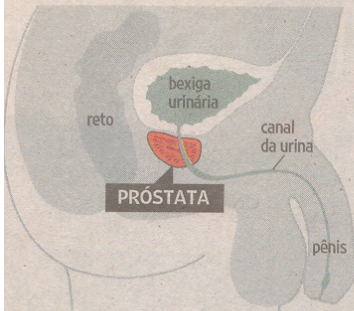
» O que muda é o **apoio para os pés, em angulação maior**

» Esse apoio pode ser **ajustado em uma distância de 20 cm**, dependendo da altura e envergadura do nadador



A DOENÇA

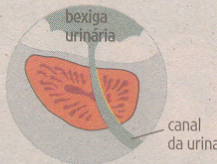
O câncer de próstata é o 2º tipo de câncer que mais mata homens no Brasil.



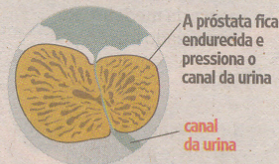
PRINCIPAIS SINTOMAS

- 1 Sangue na urina
- 2 Necessidade frequente de urinar
- 3 Jato urinário fraco
- 4 Dor ou queimação ao urinar
- 5 Dor nos ossos

PRÓSTATA SAUDÁVEL



PRÓSTATA COM CÂNCER



TRATAMENTO

Cirurgia

(retirada total da próstata)

» É indicada para homens que estão com a doença confinada na próstata e que tenham expectativa de vida de mais de dez anos

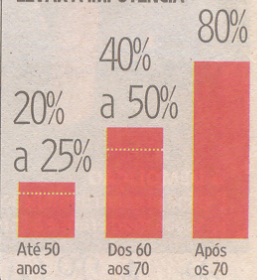
» Quando o tumor já saiu da próstata, o tratamento inibe a produção da testosterona — responsável pela alimentação e crescimento do tumor

EXAMES

Toque - Realizado através do ânus, permite ao médico avaliar as características da próstata. Se a glândula estiver irregular ou endurecida, é provável que exista câncer

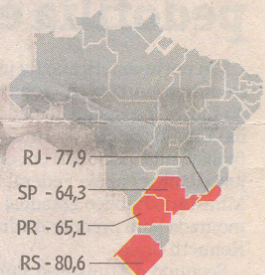
PSA - Exame de sangue que detecta a elevação da proteína produzida pela próstata, um dos indicativos do câncer. Quanto mais elevada, maior a probabilidade de existir alterações

O PROCEDIMENTO PODE LEVAR À IMPOTÊNCIA



ESTADOS COM MAIOR TAXA BRUTA DE INCIDÊNCIA

Casos a cada 100 mil habitantes



Fontes: Instituto Nacional do Câncer; Luciano Nesrallah, urologista do Hospital Alemão Oswaldo Cruz; livro "Próstata: Isso É com você", do urologista Miguel Sroug

A artrite reumatóide



O que é?

Doença que causa inflamação nas articulações, principalmente das extremidades (mãos e pés). É de natureza auto-imune – quando o sistema imunológico, que normalmente nos protege de doenças, age contra o próprio organismo.

Quais são as causas?

São desconhecidas. O que se sabe é que há fatores genéticos e ambientais envolvidos – desses últimos, o tabagismo é um dos principais.

Qual é o perfil dos pacientes?

Pode afetar pessoas de qualquer idade, mas atinge principalmente pacientes entre os 30 e os 40 anos. Também afeta cerca de três mulheres para cada homem.

Sete variáveis que ajudam no diagnóstico da artrite reumatóide

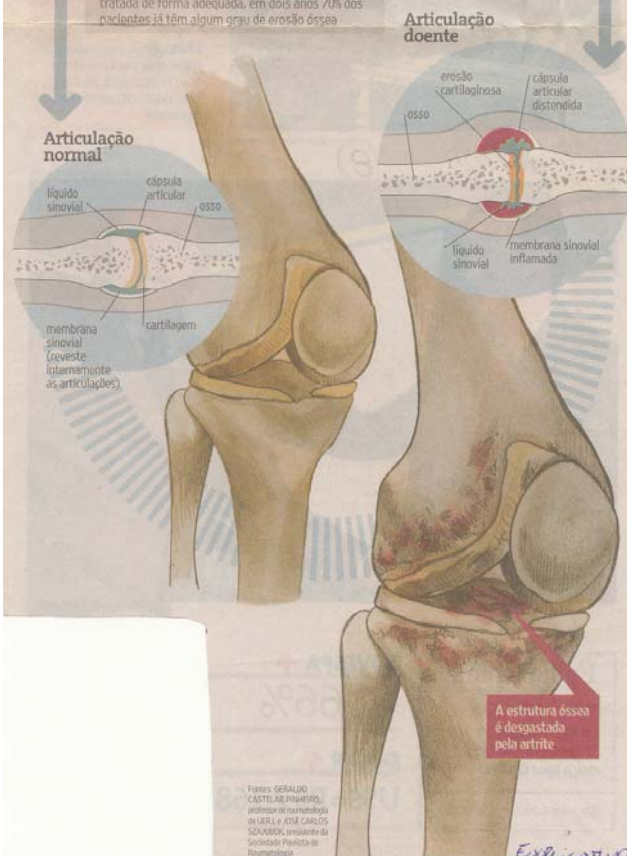
Quando a pessoa tem pelo menos quatro dos critérios abaixo, pode ser um sinal de que tem a doença.

- 1 Rigidez matinal por mais de uma hora (não conseguir fechar direito a mão, por exemplo)*
- 2 Dor em pelo menos três articulações (exemplos: tornozelo, joelho, punho...)*
- 3 Dor nas articulações da base e do meio dos dedos*
- 4 Comprometimento simétrico (inflamação nas duas mãos, nos dois joelhos, nos dois punhos etc.)*
- 5 Presença de pequenos nódulos embaixo da pele, normalmente perto do cotovelo
- 6 Fator reumatóide positivo (um tipo de exame de sangue)
- 7 Raio-X de mãos ou pés mostrando alterações compatíveis com artrite reumatóide

*presente há pelo menos seis semanas

Quais são as consequências?

Pode causar a destruição das articulações, o que leva à deformidade e à perda de movimentos. Se não for tratada de forma adequada, em dois anos 70% dos pacientes já têm algum grau de erosão óssea.



Fonte: GERALDO CASTILHO, professor de reumatologia da UNICAMP e JOSÉ CARLOS SZANVSKI, presidente da Sociedade Paulista de Reumatologia

Tratamento

Remédios

Há os sintomáticos (como os anti-inflamatórios e os corticoides), que controlam a dor, mas não tratam o problema; os modificadores da doença, que suprimem as células imunológicas, diminuindo a inflamação; e os biológicos, feitos a partir de biotecnologia, mais avançados e de alto custo.

Cirurgia

Colocação de uma prótese para substituir a articulação danificada, quando esta é destruída.

Exercícios

São fundamentais para fortalecer a musculatura e devem ser praticados com orientação, desde que a pessoa não esteja na fase aguda da doença.

Explicativo



O que causa hipertensão?

Existem vários fatores que podem desencadear ou piorar a hipertensão. Os principais são:

- » obesidade
- » consumo elevado de sal, principalmente em idosos
- » sedentarismo
- » excesso de bebida alcoólica
- » estresse
- » tabagismo

Quais são os riscos da doença não-tratada?

- » **Infarto** – ocorre quando há obstrução ou entupimento total de uma artéria coronária, interrompendo o fluxo de sangue para o coração
- » **AVC (Acidente Vascular Cerebral)** – ocorre quando há o entupimento das artérias cerebrais e o fluxo sanguíneo é interrompido
- » **Insuficiência renal** – os vasos renais são lesionados por causa das placas de gordura e, com o tempo, os rins perdem a capacidade de filtrar o sangue
- » **Insuficiência cardíaca** – com a pressão alta, o coração tem de fazer mais força para bombear o sangue. Com o tempo, ele perde sua capacidade
- » **Lesão nas artérias**
- » **Morte súbita**

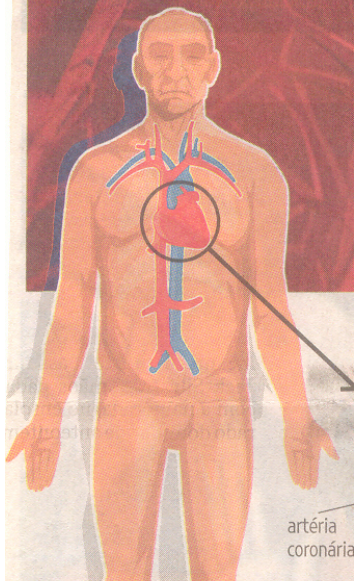
Como é o tratamento?

Na fase de pré-hipertensão, a mudança de estilo de vida — como perda de peso, diminuição do consumo de álcool e de sal e prática de exercícios físicos — pode reverter a tendência de elevação da pressão. Quando o quadro já está instalado, é preciso fazer acompanhamento médico e tomar medicamentos para controlar a pressão.

Fontes: HILTON CHAVES, da diretoria da Sociedade Brasileira de Hipertensão, e FERNANDA CONSOLIM, médica-assistente da Unidade de Hipertensão do InCor.

ANEXO D – Corpus Infográficos Mapeamento de um Item

COMO AS ESTATINAS AGEM EM PACIENTES SEM COLESTEROL ALTO



ONDE A ESTATINA AGE

Ela protege o endotélio, impedindo a lesão

artéria coronária



1

Reconhecidas por baixar os níveis de colesterol, as estatinas também agem no endotélio (membrana que funciona como uma barreira protegendo as artérias), independentemente dos níveis de colesterol do paciente

2

A lesão dessa membrana é provocada por fatores como: colesterol alto, tabagismo, diabetes e hipertensão

3

A lesão do endotélio auxilia na formação de placas de gordura nas artérias e, conseqüentemente, aumenta o risco de doenças cardiovasculares

4

As estatinas vão proteger o endotélio, corrigindo os elementos nocivos de agressão e restabelecendo as funções normais. Desta forma, elas impedem a lesão da membrana

5

A proteína C-reativa (PCR) é um marcador da lesão do endotélio. Por isso, o estudo mostrou a correlação dessa proteína como um novo marcador de lesão endotelial e como marcador de risco para doenças cardíacas

EFEITOS COLATERAIS

» dores musculares (mialgias) de intensidade variada e até destruição do músculo (em casos raros)

» sobrecarga no fígado, aumentando a produção de enzimas hepáticas e provocando graus leves de insuficiência hepática

O ESTUDO

Pacientes foram acompanhados por 1 ano e 9 meses

QUEM

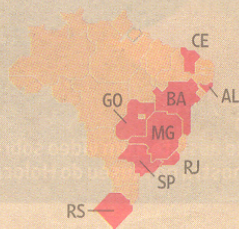
» Foram acompanhados 17.802 homens e mulheres com nível de LDL (colesterol ruim) de baixo a normal —menor do que 130 mg/dl. Eles também tinham nível elevado de proteína C-reativa ou PCR (de no mínimo 2 mg/litro)

ONDE

» Participaram 26 países. No Brasil, foram incluídos 327 pacientes, divididos entre 27 centros de pesquisa em oito estados (RS, SP, RJ, MG, GO, BA, CE e AL)

O QUE

Parte dos pacientes recebeu placebo e parte recebeu 20 mg diários de rosuvastatina (um tipo de estatina, remédio usado até agora apenas em pessoas com colesterol alto)



OS RESULTADOS

O uso da estatina reduziu em:

44% o risco de eventos cardiovasculares em geral

54% o risco de infarto do miocárdio

48% o risco de AVC (acidente vascular cerebral, ou derrame)

47% a necessidade de revascularização arterial ou hospitalização por angina estável

20% a taxa de mortalidade total

Fontes: Estudo Jupiter; MARCELO SAMPAIO, cardiologista e chefe do laboratório de biologia molecular do Instituto Dante Pazzanese, em São Paulo

Entenda como é produzido o mau cheiro

O suor é produzido pelas glândulas sudoríparas, que se dividem em dois grupos: as **écrinas**, que não possuem cheiro, e as **apócrinas**

Glândula sudorípara apócrina

- » Secretam uma solução leitosa composta de proteínas, açúcar, amônia e gordura, que desemboca no poro pilosebáceo (de onde emergem os pêlos e a gordura da pele)
- » Em contato com as bactérias da pele, produzem mau cheiro

Poro pilosebáceo
Onde a solução leitosa entra em contato com as bactérias

Pêlo

Solução leitosa

Folículo piloso

Epiderme

Derme

- » As glândulas apócrinas estão localizadas nas axilas, ao redor dos mamilos e dos órgãos genitais

O mau cheiro do pé

- » É causado pela proliferação de bactérias e fungos, que podem estar presentes na pele ou ser adquiridos no ambiente
- » A umidade causada pelo suor, associada a hábitos como o uso de sapatos fechados, favorece o surgimento de infecções e micoses que produzem o cheiro desagradável

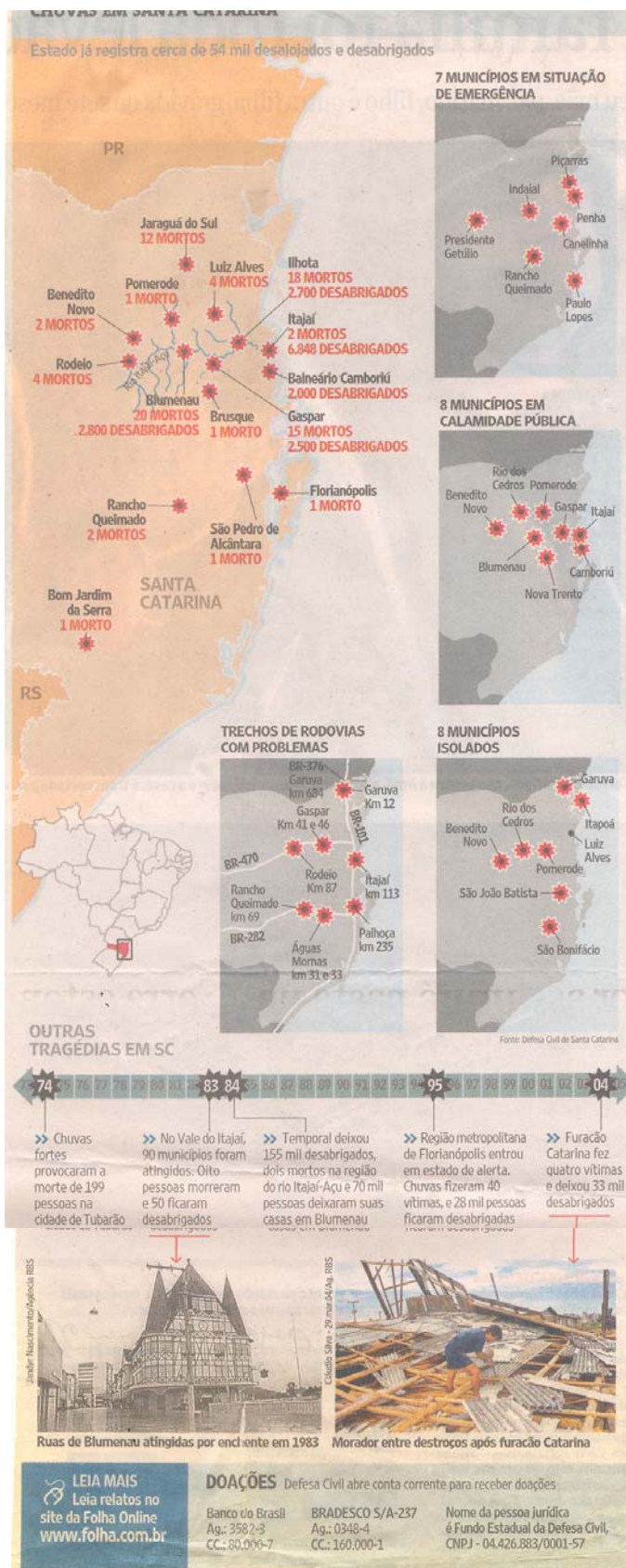
Desodorante

- » Desodorantes roll-on ou em creme propiciam o mau cheiro nas axilas

- » As glândulas **écrinas** estão por todo o corpo. Não produzem cheiro

EXPLICATIVO.

Boa noite, 22 de 2015



O QUE DIZ O LAUDO

Após 16 meses de investigação, o Instituto de Criminalística finaliza laudo sobre acidente com o Airbus-A320 da TAM

1 ANAC (Agência Nacional de Aviação Civil) Encarregada de legislar sobre o setor aéreo, caberia à agência editar uma norma que vetasse o pouso de aeronaves em Congonhas quando as condições técnicas e meteorológicas fossem adversas



2 AIRBUS (empresa francesa, fabricante do avião) Computadores não advertiram os pilotos para o risco de acidente. Laudo classifica como "desejável" (e não "mandatória") a instalação de um alarme sonoro que auxiliaria a corrigir eventuais equívocos no manuseio dos manetes



3 PILOTOS (Kleyber Lima e Henrique Di Sacco) Apesar de terem deixado os manetes em posição errada, segundo o laudo, os dois pilotos foram vítimas de um sistema administrativo falho

4 INFRAERO (Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária) Seus técnicos deixaram de seguir normas internacionais de gerenciamento da pista, além de liberar o aeroporto para operar sem "grooving" (ranhuras para o escoamento da água; veja o quadro abaixo)



5 TAM O treinamento fornecido pela TAM também se mostrou ineficiente, uma vez que o procedimento seguido pelos pilotos não foi o recomendado



COMO FOI O ACIDENTE

Avião não consegue pousar e atinge prédio

1 17h16 Airbus-A320 da TAM, voo JJ 3054, parte de Porto Alegre, com 186 pessoas a bordo



2 18h40 Torre de controle alerta piloto do Airbus da TAM, duas vezes, que a pista está molhada e escorregadia e que é preciso pousar com cautela

3 18h44 O avião recebe autorização para pousar

4 18h50 Início da tentativa de pouso

A PISTA DE CONGONHAS

Como a pista, segundo o laudo, contribuiu para o acidente

"GROOVING"

Operações de pouso e de decolagem foram retomadas sem as ranhuras transversais, que auxiliam no escoamento da água

CONSEQUÊNCIA

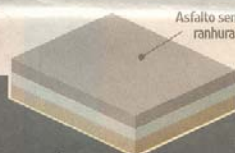
Sua ausência, por si só, não representa perigo, mas aumenta o risco de "espelhamento" (fenômeno comum quando chove, em que a pista se parece com um espelho d'água, fazendo o piloto perder referências)

CHUVA

Segundo o laudo, dirigentes da Infraero ignoraram o Anexo 14 da Organização de Aviação Civil Internacional, que recomenda a medição do coeficiente de atrito do pavimento após um longo período de estiagem — como naquela semana. Uma hora e meia antes, técnicos da Infraero percorreram a pista para verificar se havia lâmina d'água, mas não há relato sobre a realização de um exame mais minucioso

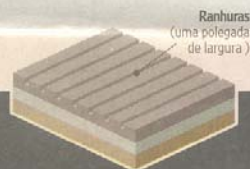
SEM "GROOVING"

Sem as ranhuras no asfalto, é necessária a medição da lâmina d'água



COM "GROOVING"

Com as ranhuras horizontais ao longo da pista, a água escoar mais fácil



QUEM INVESTIGA O ACIDENTE

Dois institutos produziram laudos sobre o acidente

LAUDO DO IC

A INSTITUIÇÃO: Instituto de Criminalística
LAUDO: utilizado para indiciar criminalmente os responsáveis pelo acidente
RESPONSÁVEIS: dez pessoas devem ser indiciadas por atentado contra a segurança de transporte aéreo. A pena é de até seis anos de detenção

LAUDO DO CENIPA

A INSTITUIÇÃO: Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos
LAUDO: tem caráter preventivo, apenas relata os motivos que levaram ao acidente
RESPONSÁVEIS: o centro diz que não vai apontar responsáveis

Fonte: IC (Instituto de Criminalística)

ANEXO E – Corpus Textos – Infográficos Dados Estatísticos

São Paulo, segunda-feira, 03 de novembro de 2008 **FOLHA DE S. PAULO** cotidiano

Cidades aprovam mais alunos para melhorar a nota no Ideb

674 municípios elevaram índice, mesmo sem melhora no desempenho em matemática e português

Ideb é um indicador criado pelo Ministério da Educação para monitorar as metas de melhoria da qualidade da educação básica no país

Rafael Andrade/Folha Imagem



Alunos do Ciep Agostinho Neto, no Rio; município amplia aprovação

ANTÔNIO GOIS
DA SUCURSAL DO RIO
FÁBIO TAKAHASHI
DA REPORTAGEM LOCAL

Seiscentos e setenta e quatro municípios brasileiros conseguiram melhorar ou manter seu Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) de 2005 a 2007 única e exclusivamente por causa do aumento nas taxas de aprovação.

Nessas cidades, o desempenho dos alunos nos testes de matemática e português caiu ou ficou estagnado, mas foi compensado pelo aumento, em alguns casos surpreendentes, da aprovação em dois anos.

Esses municípios representam 16% dos avaliados pelo MEC no primeiro ciclo do ensino fundamental (de primeira a quarta séries). Em outros 2.497 (58%), a aprovação também contribuiu para melhorar a nota, mas não foi o único fator.

O Ideb é um indicador criado pelo MEC para monitorar as metas de melhoria da qualidade da educação básica. Ele é composto pelas taxas de aprovação e pelo desempenho dos estudantes em testes de português e matemática. Por isso, a nota pode variar tanto por causa da

aprovação quanto pelo desempenho dos alunos.

Para o presidente-executivo do movimento Todos Pela Educação, Mozart Ramos, as cidades que cresceram seu Ideb só por causa da aprovação terão agora que melhorar em português e matemática, o que é mais difícil. "O próximo secretário de Educação dessas cidades não terá mais essa gordura para queimar, já que os que aumentaram a aprovação de forma acentuada chegaram perto do limite. Seu Ideb poderá estagnar ou até piorar se o desempenho dos alunos não avançar."

Preocupado com o aumento só pela via da aprovação em alguns casos, o movimento Todos Pela Educação fez a mesma conta, mas considerando apenas as capitais. Foram identificadas nove cidades no primeiro ciclo do ensino fundamental (primeira a quarta) e sete no segundo ciclo (quinta a oitava) em que o Ideb aumentou, mas houve piora no desempenho em português ou matemática.

Para o presidente do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, órgão do MEC responsável pelas avaliações), Reynaldo Fernandes, o resultado dessas cidades deve ser acompanhado nas próximas avaliações. "Se a cidade deu um salto na aprovação e o desempenho dos estudantes não cair, isso é ótimo. Mas, se aprovou demais sem saberem nada, a tendência é o Ideb cair."

Um cálculo do Inep com base no Ideb mostra que o aumento das taxas de aprovação foi responsável por 41% da melhoria do resultado. O componente que mais explicou o avanço, no entanto, segundo essa conta, foi a melhoria do desempenho em matemática (46%). Português foi responsável por 14%.

Pesquisador da USP-Ribeirão Preto e ex-diretor do Inep, José Marcelino Rezende Pinto afirma ser difícil avaliar se os índices de aprovação melhoraram de forma real ou artificial.

"Numa situação normal, o aumento da aprovação seria motivo de festa. Em um sistema no qual se vinculam recursos à taxa de promoção, o dado é de difícil mensuração."

Ele diz, porém, que o aumento da aprovação também é desejável. "Mas aprovar não significa que o aluno aprendeu ou que a escola cumpriu sua função de ensinar."

Município na BA agora tem 100% de aprovados

DA SUCURSAL DO RIO
DA REPORTAGEM LOCAL

A taxa de aprovação de alguns municípios chegou a dobrar ou atingir o patamar de 100%. Em Itapicuru (BA), em 2005 os alunos da rede municipal tinham taxa média de aprovação de 53%. Dois anos depois, esse percentual chegou a 100%.

A secretária de Educação de Itapicuru, Florinda Oliveira, diz que o resultado não foi artificial. "Aqui não há esse negócio de passar os meninos por lei. Foi realmente um trabalho que fizemos com todas as escolas."

O avanço acelerado, no entanto, gerou surpresa para a Associação de Professores Licenciados da Bahia. "Queremos saber como aconteceu esse milagre", diz Maria Amália, coordenadora da associação.

Sapezal (MT), com aumento de aprovação de 50,4%, afirma que a principal ação foi implementar o reforço extraclasse aos alunos com dificuldade. Segundo a secretária de Educação, Telma Bogucheski Ribeiro, não houve facilitação para os alunos serem aprovados - uma estratégia que melhoraria artificialmente a aprovação. "Se fizéssemos isso, a nota na Prova Brasil cairia muito, o que não ocorreu." As médias no município caíram 0,03% no período.

A Secretaria de Educação de Pontal do Araguaia (MT), que aumentou a taxa de aprovação em 44,2%, também citou o reforço extraclasse como um fator para melhoria do índice.

Em Santa Cruz do Xingu (MT), onde a aprovação foi de 47% para 90%, a Secretaria de Educação diz que a melhoria se deve ao atendimento individualizado ao aluno em dificuldade. Em Lafaiete Coutinho (BA), onde a aprovação melhorou 12,8%, foi implementado o sistema de ciclos.

Para o Inep, no caso de variações bruscas, não deve ser descartada a hipótese de erro na informação sobre as taxas de aprovação, de responsabilidade dos municípios.

Rio aprovou mais, mas caiu média na Prova Brasil

DA SUCURSAL DO RIO

A cidade do Rio de Janeiro aparece na lista das que melhoraram seu desempenho no Ideb somente por causa da elevação nas taxas de aprovação.

De 2005 a 2007, a taxa de aprovação da 1ª à 4ª série do ensino fundamental na rede municipal aumentou de 86% para 94%. A nota média na Prova Brasil- que avalia as habilidades em Língua Portuguesa (foco em leitura) e Matemática (foco na resolução de problemas)- teve ligeira queda: de 4,91 para 4,86.

Para Antônio Mateus Filho, assistente do Departamento Geral de Educação da Secretaria de Educação, a melhoria nas taxas de aprovação aconteceu sem a perda de qualidade. "A queda na Prova Brasil foi mínima. Isso mostra que não houve prejuízo da qualidade do ensino."

Sistema de ciclos

Mateus Filho diz também que a variação do Ideb de 2005 a 2007 não deve ser creditada apenas à implementação dos ciclos, já que o sistema é adotado desde 2000 para as crianças de 6 a 8 anos.

A polêmica sobre os ciclos na cidade ocorreu porque, no ano passado, ele foi estendido aos alunos de 9 a 14 anos.

O sistema de ciclos, também conhecido como progressão continuada, prevê a não-repetência por um período que normalmente vai de dois a quatro anos.

"Qualquer mudança enfrenta uma resistência natural. É muito forte no senso comum ainda a idéia de que reprovar é bom. Se fosse assim, o Brasil não teria índices tão baixos de qualidade nas avaliações internacionais, já que aqui a reprovação é altíssima", diz.

O sistema de ciclos foi um dos temas nas eleições deste ano. O prefeito eleito, Eduardo Paes (PMDB), prometeu revogá-lo em seu primeiro dia de seu mandato.

São Paulo, segunda-feira, 10 de novembro de 2008 **FOLHA DE S. PAULO** **cotidiano**

Interior paulista sente menos impacto da lei seca

Líder em vítimas do trânsito em SP, região teve menor diminuição de mortes

Enquanto a capital teve queda de 15,7%, no interior as ocorrências caíram 5,7% e superam 2006; fiscalização é deficiente, dizem técnicos

Carlos Bassan - 22.jul.08/ "Correio Popular"



Carro atingido por motorista embriagado em Campinas, SP

ALENCAR IZIDORO
DA REPORTAGEM LOCAL

É no interior de São Paulo que estão concentrados os índices mais altos de vítimas do trânsito no Estado. E a mesma região é a que menos sentiu os efeitos positivos da lei seca, conforme sinalizam estatísticas de mortes em acidentes.

Uma das principais explicações de especialistas para esse resultado está ligada às deficiências da polícia para fiscalizar motoristas embriagados fora da cidade de São Paulo.

Entre julho e setembro, já sob a vigência da lei mais dura contra quem dirige bêbado, a quantidade de homicídios culposos (sem intenção) por acidente de trânsito na capital paulista, registrada pela Secretaria da Segurança Pública, caiu 15,7% em relação ao mesmo período de 2007 (além de ser 27,5% inferior à do ano retrasado). No restante da Grande São Paulo, a queda beirou 24%.

Já no interior, houve uma diminuição bem mais discreta, de 5,7%, no terceiro trimestre deste ano. E, mesmo com a lei seca, a soma das ocorrências (841) supera as (759) de 2006.

Na capital, a PM tem 51 bafômetros à disposição e um programa de policiamento de trânsito que faz operações constantes, apesar da queda de abordagens no último mês -na média, 65 motoristas passam pelo teste de embriaguez a cada dia.

Em Campinas (a 93 km de SP), os policiais vinham se revezando com só um aparelho para aferir a alcoolemia -e sem blitzes periódicas, principalmente nos trechos urbanos.

"O interior tem diversas cidades universitárias, onde os jovens bebem bastante e que têm grande potencial de acidentes. Mas nem a polícia nem os órgãos de trânsito estão equipados. A fiscalização tem que ser mais espalhada", afirma Jaime Waisman, professor da Universidade de São Paulo.

O especialista Horácio Augusto Figueira cobra uma fiscalização aleatória. "Não pode ser só próximo dos bares. Tem que diversificar regiões, dias e horários, porque a tendência é que os motoristas relaxem", diz.

A PM diz ter hoje 51 bafômetros na capital e 79 no restante da malha rodoviária estadual. Embora a insegurança viária seja frequentemente associada a grandes centros, como São Paulo, é no interior que estão as maiores taxas de mortes.

Em 2007, enquanto a capital tinha 1,44 homicídio culposo no trânsito por 10 mil veículos, no interior havia 3,92. A discrepância cresceu após a lei seca.

Além da falta de fiscalização, parte da diferença é explicada pela própria infra-estrutura precária e pela falta de sinalização em regiões onde há expansão dos automóveis.

A gravidade dos acidentes nas rodovias (devido à alta velocidade) também interfere nessa situação -embora mesmo nas estradas os casos estejam concentrados nas proximidades dos trechos urbanos.

Na malha rodoviária estadual de São Paulo, houve redução de 16% nas mortes e de 2,7% nos acidentes, de julho a outubro, na comparação com igual período de 2007.

Marcos Pimentel Bicalho, superintendente da ANTP (Associação Nacional de Transportes Públicos), considera ser cedo para avaliações conclusivas, mas afirma que a repercussão das medidas na mídia pode ter mais impacto no comportamento da população do que a própria fiscalização sozinha.

"Mais importante do que ver um guarda no trânsito é quando a pessoa vê no jornal", diz.

75% dos novos bafômetros não ficarão na capital

DA REPORTAGEM LOCAL

A Polícia Militar afirma que 75% dos bafômetros recém-adquiridos para fiscalizar motoristas serão usados fora da capital.

Alega, porém, que a falta dos equipamentos no interior hoje não inviabiliza a fiscalização, porque eles são "alocados de outras regiões para realização de operação específicas visando a direção segura".

A PM acrescenta que, mesmo sem bafômetro, pode conduzir os motoristas embriagados para exames clínicos.

410 bafômetros

No total, os policiais militares ganharão. ainda neste ano, 410 novos bafômetros, 102 dos quais serão destinados à capital -e nove para Campinas.

A PM diz considerar positivos os dados de mortes no trânsito no interior após a lei seca em relação a meses anteriores.

A Folha solicitou um balanço das blitzes, multas e motoristas submetidos ao teste de bafômetro na cidade de São Paulo e no interior do Estado, mas só obteve os dados da capital -onde, de 19 de junho a 3 de novembro, 158 mil pessoas tinham sido abordadas, 8.806 submetidas ao bafômetro, 8.224 veículos fiscalizados e 610 condutores autuados por dirigir sob efeito de álcool.

A Polícia Militar também não explicou que fatores poderiam explicar a constatação de os homicídios culposos no trânsito no interior serem maiores em 2008, depois da lei seca, do que há dois anos.

Segundo a Secretaria de Estado da Saúde, nos três meses seguintes à lei seca, houve queda de

43,7% nos atendimentos a vítimas de acidentes de trânsito em 30 hospitais estaduais da região metropolitana. (AI)

ACIDENTES

CAI Nº DE POSTES ATINGIDOS NA GRANDE SÃO PAULO

Levantamento da Eletropaulo mostrou queda de 24% no número de postes atingidos na Grande São Paulo e na capital paulista após a lei que endureceu a punição para quem dirige depois de beber. Uma das hipóteses está ligada à redução de acidentes de trânsito. Nos 40 dias anteriores à lei seca, 197 postes foram abalroados na área de atendimento da Eletropaulo -24 municípios da região metropolitana. No período posterior, foram 149. As marginais Tietê e Pinheiros estão entre as vias com mais casos.

Em 4 anos, venda de antidepressivos cresce mais de 40%

De 2003 a 2007, comercialização do medicamento foi de 17 para 24 milhões de unidades, segundo pesquisa da Anvisa

Prescrição do remédio por médicos de outras áreas e uso em casos em que não há diagnóstico de depressão ajudam a explicar aumento

ANGELA PINHO

LARISSA GUIMARÃES

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

A venda de antidepressivos em farmácias e drogarias do Brasil cresceu 42% de 2003 a 2007, mostra levantamento da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) com base em dados do IMS Health, instituto que faz auditoria do mercado farmacêutico.

Há cinco anos, chegavam a ser comercializados 17 milhões de unidades -gotas, cartela de comprimidos, cápsulas etc. Em 2007, foram 24 milhões. E o número de 2008 tende a ser maior -os registros de janeiro a julho somam 15 milhões. (essa informação aparece de uma outra forma no infográfico)

O "boom" nas vendas pode ser explicado principalmente por dois fatores, dizem especialistas. Um deles é que médicos de outras áreas têm ampliado a prescrição dos medicamentos. Além disso, cresceu o uso de antidepressivos por pessoas sem diagnóstico de depressão -em casos em que o paciente passa por uma fase difícil, como a perda de um parente ou a separação do cônjuge.

O psiquiatra Raphael Boechat, doutor pela UnB (Universidade de Brasília), diz que urologistas e ginecologistas, entre outros especialistas, vêm prescrevendo antidepressivos - para jovens com ejaculação precoce ou mulheres na menopausa, por exemplo. Ele avalia que há também prescrição "exagerada", em casos em que os antidepressivos não são necessários. "Na ciência, só são publicados resultados positivos sobre eles. Isso traz a falsa impressão de que eles seriam muito eficazes."

O psiquiatra Marco Antonio Brasil, chefe do serviço de psiquiatria e psicologia médica da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), reforça as críticas. "As pessoas acham que o remédio resolverá seus infortúnios. E os médicos cedem."

Andrea Feijó de Mello, da Associação Brasileira de Psiquiatria, concorda com a crítica, mas diz que, em casos de depressão, os remédios são, muitas vezes, essenciais. "Depressão não passa sozinha. Tem que medicar quando necessário."

A depressão atinge de 10% a 12% dos brasileiros. A incidência em mulheres é duas vezes maior do que em homens. Segundo a Anvisa, há 130 tipos de antidepressivo, que só podem ser vendidos com receita médica. O princípio ativo mais vendido é a fluoxetina -como o Prozac-, que representa 13% do mercado desses remédios. A substância altera os níveis de serotonina, influenciando o humor.

Luciano Finardi, diretor de marketing da Lilly, laboratório que lançou o Prozac, diz não ver um aumento expressivo das vendas. Ele concorda que, hoje, outros especialistas receitam o remédio, mas diz que o maior uso é ainda para a depressão.

Sobem casos de depressão decorrentes do trabalho

Auxílios-doença desse tipo subiram de 0,4% para 3%

MARTA SALOMON
DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

Levantamento feito pela Previdência Social entre 2006 e 2008 aponta um aumento nos casos de depressão decorrentes das condições de trabalho. O crescimento foi superior ao registrado de doenças na coluna e articulações. No mesmo período, caiu o número de acidentes de trabalho envolvendo lesões e traumatismos em geral.

Os casos de depressão e demais transtornos mentais e de comportamento aumentaram de 0,4% para 3% sua participação no volume total de auxílios-doença pagos na categoria de "acidentes de trabalho". Esse aumento só não superou o registrado no grupo dos tumores. A classificação de uma doença como acidente de trabalho cabe ao médico perito e impõe ônus aos empregadores, como a garantia de estabilidade por 12 meses, depois de o trabalhador se recuperar. A Previdência paga aos afastados por mais de 15 dias benefício mensal entre um salário mínimo (R\$ 415) e o teto de R\$ 3.038,49.

Remigio Todeschini, diretor do departamento de saúde e segurança ocupacional da Previdência, avalia que havia subnotificação dos casos de depressão classificados como acidentes de trabalho. Projeção feita em 2000 pela Organização Mundial da Saúde indica que casos de transtornos depressivos vão mais do que dobrar no período de 20 anos.

Regras

No início de 2007, um decreto do presidente Luiz Inácio Lula da Silva mudou a metodologia adotada pelo INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) para classificar doenças do trabalho e instituiu o NTEP (Nexo Técnico Epidemiológico Previdenciário), que cruza a classificação internacional de doenças com a incidência delas.

Os peritos usam a listagem para apontar relações entre a doença e a atividade. Desde a mudança, mais do que dobrou o número de casos classificados como acidentes de trabalho.

Entre os fatores de risco de transtornos mentais, o decreto lista a exposição a substâncias tóxicas e situações como ameaça de perda de emprego e ritmo de trabalho penoso.

O decreto permite às empresas contestar o vínculo entre a doença e o trabalho -por ora, não há recursos.

O decreto também lista 78 atividades que imporiam mais risco. Segundo o professor da UnB e consultor do Ministério da Previdência, Wanderley Codo, os mais suscetíveis são bancários, professores e policiais.

[saiba mais](#)

Blitze na capital caem após 4 meses

DA REPORTAGEM LOCAL

Na capital paulista, a fiscalização da PM aos motoristas não mantinha no mês passado a mesma intensidade do período inicial da lei seca.

Levantamento da **Folha** mostrou no último dia 2 que a quantidade de carros parados em blitzes feitas pelo batalhão de trânsito da Polícia Militar foi 30% menor em outubro, na comparação com julho.

O total de motoristas submetidos ao bafômetro caiu um terço, e os flagrantes de direção alcoolizada caíram pela metade.

A PM alega que a redução dos números se deve a uma mudança na estratégia de fiscalização. Ela afirma que parte das barreiras fixas foi substituída por patrulhas rotativas porque alguns pontos já estavam "viciados".

São Paulo, sexta-feira, 14 de novembro de 2008

FOLHA DE S.PAULO **saúde**

Dor atinge 71,2% dos corredores amadores

Pesquisa brasileira com mais de 7.000 praticantes diz que maioria tem lesões

Segundo organizadora de corridas, no Brasil há 4 mi de corredores; mais de 60% dos entrevistados pelo estudo não têm orientação técnica

Henrique Manreza/Folha Imagem



O empresário Gilberto Tarantino, 46, que corre desde 2001

FLÁVIA MANTOVANI
DA REPORTAGEM LOCAL

Dados da Corpore, a maior organizadora de corridas da América Latina, comprovam o que pode ser visto nas ruas: correr é um esporte cada vez mais popular. Nos últimos cinco anos, aumentou 155% o número de inscrições em provas da instituição -são 4 milhões de corredores no Brasil.

Mas um estudo feito com 7.731 corredores amadores mostra que a maioria tem muitas dores e lesões devido à atividade -e não sabe se prevenir nem se cuidar corretamente.

É a maior pesquisa com corredores amadores do país, que será apresentada hoje no Congresso Brasileiro de Ortopedia e Traumatologia, em Porto Alegre. O levantamento foi feito pelo Núcleo de Estudos em Esporte e Ortopedia, com a Corpore e a Sociedade Brasileira de Traumatologia Desportiva, a partir de perguntas por e-mail.

Os resultados mostraram que 71,2% dos entrevistados já sentiram dor em decorrência do esporte e não procuraram um médico e que 53,1% já tiveram lesões, especialmente no joelho, no pé e no tornozelo -tendinite e fascite plantar estão entre as mais citadas.

Quando a dor vem, quase metade diz que só coloca gelo na região, 42% param de correr

temporariamente e -o dado que mais assustou os especialistas- 30,6% já tomaram antiinflamatórios sem receita médica. "São remédios que exigem prescrição. Seu uso crônico pode levar a problemas gastrointestinais e cardiovasculares", diz o autor do estudo, o ortopedista Rogério Teixeira da Silva.

Segundo ele, o gelo é um ótimo analgésico, mas o perigo é recorrer a ele sempre e deixar de procurar o médico quando necessário. "A dor pode ser uma manifestação inicial de uma lesão pior", afirma.

O educador físico Mário Sérgio Andrade Silva, diretor técnico da assessoria esportiva Run & Fun, acredita que muita gente não vai ao médico por achar que ele vai suspender o treino. "É inegável que a pessoa, quando toma gosto pelo esporte, não quer ficar sem correr. Muita gente não pensa a longo prazo e se automedica."

Ele diz que muitas pessoas ficam tão motivadas quando começam a correr que acabam querendo pular, por exemplo, de uma prova de 10 km para outra de 15 km imediatamente. "A corrida é muito sedutora. Emagrece, condiciona, favorece a interação, tem eventos bonitos. Mas é um exercício de impacto e, como todo esporte, exige um tempo para evoluir. Ninguém começa a jogar futebol ou a nadar com seis anos e está na Olimpíada aos dez."

Orientação

Segundo Rogério Silva, outro dado ajuda a explicar o alto índice de lesões e dores: mais de 60% correm sem orientação técnica. Aqueles que tinham um técnico de corrida acertaram mais a hora de "aposentar" o tênis, por exemplo.

Enquanto a maioria disse que troca de tênis quando a sola está gasta, só 15,3% seguem a orientação correta: mudar o calçado após percorrer de 500 km a 700 km com ele.

O empresário Gilberto Tarantino, 46, que corre desde 2001, diz que antes de ter orientação comprava tênis "pela moda". "Agora sei que não preciso do mais caro, mas que tem que ser bom para meu tipo de pisada. E que tem vida útil."

Ele conta que chegou a ter dores todo mês e que vivia no fisioterapeuta. "Achava que quem corria tinha que sentir bastante dor. Minha dor "andava" pelo corpo, da perna para a lombar, de lá para outro local."

Gilberto também diz que fazer musculação o ajuda a prevenir problemas -neste ano, não teve lesões- e conta que aprendeu a "ouvir o próprio corpo". "Se estou muito cansado, treino outro dia. Antes, ia até o fim mesmo com dor."

Para Rogério Silva, o estudo mostra que é preciso informar melhor os corredores, os treinadores e os médicos. "Quando é feita de forma adequada, a corrida é uma atividade muito benéfica e saudável."

São Paulo, quarta-feira, 26 de novembro de 2008

FOLHA DE S. PAULO **esporte**

SANTOS

Clube tenta ter Kléber Pereira no último jogo

DA REPORTAGEM LOCAL

O Santos tentará no STJD liberar Kléber Pereira para a última partida no Nacional, contra o Náutico, na Vila Belmiro.

"Entraremos com recurso pedindo a absolvição do atleta ou a desclassificação para o artigo 251 [que tem pena mínima de um jogo]", afirmou Mário Mello, advogado do clube.

A expectativa do Santos é que o recurso seja julgado no dia 4 de dezembro.

Assim, em caso de sucesso, o atacante poderá atuar na última rodada.

ANEXO F – Corpus Textos – Infográficos Descrição de Categorias

São Paulo, quinta-feira, 06 de novembro de 2008 **FOLHA DE S. PAULO** cotidiano

Selo em cadeirinha só será exigido em 2009

Exigência de certificado estava em vigor desde 1º de outubro e foi adiada, pelo próprio Inmetro, para 31 de março

Estudo aponta que uso adequado do equipamento reduz os riscos de morte em 71% e a necessidade de hospitalização em 69%

ALENCAR IZIDORO
DA REPORTAGEM LOCAL

O Inmetro cedeu ao lobby do comércio e da indústria e decidiu liberar a venda de cadeirinhas automotivas infantis sem selo de certificação -ou seja, que não passaram por testes de segurança do instituto- até 31 de março do ano que vem.

A exigência de só vender ao consumidor os assentos para transportar crianças com selo do Inmetro estava em vigor desde 1º de outubro, mas foi adiada por uma portaria expedida pelo órgão há uma semana. Justificativa oficial: as lojas precisam desovar os produtos antigos que estão em estoque -mesmo que eles não tenham a comprovação de qualidade.

"Estendemos esse prazo para que possam fazer uma queima de estoque e, a partir de então, vender só produtos certificados", afirma Gustavo Kuster, gerente de qualidade do Inmetro, embora ele mesmo só recomende a compra de cadeirinhas com selo do instituto.

O Inmetro (Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério do Desenvolvimento do governo Lula (PT).

Um estudo americano apontou que a utilização adequada das cadeirinhas infantis nos veículos reduz os riscos de morte em 71% e a necessidade de hospitalização em 69%.

Frustração

A prorrogação do prazo pelo Inmetro foi alvo de críticas devido à avaliação de que incentiva a venda promocional nos próximos meses de dispositivos que podem ser inseguros.

"É uma grande frustração, é lamentável", afirma Luciana O'Reilly, coordenadora nacional da ONG Criança Segura, para quem a compra de uma cadeirinha sem a certificação do Inmetro pode dar uma "falsa sensação de segurança".

"O selo é muito importante porque não dá para julgar pela cara, só porque é bonitinha, porque tem a tira de segurança grossa", defende O'Reilly.

Hoje há 27 assentos de retenção infantis certificados pelo Inmetro, de oito marcas.

"Pode até ser que haja bons produtos [sem certificação]. Mas [sem selo do Inmetro] não existe uma garantia mínima", afirma Elizete Fernandes da Silva, chefe da divisão de fiscalização do Ipem-SP (Instituto de Pesos e Medidas), que chegou a fazer a apreensão de uma cadeirinha irregular numa loja antes de a exigência ser adiada.

A indústria já estava obrigada desde junho a só produzir novas cadeirinhas automotivas com selo de certificação do instituto. Mas, como há estoques de dispositivos antigos tanto ligados às fábricas como ao comércio, ambos reivindicaram a nova tolerância ao Inmetro.

Credibilidade

"O que seria feito com os produtos antigos?", questiona Debora Treves, da Abrapur (Associação Brasileira de Produtos Infantis), que reconhece haver muitos assentos de má qualidade hoje no mercado, mas recomenda ao consumidor que se oriente pela "credibilidade" e "renome" do fabricante.

O Inmetro e a Abrapur também alegam que, pelo código do consumidor, os comerciantes são responsáveis pela qualidade do produto que vendem.

O uso de cadeirinhas, bebês conforto e assentos de elevação infantis é considerado essencial por especialistas para atenuar a possibilidade de lesão e morte em acidentes viários.

A obrigatoriedade dos assentos para transportar crianças de até sete anos e meio, entretanto, só será obrigatória a partir de junho de 2010, sob pena de multa de R\$ 191,54. Hoje há brecha na lei permitindo que elas sejam levadas no banco traseiro com cinto de segurança normal - considerado inadequado para essa faixa etária.

O próprio Inmetro questionou anos atrás a qualidade das cadeirinhas vendidas no país - somente depois fixou a certificação compulsória.

Na época, dos testes com seis marcas, quatro não passaram nos ensaios de impacto -para aferir se os dispositivos são capazes de segurar a criança num acidente. Todas os manuais de instrução foram reprovados -problema considerado grave porque, sem instalação adequada, a cadeirinha não resolve.

Inmetro admite que objetivo é desovar produtos

DA REPORTAGEM LOCAL

O Inmetro admite que a decisão de postergar a exigência de certificação nas cadeirinhas vendidas nas lojas visa desovar os estoques de produtos antigos, mas nega que eles sejam necessariamente inseguros.

Segundo Gustavo Kuster, gerente de qualidade do instituto, é responsabilidade do fabricante garantir a segurança do produto que não foi submetido a testes do Inmetro, até em respeito ao código do consumidor.

"É a responsabilidade do fabricante e a confiança do consumidor no fabricante. Se ele confiar, OK", afirma Kuster.

O gerente, porém, diz recomendar a compra das cadeirinhas que foram certificadas. "Não posso dizer que um produto que não avaliei é seguro", afirmou, ressaltando: "Não é porque antes não tinha selo que eu vou dizer que os produtos eram totalmente inseguros".

As lojas estão cientes desde janeiro de 2007 do prazo para vender os assentos certificados.

Mas Kuster defende a tolerância. "Criamos uma norma mais rigorosa. Não adianta a gente ignorar e dizer: "Quero que todos os produtos estejam conforme a norma a partir de agora".

Não posso chegar e dizer: "Comércio, ignore tudo o que você comprou no passado".

Com a certificação do Inmetro, os dispositivos passam por análise de diversos itens, que vão do teste de impacto e resistência à qualidade do material e às instruções de instalação.

Acidentes

A decisão do Inmetro se dá no ano em que a insegurança das crianças no trânsito foi escolhida como o principal tema de preocupação pelo Denatran, departamento de trânsito também ligado ao governo federal.

Um estudo do órgão mostrou que, entre 2000 e 2007, mais de 180 mil crianças foram vítimas em acidentes de trânsito no país, das quais mais de 8.000 morreram. Em 2004, as crianças de 0 a 12 anos eram 4,9% dos mortos no trânsito. Em 2007, representavam 5,6%.

Uma pesquisa da ONG Criança Segura mostrou que, embora as ocorrências no trânsito representem a principal causa de morte de crianças por acidentes, as mães não costumam ter essa percepção.

Numa análise qualitativa com mães de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Curitiba, os acidentes de trânsito não foram citados como preocupações relevantes de riscos dos filhos - com exceção dos atropelamentos. **(AI)**

Invasão e esgoto poluem represas, diz Sabesp

Prefeitura de SP estima que 2 milhões de pessoas vivam em áreas irregulares em mananciais, onde não há tratamento de dejetos

Em Guarulhos, 100% do esgoto produzido não passa por tratamento; promotor alerta ainda para despejo clandestino por indústrias

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA
DA REPORTAGEM LOCAL

A invasão de áreas de mananciais e a falta de tratamento de esgoto nos municípios que ficam à beira das represas Guarapiranga e Billings são os principais fatores de poluição dessas águas, segundo a Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo) e a Emae (Empresa Metropolitana de Águas e Energia).

A Prefeitura de São Paulo estima que cerca de 2 milhões de pessoas vivam em ocupações irregulares nas áreas de bacia das represas.

Nenhuma delas tem tratamento de esgoto e os dejetos produzidos são despejados diretamente nas águas, por ligações clandestinas.

De acordo com a última Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), essa é a realidade de 20% dos moradores da região metropolitana de São Paulo. Parte desse esgoto que não é coletado vai direto para os córregos que recortam as cidades, para os rios e para as represas.

De acordo com a Sabesp, em Guarulhos, por exemplo, 100% do esgoto produzido não passa por tratamento. Em São Bernardo, 5% são jogados na Billings.

Um dos bairros de Diadema também despeja todos os dejetos que produz na represa -o município não informou qual a população desse local.

Algumas vezes, mesmo quando há coleta de esgoto, não há tratamento. Segundo a Sabesp, até julho deste ano, o esgoto de cerca de 1 milhão de habitantes era jogado pela empresa diretamente no rio Pinheiros e nas represas Billings e Guarapiranga, pois não havia como levar os dejetos para uma estação de tratamento.

O problema foi solucionado, diz a empresa, com a construção de uma estação em Barueri.

Indústrias

"O que essas cidades despejam de esgoto nos rios ainda é assustador", diz o promotor de meio ambiente da capital, José Eduardo Ismael Lutti.

"Somam-se ainda a isso o que indústrias lançam clandestinamente nos rios, porque é mais barato do que tratar", ressalta Lutti.

Segundo ele, os índices de chumbo localizados nas represas podem ser oriundos de uma ligação clandestina industrial.

Qualidade melhor

A Cetesb (Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental), da Secretaria Estadual do Meio Ambiente, que faz monitoramentos da qualidade da água da represa e lança relatórios anuais, diz que há dez anos o chumbo é percebido na Billings.

Mas, de acordo com o órgão, a qualidade da água melhorou desde 1992, quando a água do rio Pinheiros era jogada, sem tratamento, na represa.

A Sabesp afirma que a qualidade vem melhorando, já que o avanço da população clandestina no entorno das represas tem estacionado nos últimos anos.

A Secretaria Municipal de Habitação de São Paulo não informou o número de novas ocupações nos últimos anos e afirmou que está regularizando a situação desses moradores e instalando redes coletoras de esgoto.

(TALITA BEDINELLI e MARCIO PINHO)

São Paulo, segunda-feira, 17 de novembro de 2008

FOLHA DE S.PAULO **esporte**

F-1 começa a mostrar a cara de 2009

A partir de hoje e até quarta, as 10 equipes que disputam o Mundial testam na Espanha novidades para o ano que vem

Principal novidade para a próxima temporada, o Kers ainda gera polêmica, e times ainda esperam treinos para saber se usarão o sistema

TATIANA CUNHA

DA REPORTAGEM LOCAL

A cara da F-1 em 2009 começa a ser desvendada hoje na pista de Barcelona, na Espanha. As dez equipes que disputam o Mundial da categoria realizam até quarta-feira os primeiros treinos coletivos visando a próxima temporada, que marcará a introdução de uma série de mudanças importantes.

Do retorno dos pneus slick, sem as quatro ranhuras usadas atualmente, à "limpeza" de boa parte dos apêndices aerodinâmicos nos carros, nenhuma causa tanta controvérsia e traz tantas dúvidas quanto o Kers.

O sistema, que já é usado em carros de passeio híbridos, reaproveita a energia cinética e a transforma em potência -a energia que é perdida durante as freadas é reutilizada. O recurso, porém, só poderá ser usado por 7 segundos por volta.

Como não é compulsória para o ano que vem, a utilização do Kers ainda deve gerar discussões até o início da temporada, em 29 de março, no GP da Austrália, em Melbourne. Além da questão da segurança -nos primeiros testes com o sistema, no meio do ano, um mecânico da BMW levou um choque e foi parar no hospital e a fábrica da Red Bull teve de ser evacuada após um acidente com uma bateria que estava sendo testada-, outro motivo de dúvida é se o sistema trará vantagens ou desvantagens.

Como é muito pesado (pode chegar a 60 kg), será um problema para pilotos maiores. Além disso, com a volta dos pneus slick, para se conseguir maior eficiência, os carros deveriam ter mais lastro na frente. Mas o Kers fica na parte traseira.

Ou seja, apesar de gerar uma melhora de cerca de 3 décimos de segundo por volta, a desvantagem do peso é considerável.

"Quando você tira as ranhuras dos pneus, aumenta a área de contato mais nos dianteiros do que nos traseiros. Isso teoricamente faz com que você use uma distribuição de peso mais focada na frente", explica Patrick Head, diretor da Williams.

"Não sei como será com os outros times, mas nós tivemos que tirar praticamente todo o lastro do nosso carro com o Kers, que não podemos mover para a parte da frente do carro, por isso ficou muito difícil conseguir a distribuição de peso que achamos ser a ideal."

É justamente por isso que muitos times ainda não definiram se irão aderir ao sistema.

"É uma decisão muito difícil de ser tomada. Tudo vai depender do que conseguirmos tirar e descobrir dos pneus novos, assim que começarmos a trabalhar mais com eles", afirma Ross Brawn, diretor da Honda.

A Toyota, por exemplo, já admitiu que só deve usar o sistema no meio do ano. "Vamos testar o Kers só em janeiro, mas não devemos conseguir correr com este carro", declara John Howett, presidente do time.

São Paulo, domingo, 23 de novembro de 2008

FOLHA DE S. PAULO **esporte**

Palestra é eldorado para atletas

Cachês de até R\$ 100 mil atraem esportistas para eventos motivacionais promovidos por empresas

Apesar da diversidade de palestrantes, conteúdo das conferências pouco muda e relaciona vida no esporte com valores corporativos

CAROLINA ARAÚJO
DA REPORTAGEM LOCAL

"Sou pequena, mas tenho 16 anos de profissão e posso passar muita experiência de vida para vocês", afirmou a ginasta Laís Souza, 19, depois de se definir "um pouco nervosa" em sua estréia como palestrante.

Na meia hora em que enfrentou cerca de 70 engravatados em um auditório na zona sul de São Paulo, a ginasta cumpriu o que fora ensaiado com assessores durante duas semanas.

Falou sobre a carreira, interagiu com a platéia e encerrou com o que disse ser seu lema: "Não importa quantas vezes você cai, mas quantas vezes você levanta após a queda".

Laís é mais uma atleta que ingressa no mercado de palestras motivacionais para o mundo corporativo, em que personalidades -do técnico Zé Roberto Guimarães à cestinha Hortência, do nadador Lucas Salatta ao piloto Luciano Burti- tentam transformar experiência no esporte em fonte de renda.

O cachê normalmente flutua entre R\$ 3.000 e R\$ 50 mil, dependendo da popularidade e experiência do atleta. Mas palestrantes considerados "top", como os técnicos Bernardinho e Felipão, recebem até R\$ 100 mil por evento, segundo empresas de marketing esportivo.

A procura por conferencistas do esporte é estimulada pela exposição dos atletas na mídia.

"Eles têm mais apelo. São ídolos que as pessoas querem conhecer", afirmou Renato Chvindelman, da Arena.

Esportistas também são associados à noção de credibilidade. "O público acompanha as conquistas e comprova que os conselhos deles funcionam na prática", afirma Melissa Andreu, da Galeria de Esportes.

Para mostrar ao público que o caminho para o sucesso é semelhante nos ambientes esportivo e corporativo, o conteúdo das palestras motivacionais pouco muda, apesar da diversidade de atletas que se arriscam como conferencistas.

Analogias entre esporte e negócios são exaustivamente repetidas: vitórias são comparadas ao alcance de metas e adversários, à concorrência.

O que varia é o estilo do conferencista. Há quem invente teorias, como o técnico Bernardinho, que criou o conceito de "roda da excelência" para explicar seu sucesso nas quadras.

O mais comum, porém, é usar a própria história como exemplo de sucesso. O ex-jogador de basquete Oscar Schmidt, como vários outros atletas, fundamenta sua apresentação em "causos" da sua carreira.

Em clima informal, o ex-cestinha encena situações, conta piadas e não economiza em palavrões. "Eliminei meus vícios de linguagem, mas deixei os palavrões porque fazem parte do esporte coletivo", justifica.

Palestrante desde 1996, Oscar participa de 10 a 20 eventos por mês. "Fico muito feliz porque, contando a minha própria história, faço as pessoas rirem e até chorarem de emoção", acredita o ex-jogador.

Waldemar Niclevicz é outro veterano. Primeiro brasileiro a chegar ao topo do monte Everest, em 1995, o alpinista faz conferências desde os anos 90 e diz que o cachê e a venda dos dois livros que escreveu servem para financiar suas expedições.

"Qual é o seu Everest? É a integração energética da América Latina?", perguntou Niclevicz para cerca de 150 profissionais do setor elétrico que participavam de uma feira em São Paulo. O alpinista defendeu, em sua palestra, que "todos nós temos uma montanha, um desafio para escalar". Em meio a fotos de suas façanhas, pediu que a platéia "lute, como um verdadeiro alpinista, para chegar ao topo da montanha na sua profissão".

As frases de efeito, quando não são próprias, podem ser emprestadas. Na apresentação de slides da bandeirinha Ana Paula Oliveira, a frase "A persistência é o caminho do êxito", atribuída a Charlie Chaplin, dividia espaço com a capa do ensaio que a assistente fez para a revista "Playboy", em 2007.

E a auto-ajuda não parou em Chaplin. "Oportunidade é diferente de oportunismo. Temos que achar nossas oportunidades sem sermos oportunistas", recomendou Ana Paula, que, no final da sua apresentação, deixou o palco aplaudida de pé.

As palmas não significam o fim da tarefa para os conferencistas do esporte. Quando o evento acaba, palestrantes voltam a ser atletas e colaboradores do mundo corporativo, fãs. E a missão só estará cumprida após serem atendidos os vários pedidos por fotos e autógrafos.

Crise já afeta mercado de eventos corporativos, afirmam empresas

DA REPORTAGEM LOCAL

O final de ano costuma ser a época de maior demanda por eventos corporativos. Seria uma boa oportunidade para atletas engordarem suas contas bancárias, mas agências que organizam palestras motivacionais estão pessimistas: a crise financeira internacional já abala o mercado de eventos.

Gizelle Rosa, da Parlante, diz que 80% das palestras que organiza hoje são com especialistas em economia. "Já os eventos com esportistas vêm diminuindo desde o fim da Olimpíada de Pequim", afirma.

Segundo Melissa Andreu, da Galeria de Esportes, a procura por palestras com atletas caiu 70% desde setembro. "A crise nas Bolsas e a eleição nos Estados Unidos geraram um clima de incerteza. Se a situação econômica não melhorar, as empresas podem fechar seus cofres para eventos", diz.

Por outro lado, Andreu vê saídas para o setor: "O que as companhias querem é acalmar seus funcionários. E atletas podem ensiná-los a enfrentar situações difíceis, de superação".

Conferencistas também já pensam em alternativas. O iatista Lars Graef, que faz em média quatro palestras mensais, prevê que a crise afetará sua agenda no ano que vem.

Por isso, o velejador pretende investir em temas que interessem às empresas. "Conferências sobre volta por cima, necessidade de aceitar mudanças, novas oportunidades e realinhamento de metas podem incentivar as empresas a lutarem contra a crise", diz Graef.

Para driblar prejuízos, Renato Chvindelman, da Arena, afirma que investirá em palestrantes de outras áreas. "É hipocrisia dizer que a crise financeira mundial não afetará o mercado de palestras. Temos que buscar opções." (CA)

ANÔNIMOS

ATLETAS DE ESPORTES RADICAIS TAMBÉM SÃO PROCURADOS

Não são apenas ídolos nacionais que têm espaço no mercado. Em sua maioria anônimos, atletas que praticam esportes radicais -equipes de corrida de aventura, alpinistas e pilotos de rally- também são procurados para ministrar palestras sobre situações de risco, trabalho em equipe e superação de obstáculos. Segundo agências de marketing esportivo, contribui para a demanda por esportistas radicais o fato de serem pouco conhecidos e cobrarem cachês menores em relação a atletas consagrados.

"Minha família foi toda levada pela chuva"

Gerda Karl, 53, perdeu mãe, pai, marido, filho e outra filha, grávida de sete meses; só restou o filho de 22 anos, Nilberto

Ao ver o helicóptero de resgate, sobreviventes avançam e, aos prantos, pedem à reportagem informações de parentes

VINÍCIUS QUEIROZ GALVÃO

ENVIADO ESPECIAL A NAVEGANTES

Na clareira improvisada num campo de futebol da zona rural de Ilhota, cidade vizinha a Navegantes, um grupo de desabrigados, ali desde a noite de domingo ou a manhã de segunda, começa a ser resgatado pelo ar por uma missão do Exército, acompanhada pela Folha.

Tão logo o helicóptero pousa, parte deles avança sobre a reportagem, apesar do risco das hélices em funcionamento. Muitos choram. Sem saber quem chegava -Cruz Vermelha ou Defesa Civil-, perguntam sobre os perigos que correm se permanecerem ali.

Todos apontam uma mulher desolada. É Gerda Karl, 53. Perdeu mãe, pai, marido, filho e outra filha, grávida de sete meses. Só restou o filho de 22 anos, Nilberto, com quem conseguiu pular pela janela quando a enxurrada levou a casa morro abaixo. E, com a casa, também foram soterrados o carro e quatro vacas, de onde a família tirava a subsistência na produção de queijos, vendidos em pequenas padarias.

"Ali não dá mais para voltar. Minha família foi toda levada pela chuva e não sei se vão achá-los", afirma. Se acharem os corpos dos cinco parentes de primeiro grau, Gerda diz que não vai poder enterrá-los. O cemitério de Alto Baú, na zona rural, foi destruído pela tormenta. Os caixões emergiram, os túmulos caíram e os cadáveres se misturaram à lama.

Quando o helicóptero da Força Aérea pousa em outro campo para resgatar mais desabrigados, todos queriam subir desordenadamente e sair do alto do morro. A estratégia era recolher todos para o primeiro campo de refugiados, um descampado onde uma aeronave maior poderia levar até 20 de cada vez.

"Moço, isso não vai cair?", chorava Teresinha Floriano, que perdeu a irmã, a sobrinha de um ano e meio, a casa, que ficou "retorcida" e terá de ser demolida por trator, e nove amigas. Teresinha também perdeu o emprego: a cooperativa de confecção em que trabalhava desabou. Ao lado dela, um senhor rezava, com medo de que o helicóptero, assim como a casa, desabasse.

Na segunda leva de desabrigados, Maria Hentchen, 84, pede à reportagem para ligar para os filhos (ela tira o número do bolso). Desde domingo não tinha notícia deles e não sabia se estavam vivos. No meio daquela mata não havia sinal de celular. Com a casa, destruída com a queda de dois eucaliptos, Maria perdeu os remédios para hipertensão e para a embolia pulmonar da qual ainda se curava. Uma mulher que não aparentava mais de 40 anos é retirada de maca do helicóptero com o pé direito enfaixado. Foi picada por uma cobra jararaca.

"O senhor não sabe as condições em que o povo se encontra: a carne está jogada no chão, cheia de poeira", diz um soldado ao tenente-coronel Sérgio Warpechowski, comandante da missão humanitária do Exército no aeroporto de Navegantes. "Tem de congelar, se não, não serve para comer. Não pode deixar o sangue escorrer", responde o militar, que parecia não se

dar conta da falta de luz, de água potável e de comida saudável aos ilhados.

No abrigo no meio da mata desde segunda-feira pela manhã, Iracema Brunes teve o restaurante interditado pela Defesa Civil catarinense. "Minha cozinha caiu, as paredes estão todas trincadas", diz.

Com a chuva, a erosão derrubou estradas. O único jeito de chegar aos sobreviventes era mesmo de helicóptero.

Ao cair da noite, voluntários fazem lista dos 175 desabrigados da zona rural de Ilhota para dividi-los por família. O resgate começa a levá-los para Blumenau enquanto chovia. O tempo continua ruim em Santa Catarina.

ANEXO G – Corpus Textos – Infográficos Descrição de Processos

São Paulo, sábado, 08 de novembro de 2008 **FOLHA DE S.PAULO** cotidiano

Billings tem poluentes até 100 vezes acima do limite

Represas que abastecem região metropolitana possuem substâncias como alumínio e chumbo

Dados são de estudo da USP; segundo Sabesp, poluição não representa risco à população, pois água é tratada antes do consumo

TALITA BEDINELLI

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

JOSÉ ERNESTO CREDENDIO

DA REPORTAGEM LOCAL

Estudo realizado por técnicos da USP (Universidade de São Paulo), a pedido do Ministério Público, detectou que as represas Billings e Guarapiranga têm poluentes, alguns deles potencialmente tóxicos e cancerígenos, acima do permitido pela legislação ambiental. A água das duas represas ajuda no abastecimento dos municípios da região metropolitana de São Paulo e é utilizada como lazer, para pesca, nado ou vela.

Análises feitas de setembro de 2007 a maio de 2008 observaram que, das 95 substâncias examinadas, 25 estavam fora de conformidade em pelo menos 10% dos testes em um dos pontos de monitoramento.

Havia níveis altos de substâncias como alumínio, que pode estar associado ao mal de Alzheimer; cianetos, que podem causar perda de peso e danos à tireóide e ao sistema nervoso; clorofórmio, suspeito de ser cancerígeno; coliformes termotolerantes, que contêm vírus e bactérias; entre outras.

O poluente mais preocupante, diz o relatório, é o chumbo. Numa amostra da Billings, havia uma quantidade 100 vezes superior ao permitido. Outra, na Guarapiranga, detectou-o em quantidade 23 vezes maior do que o limite. O chumbo, em altos valores, pode causar anemia e problemas neurológicos.

Segundo a Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo), as substâncias não representam risco à população, pois a água é tratada antes do consumo. A empresa diz que a poluição se concentra em pontos específicos, perto de manchas urbanas, e é causada por despejo de esgoto sem tratamento. Nas áreas usadas como lazer, perto de São Bernardo do Campo e Ribeirão Pires, há monitoramento diário e a água possui a qualidade exigida pelo Conama (Conselho Nacional do Meio Ambiente).

As análises da água foram pedidas pelo Ministério Público porque o governo paulista pretende bombear a água dos rios Pinheiros e Tietê para a Billings. A água passaria por um processo de limpeza denominado flotação -tratamento com produtos químicos que levam a sujeira para a superfície.

O processo ajudaria a despoluir o Pinheiros e a aumentar a quantidade de água da represa, o que seria revertido em energia, segundo a Emae (Empresa Metropolitana de Águas e Energia). Dos 17 pontos de análise, 2 foram detalhados no relatório: um antes da flotação e outro depois. Segundo o estudo, as amostras após a flotação ainda detectaram poluentes em níveis

acima do limite e isso é jogado na Billings.

O Ministério Público diz que ainda não se sabe se o sistema é falho, pois são necessários cálculos para avaliar se, após a adoção do projeto -o fluxo de água será cinco vezes maior que no período de testes- a poluição após a flotação será prejudicial ao reservatório.

Invasão e esgoto poluem represas, diz Sabesp

Prefeitura de SP estima que 2 milhões de pessoas vivam em áreas irregulares em mananciais, onde não há tratamento de dejetos

Em Guarulhos, 100% do esgoto produzido não passa por tratamento; promotor alerta ainda para despejo clandestino por indústrias

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA
DA REPORTAGEM LOCAL

A invasão de áreas de mananciais e a falta de tratamento de esgoto nos municípios que ficam à beira das represas Guarapiranga e Billings são os principais fatores de poluição dessas águas, segundo a Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo) e a Emae (Empresa Metropolitana de Águas e Energia).

A Prefeitura de São Paulo estima que cerca de 2 milhões de pessoas vivam em ocupações irregulares nas áreas de bacia das represas.

Nenhuma delas tem tratamento de esgoto e os dejetos produzidos são despejados diretamente nas águas, por ligações clandestinas.

De acordo com a última Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), essa é a realidade de 20% dos moradores da região metropolitana de São Paulo. Parte desse esgoto que não é coletado vai direto para os córregos que recortam as cidades, para os rios e para as represas.

De acordo com a Sabesp, em Guarulhos, por exemplo, 100% do esgoto produzido não passa por tratamento. Em São Bernardo, 5% são jogados na Billings.

Um dos bairros de Diadema também despeja todos os dejetos que produz na represa -o município não informou qual a população desse local.

Algumas vezes, mesmo quando há coleta de esgoto, não há tratamento. Segundo a Sabesp, até julho deste ano, o esgoto de cerca de 1 milhão de habitantes era jogado pela empresa diretamente no rio Pinheiros e nas represas Billings e Guarapiranga, pois não havia como levar os dejetos para uma estação de tratamento.

O problema foi solucionado, diz a empresa, com a construção de uma estação em Barueri.

Indústrias

"O que essas cidades despejam de esgoto nos rios ainda é assustador", diz o promotor de meio ambiente da capital, José Eduardo Ismael Lutti.

"Somam-se ainda a isso o que indústrias lançam clandestinamente nos rios, porque é mais barato do que tratar", ressalta Lutti.

Segundo ele, os índices de chumbo localizados nas represas podem ser oriundos de uma ligação clandestina industrial.

Qualidade melhor

A Cetesb (Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental), da Secretaria Estadual do Meio Ambiente, que faz monitoramentos da qualidade da água da represa e lança relatórios anuais, diz que há dez anos o chumbo é percebido na Billings.

Mas, de acordo com o órgão, a qualidade da água melhorou desde 1992, quando a água do rio

Pinheiros era jogada, sem tratamento, na represa.

A Sabesp afirma que a qualidade vem melhorando, já que o avanço da população clandestina no entorno das represas tem estacionado nos últimos anos.

A Secretaria Municipal de Habitação de São Paulo não informou o número de novas ocupações nos últimos anos e afirmou que está regularizando a situação desses moradores e instalando redes coletoras de esgoto.

(TALITA BEDINELLI e MARCIO PINHO)

Torneios on-line turbinam tiro esportivo no Brasil

Sistema de stand virtual derruba gastos e faz esporte ganhar mais competidores

Com competições on-line, confederação brasileira da modalidade já contabiliza aumento expressivo de atletas nos campeonatos

GIULLIANA BIANCONI
DA REPORTAGEM LOCAL

Com um sistema on-line que custou R\$ 20 mil à CBTE (Confederação Brasileira de Tiro Esportivo) para ser integrado ao seu banco de dados, a entidade vem mudando a dinâmica desse esporte no país.

Neste ano, os campeonatos brasileiros de provas que integram as modalidades carabina, pistola, tiro ao prato e trap estão sendo disputadas em stands virtuais montados em diversos Estados.

A inovação, sugerida pelo presidente da CBTE, Frederico Costa, deu novo ânimo ao tiro esportivo brasileiro.

Segundo o gerente de tecnologia da confederação, Mauricio Fernandes, houve etapas desta temporada, a exemplo da realizada no Ceará, em julho, que apresentaram aumento de quase 50% no número de atletas se comparadas aos torneios equivalentes de 2007.

"Conseguimos uma forma de fazer os atiradores descartarem custos. Eles não precisam gastar, a cada etapa, com passagens e hospedagem. Podem competir na sua própria cidade. Isso abre uma outra perspectiva para o esporte", afirma Frederico Costa.

Os stands virtuais são locais que abrigam atiradores que não se apresentam na base do campeonato. Nesses pontos há um árbitro da CBTE responsável por homologar as pontuações e digitá-las no sistema on-line.

Os resultados, assim que inseridos no sistema, são acessados em todos os locais de prova e exibidos em telões para que os atletas acompanhem como anda a performance de cada rival. Atirador que representou o Brasil na Olimpíada de Pequim nas provas de pistola de ar 10 m, pistola livre 50 m e tiro rápido 25 m, Júlio Almeida é um dos que já comemoram a redução de gastos com competições.

"Na semana passada, houve a Copa Recife, uma disputa que valia pontos para o ranking nacional. Eu não gastaria menos de R\$ 1.500 para competir em Pernambuco, mas só desembolsei a inscrição, que me custou R\$ 50,00, e atirei no Rio de Janeiro, cidade onde moro."

Apesar da boa aceitação que vem tendo entre os atletas, as provas on-line não substituem totalmente as presenciais.

Há torneios, como a última etapas dos campeonatos brasileiros, que exigem a presença dos atleta na base. A intenção da CBTE é fazer com que os atiradores não deixem de sentir a pressão de disparar a arma com os adversários ao lado, já que em competições internacionais as provas ainda são presenciais.

Júlio Almeida, entretanto, defende que a disputa virtual também apresenta peculiaridades que podem abalar o emocional do atirador.

"Eu posso começar a prova sem saber se os meus principais adversários estarão lá, pois como é permitido se inscrever até minutos antes da competição, corro o risco de só saber quem está

atirando quando os resultados aparecerem no telão, e isso sempre desperta uma enorme ansiedade", diz.

FRAUDE:

TREINADORES E ÁRBITROS DESCARTAM CHANCE DE MANIPULAÇÃO

Árbitro da CBTE, Fausto Michelin compartilha da mesma opinião do treinador Gustavo Fruet. Eles acreditam que a fraude não seja possível nos stands virtuais espalhados pelos país. Defendem que, além de o árbitro possuir auxiliares que acompanham o processo de transmissão da pontuação para o sistema on-line, a máquina que lê o resultado o faz digitalmente. "E mesmo que fosse manual, no tiro um atleta não evolui da noite para o dia. É muito técnico, então a fraude seria logo percebida", diz Fruet.

Sistema não abrange 100% das provas

DA REPORTAGEM LOCAL

No Brasil, as modalidades carabina e pistola, tiro ao prato e trap reúnem 24 provas - descartando as especiais. Nem todas adotaram o sistema on-line.

Na carabina e na pistola, apenas as provas de ar são realizadas em stands virtuais. Carabina deitado, carabina três posições e pistola de fogo central são algumas das que ainda só podem ser disputadas presencialmente.

"Fizemos um primeiro evento-teste em 2007, vimos que o sistema on-line era viável e, nesta temporada, o introduzimos nas provas mais populares. Mas, pouco a pouco, pretendemos realizar todas as provas nesse formato", afirma o gerente de tecnologia da CBTE, Maurício Fernandes.

Além de comprovarem que a viabilidade do sistema proporcionou aumento no número de praticantes, os dirigentes observaram que as categorias de base foram as que tiveram maior incremento na quantidade de atiradores.

"Isso é muito positivo, pois comprova que, com a disputa virtual, é mais fácil promover a renovação de um esporte em que os menores só podem viajar com os responsáveis pelas armas", observa Stênio Yamamoto, um competidores dos tops do Brasil na pistola de ar. A cearense Thaís Moura, 17, compete pela dama júnior da pistola de ar, categoria que lidera no ranking brasileiro. Ainda não tem idade para adquirir licença do Exército para possuir armas. Em função disso, sua mãe, proprietária das pistolas que utiliza, tem de acompanhá-la em todas as viagens.

"Facilitou a vida dos atletas da base e por isso caras novas estão surgindo", afirmou Gustavo Fruet, treinador de Thaís e proprietário de um stand. (GB)

Rede de bancos de cordão umbilical será ampliada

Proposta do Ministério da Saúde é criar centros em sete Estados, além do DF

Sangue de cordão umbilical e placentário é rico em células-tronco, uma das duas fontes principais para transplantes de medula

CAIO JOBIM

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, DO RIO

O ministro da Saúde, José Gomes Temporão, e o presidente do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), Luciano Coutinho, assinaram ontem, no Rio, um convênio que vai destinar R\$ 31,5 milhões para a ampliação da rede BrasilCord, que reúne bancos públicos de armazenamento de sangue de cordão umbilical e placentário.

O sangue de cordão umbilical e placentário é rico em células-tronco hematopoéticas, uma das duas principais fontes para realização de transplantes de medula óssea. A outra são os doadores voluntários.

O transplante de medula óssea é indicado para pacientes que sofrem de leucemia, linfomas, anemias graves e imunodeficiências congênitas, além de outras 70 doenças relacionadas aos sistemas sanguíneo e imunológico.

Expansão da rede

Atualmente, a rede BrasilCord conta com quatro unidades -no Instituto Nacional de Câncer (RJ), no Hospital Israelita Albert Einstein (SP) e nos hemocentros da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) em Campinas e Ribeirão Preto. Com o investimento, serão criados outros oito centros nos Estados de Pernambuco, Ceará, Pará, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além do Distrito Federal.

"Com essa expansão, a gente vai abranger várias regiões do país que tinham muito pouca participação em termos de doação voluntária, nas quais não há centros de transplante de medula. Com a chegada do banco de sangue de cordão umbilical e o laboratório de processamento, a gente proporciona também a atividade de transplante nessas regiões", afirmou Luiz Fernando Bouzas, coordenador da rede BrasilCord e diretor do centro de transplante de medula óssea do Inca (Instituto Nacional de Câncer).

Juntos, os quatro bancos de cordão em funcionamento têm 6.000 amostras de sangue de cordão umbilical e placentário estocadas. Quando as novas unidades estiverem em atividade plena, a meta é chegar a 50 mil amostras armazenadas.

Chegando a esse número, a estimativa é que 85% dos transplantes de medula óssea realizados no Brasil sejam feitos a partir de doações. Isso deve acontecer dentro de cinco anos, de acordo com Bouzas.

Transplantes

Antes da implantação da rede BrasilCord a probabilidade de que fosse encontrado um doador compatível no registro de doadores voluntários era inferior a 10%. Hoje, essa probabilidade já ultrapassou os 50%.

Desde que a rede foi implantada, em novembro de 2004, foram realizados 60 transplantes com doador nacional de sangue de cordão umbilical.

"A utilização do inventário de sangue de cordão considerado útil fica em torno de 1% ou 2%

do que está armazenado, e a gente já está utilizando cerca de 3,5%", disse Bouzas.

Segundo ele, o Brasil realiza cerca de 1.800 transplantes de medula óssea por ano.

O ministro José Gomes Temporão destacou as possibilidades de parceria do ministério com o BNDES para objetivos como esse.

"Trabalhamos com um tema muito sensível do ponto de vista de saúde pública, pensando numa estratégia em rede, de abrangência nacional, em que vai ser possível medir com muita clareza os benefícios e o impacto dessa articulação em prol da saúde pública", disse.

Frase

"Com a expansão, vamos abranger regiões que tinham pouca participação de doação voluntária, nas quais não há centros de transplante de medula"

LUIZ FERNANDO BOUZAS

coordenador da rede BrasilCord

Doação pode ser feita apenas nos hospitais credenciados

FERNANDA BASSETTE

DA REPORTAGEM LOCAL

Não basta ter vontade para doar o sangue do cordão umbilical do bebê para um banco público -é preciso realizar o parto em um dos hospitais credenciados pela rede BrasilCord.

Atualmente, o Brasil possui quatro bancos públicos, três em São Paulo e um no Rio de Janeiro e nove hospitais na rede credenciada.

Até pouco mais de um ano atrás, gestantes que fariam o parto em outro hospital conseguiam pegar um "kit doação" no Inca (Instituto Nacional de Câncer) e entregá-lo ao obstetra responsável pelo parto. O material era colhido e devolvido para ser processado e efetivamente congelado.

Mas, de acordo com a assessoria de imprensa do Inca, isso não é mais feito porque grande parte do material coletado em maternidades não-credenciadas chegava contaminado e tinha de ser descartado, o que gerava custo e desperdício. Desde então, nenhum dos bancos públicos aceita doação de sangue que seja coletado em hospitais de fora da rede credenciada.

Segundo Andreza Feitosa Ribeiro, coordenadora-médica do Banco de Sangue de Cordão Umbilical do hospital Albert Einstein, que mantém convênio com o Hospital Municipal do Campo Limpo, os bancos públicos não aceitam doação de fora para garantir a qualidade.

"Nossas coletas são feitas por equipes especializadas e treinadas para esse objetivo. A coleta é feita dentro dos padrões internacionais de qualidade e esterilidade, garantindo o sucesso de um futuro transplante. Mesmo com treinamento especializado, 25% do material colhido por nós é descartado."

A opinião é compartilhada pelos hematologistas responsáveis pelos outros três bancos públicos do país. "O sangue de cordão é extremamente sério, por isso a gente só congela o que a gente sabe exatamente como foi coletado", disse a hematologista Ângela Cristina Malheiros Luzo, do Hemocentro da Unicamp.

Ela diz que mantém equipes em mais dois hospitais e que pretende ter uma equipe volante - para fazer a coleta em outros hospitais. "Mas ainda não temos recursos para isso."

Para as coletas de sangue de cordão umbilical, o banco do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto mantém convênio com a Maternidade Mater -para os partos realizados na própria

maternidade. Segundo o hematologista responsável pelo HC, Gil De Santis, o hospital não faz coletas porque os partos realizados lá geralmente são de gestações de risco.

USP testa injeção contra ronco

Resultados iniciais são equivalentes aos de tratamento já disponível, que tem custo 35 vezes maior

Estudo avaliará efeito da técnica em 50 pacientes; procedimento é eficaz nos casos mais leves, quando não há apnéia noturna

AMARÍLIS LAGE

DA REPORTAGEM LOCAL

Pesquisadores da Faculdade de Medicina da USP buscam uma nova opção para quem ronca: uma injeção que, aplicada no céu da boca, diminui o ruído causado pela passagem de ar. O estudo, que deve ser concluído no ano que vem, avaliará o efeito da técnica em quase 50 pacientes - 18 já receberam a injeção.

Os resultados iniciais são equivalentes aos obtidos com a radiofrequência, tratamento já disponível. Nesse caso, é um aparelho que, por meio de calor, "endurece" o palato mole (parte posterior do céu da boca). O problema dessa técnica é o custo do material de cada sessão, que é de R\$ 900. Geralmente são necessárias de três a cinco aplicações. Já o custo do material da injeção seria de cerca de R\$ 25, de acordo com o otorrinolaringologista Michel Cahali, orientador da pesquisa.

A injeção é aplicada em três pontos do palato mole, perto da úvula (a campainha). A dor, afirma Cahali, é similar à de uma anestesia. O procedimento endurece a região, mas isso não leva a alterações na voz ou na deglutição de alimentos.

Segundo a otorrinolaringologista Fernanda Martinho, do Instituto do Sono da Unifesp, tanto a injeção quanto a radiofrequência geram uma lesão na submucosa, causando uma fibrose. "O tecido fica mais rígido, vibra menos e causa menos ronco. Além disso, essa lesão pode levar a uma abertura do espaço respiratório", explica.

Tratamentos

A injeção, assim como a radiofrequência, apenas alivia o ronco. Além disso, só tem resultado em casos mais leves, em que não há apnéia (pausa na respiração durante o sono), ressalta Cahali. Para os casos mais graves, as opções mais eficazes são as máscaras, os aparelhos intra-orais e as cirurgias.

Travesseiros, fisioterapia e acupuntura não são um tratamento efetivo. O emagrecimento só tem efeito sobre o ronco se a perda de peso é drástica (de aproximadamente 20% do total) em obesos.

O tratamento não busca só a tranquilidade de quem dorme ao lado. O ronco indica dificuldade para respirar e é o primeiro passo para a apnéia, que sobrecarrega coração e pulmão.

O problema ocorre devido à falta de tônus na musculatura da garganta. Essa flacidez, ligada a componentes genéticos, é mais comum em homens, obesos e idosos. Quem usa remédios que alteram a tônus, como relaxante muscular e antidepressivo, é mais vulnerável ao ronco. O álcool também leva a um relaxamento muscular.

Segundo Martinho, pessoas que roncam pelo menos quatro vezes por semana devem procurar orientação médica.

Outros estudos

"A idéia de uma injeção para endurecer a região e diminuir o ronco é antiga. Vários produtos foram testados, mas a melhora era pequena", afirma Cahali. No fim da década de 90, pesquisadores norte-americanos divulgaram bons resultados. Entretanto, diz Cahali, a patente do produto foi comprada por um fabricante de aparelhos de radiofrequência e ele deixou de ser fabricado.

No último congresso do American College of Chest Physicians, realizado no mês passado, pesquisadores do Egito apresentaram uma pesquisa com injeções. Foram avaliados 32 pacientes e houve uma diminuição significativa do ronco.

"A idéia é muito sedutora, pois se trata de uma medida simples e barata. O desfavorável é que o problema é do músculo que envolve a garganta, e a injeção não o alcança. A injeção trata o sintoma, mas não a causa", afirma Cahali.

Segundo o médico, se os resultados da pesquisa forem favoráveis, será necessário mais um estudo, para avaliar que pessoas mais se beneficiariam. Se tudo correr bem, dentro de três anos será possível disponibilizar o novo tratamento.

Frase

"A idéia de uma injeção para diminuir o ronco é antiga. É muito sedutora, pois se trata de uma medida simples e barata. O desfavorável é que o problema é do músculo que envolve a garganta, e a injeção não o alcança. A injeção trata o sintoma, mas não a causa"

MICHEL CAHALI

otorrinolaringologista

Estudos mostram que catapora não é doença inofensiva

Tida como benigna na infância, infecção viral pode levar a complicações e internações hospitalares, dizem médicos

Das crianças com varicela registradas em um hospital considerado referência em infectologia pediátrica em MG, 25% foram internadas

IARA BIDERMAN

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Apesar de ser considerada uma doença benigna da infância pela maioria da população, a catapora é uma infecção viral com um risco considerável de complicações e causa de um número alto de internações, segundo estudos inéditos apresentados no 15º Congresso Brasileiro de Infectologia Pediátrica, que ocorreu de 9 a 12 de novembro em Vitória (ES). Em Belo Horizonte, um levantamento feito entre 2003 e 2005 no Hospital Infantil João Paulo II, considerado referência em infectologia pediátrica no Estado de Minas Gerais, registrou 3.800 casos de crianças com varicela (o nome técnico da catapora). Destas, 937 (cerca de 25%) foram internadas por complicações da doença. Segundo a pediatra Sílvia Andrade, que participou da pesquisa, 85% das crianças internadas não tinham doenças prévias, como as auto-imunes ou câncer, que são responsáveis por complicações de viroses.

Os dados de Belo Horizonte fazem parte de um estudo multicêntrico organizado por Aroldo Prohmann Carvalho, professor de pediatria da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), que inclui, além de Belo Horizonte, dados de São Paulo, Florianópolis e Recife. No total, foram registradas 1.600 internações de crianças por complicações da doença.

Outro levantamento, feito entre 2006 e 2007 no Hospital das Clínicas da USP (Universidade de São Paulo) de Ribeirão Preto, mostrou que a varicela foi responsável por cerca de 11% das internações no setor de isolamento pediátrico do hospital. Para Eitan Berezin, presidente do Departamento de Infectologia da Sociedade Brasileira de Pediatria, é um número estatisticamente significativo, "especialmente se for levado em conta que é uma doença que pode ser prevenida".

Maria Célia Cervi, professora do Departamento de Pediatria da USP de Ribeirão Preto, acrescenta que as complicações da doença significam um alto custo para a saúde pública. "O custo de cada criança internada foi de R\$ 500 por dia."

No mesmo congresso, foi apresentado outro estudo, feito entre 2006 e 2007 no Hospital Pequeno Príncipe, de Curitiba (PR). "A taxa de internação foi menor [156 internações em 2.212 casos de varicela], mas ocorreram cinco mortes de crianças", relata Alexandre Arias, do Instituto de Ensino Superior Pequeno Príncipe e um dos autores do estudo.

Roberto Tozze, pediatra do pronto-socorro do ICr (Instituto da Criança) do Hospital das Clínicas de São Paulo, diz que, embora não saiba de estudos mostrando a incidência de complicações ao longo do tempo, sua experiência clínica mostra um possível aumento. "Aparentemente, não havia tantos casos de complicações da varicela quanto vemos hoje."

Infecções

A complicação mais comum é a infecção bacteriana cutânea. Lesões na pele, que surgem principalmente quando a criança coça as vesículas e pústulas (bolhas), são porta de entrada para bactérias, que podem atingir o tecido subcutâneo, inflamando-o, num quadro chamado celulite. Pneumonite (infecção viral), pneumonia (bacteriana), meningite asséptica (viral) e

lesões oculares são outras complicações.

Nos casos mais graves, as complicações podem levar a infecções generalizadas como síndrome do choque tóxico e sepse, que evoluem rapidamente e podem causar falência dos órgãos e morte.

Para o pediatra Evandro Roberto Baldacci, do ICr, a idéia comum entre o público leigo de que não há problema em contrair catapora na infância e que isso pode até ter um lado bom, o de prevenir a doença na vida adulta (quando as complicações são muito mais frequentes e graves), não é preconizada pela classe médica. "Sabemos que, apesar de os riscos serem menores [na criança saudável], eles existem e podem evoluir para um quadro grave."

Para evitar problemas

Quando não apresenta complicações, a varicela é uma doença autolimitada, ou seja, a cura ocorre passado o ciclo, que dura de sete a dez dias, sem a necessidade de remédios. Não coçar as vesículas e pústulas, manter as unhas da criança bem curtas e lavar constantemente as mãos e o corpo são as melhores formas de evitar complicações.

Não é recomendado o contato com crianças contaminadas, mas a transmissão pode ocorrer antes que a doença comece a se manifestar. A vacina contra catapora oferece entre 70% e 90% de proteção, diz Tozze, mas não pode ser dada a crianças com menos de um ano e não está disponível na rede pública.

saiba mais

Para médicos, doença não é motivo de festa

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Até o início da década de 90, "festas da catapora" foram populares nos EUA. O objetivo era colocar uma criança doente em contato com outras, para que estas adquirissem a doença no decorrer da infância, quando os riscos e a intensidade das complicações são menores do que em adolescentes e adultos. As festas saíram de moda com a introdução da vacina da varicela no calendário de vacinação norte-americano, em 1995.

No Brasil, ainda há quem acredite que se deve expor a criança ao vírus para que ela adquira a doença o antes possível e fique "livre" dela na vida adulta. Segundo Eitan Berezin, presidente do Departamento de Infectologia da SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria), a entidade não recomenda a prática. "Ao contrário, indicamos evitar o contato."

Embora a vacina da varicela não faça parte do calendário oficial de vacinações, a SBP a recomenda para crianças maiores de um ano. "E, se a criança não tiver recebido a vacina e entrar em contato com outra criança doente, também recomendamos que seja vacinada.

Tomada em um período de até cinco dias após o contato com o vírus, a vacina é efetiva para evitar a doença ou fazer com que suas manifestações sejam muito mais leves, diminuindo a chance de complicações." (IB)

ANEXO H – *Corpus Textos* – Infográficos Descrição por Comparação

São Paulo, terça-feira, 04 de novembro de 2008 **FOLHA DE S. PAULO** **saúde**

Aumenta índice de artrite reumatóide em mulheres

Após 4 décadas caindo, taxa de afetadas foi de 36 para 54 em cada 100 mil por ano

Motivos de aumento são desconhecidos, mas são citados fatores ambientais como tabagismo; estudo foi feito na Clínica Mayo (EUA)

FLÁVIA MANTOVANI
DA REPORTAGEM LOCAL

Depois de diminuir por quatro décadas, a incidência de artrite reumatóide está subindo entre mulheres nos EUA. A descoberta foi apresentada por pesquisadores da Clínica Mayo no último encontro anual do Colégio Americano de Reumatologia, que ocorreu de 24 a 29/10, em São Francisco.

Comparado à década anterior, quando aproximadamente 36 em cada 100 mil mulheres desenvolviam artrite reumatóide a cada ano, de 1995 a 2005 esse índice passou para 54 em cada 100 mil. A incidência entre os homens continuou de 29 para cada 100 mil -mulheres são mais suscetíveis, ainda não se sabe por quê. A porcentagem da população com a doença foi de 0,85% para 0,95%.

Os cientistas não sabem os motivos para o crescimento, mas apostam em fatores ambientais. O fumo, por exemplo, aumenta o risco da doença. Também se pesquisam se agentes infecciosos poderiam ter relação. "Infecções podem estimular o sistema imune, e a artrite tem a ver com uma desordem desse sistema. Mas não há um agente específico tido como desencadeador", diz José Carlos Szajubok, presidente da Sociedade Paulista de Reumatologia. Trata-se de uma doença auto-imune -quando as células de defesa agem contra o próprio organismo.

Para ele, outro fator ambiental que pode ajudar a explicar os dados é o estresse -tido como possível gatilho para o problema, de causa desconhecida.

Segundo os cientistas da Mayo, são necessários mais estudos para entender o fenômeno - assim como as causas e os tratamentos dessa doença "devastadora". O problema pode levar a inflamação das articulações, rigidez, dor, lesões irreversíveis nos ossos e deformidades.

Diagnóstico precoce e tratamento correto reduzem danos, mas não há cura.

A melhora no diagnóstico é, aliás, outra provável explicação para os números da pesquisa, diz Szajubok. O que haveria, portanto, é uma maior detecção da doença, e não um aumento. "Hoje temos um novo exame, o anti-CCP, que detecta sinais da doença precocemente." Sílvia Figueira Antonio, reumatologista do Hospital do Servidor Público Estadual, cita também exames de imagem como a ressonância magnética de extremidades, que identifica inflamações articulares e alterações ósseas antes do raio-X.

Gustavo Costa, reumatologista do Hospital de Base de Brasília, acredita que é preciso cautela ao extrapolar os dados para o Brasil, pois um estudo mostrou que há diferenças nas características da artrite reumatóide na América Latina em relação aos países ricos. "Não sabemos o porquê, mas, enquanto se diz que a doença afeta de três a quatro mulheres para

cada homem, na nossa população afeta oito. E parece que, se o pico da doença ocorre entre os 40 e os 50 anos nos EUA, aqui ocorre entre os 30 e os 40."

Novo tratamento

Segundo Geraldo Castelar Pinheiro, professor de reumatologia da UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), uma questão que dificulta o diagnóstico precoce é que muita gente acaba tomando remédios apenas para aliviar os sintomas e não busca um médico a tempo. "A pessoa acha que toda "dor nas juntas" é reumatismo e fica se tratando com o antiinflamatório indicado pelo vizinho. Na verdade, reumatismo não é uma doença específica. A artrite reumatóide é só um dos mais de 120 tipos de reumatismo."

Hoje, o tratamento mais novo é com os remédios biológicos -tido como um grande avanço, mas com a desvantagem do custo, que chega a R\$ 10 mil mensais. Há três classes desses medicamentos no Brasil, mas, também no encontro do ACR, foi apresentado o primeiro de uma quarta classe, o tocilizumab, da Roche. Ele atua inibindo a interleucina 6, substância produzida em excesso por pessoas com artrite.

Segundo Szajubok, pode ser uma boa opção para quem não responde aos tratamentos atuais. A Roche acredita que ele seja aprovado no país em 2009.

Crianças têm mais pedra nos rins

Sem pesquisas formais, médicos brasileiros relatam aumento do número de casos nos consultórios

Dieta rica em alimentos industrializados e pouca ingestão diária de água contribuem para formação de mais cálculos renais

JULLIANE SILVEIRA

DA REPORTAGEM LOCAL

Crianças estão sofrendo mais de pedra nos rins. É o que constata os especialistas, que observam aumento do número de casos de cálculo renal em seus consultórios. "Não há um trabalho científico brasileiro que mostre esse fato, mas é possível afirmar isso com base em conversas com outros urologistas. Atendo uma criança por dia com pedra no rim. Alguns anos atrás, havia um caso por mês", diz Miguel Zerati Filho, chefe do Departamento de Uropediatria da Sociedade Brasileira de Urologia.

As mudanças dos hábitos alimentares são uma das causas do aumento da incidência do problema. É que a dieta mais rica em alimentos industrializados e pobre em ingestão de água favorece a formação de cálculos. Refrigerantes e sucos artificiais, além de oferecerem sódio, contêm corantes, que também contribuem para a formação dos cálculos renais. "A comida muito rica em sal, como salgadinhos e hambúrguer, provoca aumento da eliminação do cálcio nos rins", explica Nilzete Liberato Brezolin, presidente do Departamento Científico de Nefrologia da Sociedade Brasileira de Pediatria. Para eliminar o sódio em excesso, o organismo também passa a eliminar mais cálcio. Esses cristais, que podem ser formados também por sais de cálcio, ácido úrico, estruvita ou cistina (um tipo de aminoácido), quando presentes em grande quantidade, podem se aglomerar e formar pedras.

Outro fator predisponente é o aumento do número de bebês prematuros. Como o sistema urinário ainda não está completamente amadurecido, os rins não lidam bem com a excreção das substâncias. "Temos casos de recém-nascidos com cálculo, já que hoje em dia conseguimos manter vivos prematuros extremos", afirma João Tomás de Abreu, chefe do setor de nefrologia pediátrica da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo). No entanto, se o problema do bebê é relativo somente à imaturidade do organismo, à medida que cresce, a situação pode se normalizar.

O maior acesso a exames mais precisos também ajuda a engrossar os números. "Com a popularização do ultra-som, muitos cálculos encontrados são os que chamamos de incidentais, muito pequenos, que dificilmente causariam sintomas antes da adolescência", explica Zerati Filho.

Fatores inevitáveis

Algumas crianças têm chances maiores de sofrerem de litíase (formação de cálculos). A herança genética é um forte indicador de risco e deve servir de alerta para uma reclamação de dor inespecífica. Filhos, netos ou sobrinhos de pessoas que já passaram pelo problema são mais predispostos a desenvolver pedra no rins.

Alguns distúrbios metabólicos também podem levar a maior produção ou grande dificuldade de eliminação das substâncias. A baixa produção de citrato, um elemento que auxilia na solubilização dos cristais, propicia a aglomeração desses elementos.

Além disso, infecções urinárias que causam febre, bastante comuns na infância, podem passar despercebidas pelo pediatra, mas contribuem para um cenário propício à formação de cálculo. "Algumas bactérias desdobram a uréia do organismo e é produzida uma enzima formadora de pedras. É comum tratar crianças com infecção e litíase", diz Zerati Filho.

O tratamento, nesses casos, é semelhante ao dos adultos para a eliminação das pedras e não há mudanças na dieta alimentar. Como estão em fase de crescimento, não podem restringir o consumo de fontes de cálcio, como os laticínios, e de ácido úrico, como as carnes. "O nefrologista pediátrico lida de forma diferente, não nos preocupamos com restrições na infância. O indivíduo que tem carga genética excreta muito independentemente da dieta", afirma João Tomás de Abreu, da Unifesp.

Mas a ingestão de líquidos e de alimentos supérfluos ricos em sódio, como os salgadinhos e biscoitos recheados, pode ser alterada. "A criança deve ingerir no mínimo 50 ml de água por quilo e pode evitar alimentos muito salgados", diz Nilzete Liberato Brezolin.

Especialmente nesta época do ano, quando os dias são mais quentes, é preciso monitorar o consumo de líquidos -a urina da criança deve ter cor clara, do contrário, é sinal de que não bebe quantidade suficiente de líquidos. Pesquisas realizadas com adultos mostram que, no verão, a eliminação de cálcio pela urina é maior.

São Paulo, terça-feira, 11 de novembro de 2008

FOLHA DE S.PAULO **esporte**

Natação espera nova avalanche de recordes mundiais

Etapa da Suécia de Copa do Mundo deve ter introdução de novo bloco de partida semelhante ao usado no atletismo

Especialistas divergem, mas crêem que o equipamento possa permitir até meio segundo de melhora nos tempos da modalidade

ADALBERTO LEISTER FILHO

DA REPORTAGEM LOCAL

Um novo equipamento pode gerar mais uma avalanche de recordes na natação. O novo bloco de partida, desenvolvido pela Omega, deve ser utilizado a partir de hoje, na etapa de Estocolmo da Copa do Mundo de piscina curta (25 metros).

Em piscina longa, o material será introduzido no Mundial de Roma, em julho de 2009.

"Nossos nadadores que estão lá falaram que o bloco será utilizado", conta Ricardo Moura, supervisor técnico de natação da CBDA (Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos). No site da Fina (Federação Internacional de Natação), porém, não consta ofício informando da novidade. Se ocorrer, será a primeira vez que o equipamento será adotado em um evento oficial da entidade.

Fabíola Molina, Joanna Maranhão, Tatiana Lemos e Gabriel Mangabeira serão os brasileiros que nadarão na Suécia.

Em fevereiro, modelo do bloco foi posto na piscina do Cubo d'Água, em Pequim, durante evento teste da Olimpíada.

"Todos os nadadores tiveram a curiosidade de testá-lo. Mas ele não foi utilizado nas provas", lembra o técnico Alberto Pinto da Silva, que estava presente nas provas em Pequim.

A fabricante tentou, com a iniciativa, receber a aprovação para seu uso já na Olimpíada. Mas houve chiadeira geral, já que ninguém havia treinado com o equipamento. Além disso, o material ainda não fora testado em eventos oficiais.

Diante das reclamações, a Fina postergou a introdução do material, que já fora aprovado em Congresso da entidade.

Segundo especialistas, o novo apoio para os pés, que permite ajuste personalizado e ângulo de 90 para a perna direita, promete melhorar as marcas em 0,1s. A angulação é semelhante à usada no atletismo.

No entanto ainda não há parâmetros claramente estabelecidos sobre ganho de performance - poucos testaram o novo aparelho em treinamento.

José Reynaldo Nikita, técnico de Joanna Maranhão, acredita que o bloco deve ajudar mais os nadadores de provas curtas, como os 50 m livre. "Eles têm maior capacidade de impulsão na saída. Para fundistas, não fará muita diferença."

Para o francês Alain Bernard, campeão olímpico dos 100 m livre e bronze nos 50 m livre - prova em que o brasileiro César Cielo foi campeão em Pequim-, o bloco lhe garantiria uma melhora de tempo até maior do que a anunciada.

"Ele é brilhante. Meu ponto fraco é a saída. Então, posso melhorá-la em 0,2 segundo", contabiliza o nadador, que descreveu a posição para largar no novo bloco como "confortável". Para alguns, esse ganho pode ser até maior. "É difícil medir, mas os testes feitos no início do ano mostraram que isso pode chegar a 0,5s", diz Moura.

O supervisor técnico de natação da CBDA, porém, lembra que poucos já tiveram acesso ao bloco. "Ele tem que ser distribuído de forma igualitária. Ainda não chegou ao Brasil."

Médicos criticam orientação do Inca

Instituto quer desestimular exames de rotina de toque retal e de PSA para detectar câncer de próstata

Para urologistas, esperar a ocorrência de sintomas é arriscado porque eles só aparecem quando a doença já está em fase avançada

AMARÍLIS LAGE
FERNANDA BASSETTE
 DA REPORTAGEM LOCAL

A decisão do Inca (Instituto Nacional de Câncer) de desaconselhar os exames de toque retal e de dosagem de PSA para homens que não tenham sintomas de câncer de próstata foi criticada por urologistas. Em nota, a SBU (Sociedade Brasileira de Urologia) disse que "esperar a ocorrência de sintomas para procurar cuidados médicos pode fazer com que o câncer de próstata esteja em estágio avançado, com impossibilidade de cura".

Segundo Ana Ramalho, gerente da Divisão de Gestão de Rede Oncológica do Inca, não há evidências científicas de que o rastreamento do câncer de próstata reduza a mortalidade causada pela doença, por isso o órgão está desaconselhando os homens a fazerem o exame. No rastreamento, a população é convocada para fazer o exame e buscar detectar a doença em fase inicial. "Essa técnica é útil quando provamos que reduz a mortalidade. É útil no câncer de colo de útero, mas não se mostrou eficiente no câncer de próstata", diz.

De acordo com Ramalho, pesquisas mostram que há um excesso de diagnóstico de câncer de próstata, o que aumenta a chance de identificar tumores de lenta progressão, que não afetariam a saúde do paciente. "Esses pacientes seriam expostos aos riscos do tratamento de maneira desnecessária. Eles podem ficar impotentes ou com incontinência urinária, sem saber se vão reduzir o risco de morte", diz. "A idéia é desestimular mesmo."

Para o urologista Miguel Srougi, professor da USP (Universidade de São Paulo), O Inca cometeu um "equivoco". Ele diz que há dois grandes estudos avaliando o efeito do rastreamento, cujos resultados estão previstos para 2012. "Se não se provou que os exames melhoram a sobrevida, tampouco se provou que têm um efeito ruim. O que há é um desconhecimento. Se provarem que o rastreamento aumenta a chance de cura, um sem-número de homens que não fizeram o exame terão um câncer sem saída."

Segundo ele, embora muitos países não adotem uma campanha de rastreamento, nenhum contra-indica o exame.

Qualidade de vida

Inca e SBU divergem quanto ao impacto do tratamento na qualidade de vida. Para o Inca (que usou como fonte um estudo populacional norte-americano), dos homens que tiram a próstata, até 70% têm disfunção erétil e até 25%, incontinência. Para a SBU, o risco é de 50% e 2%, respectivamente.

Segundo Ubirajara Ferreira, presidente da SBU - seção São Paulo, o risco varia conforme a idade do paciente e a técnica usada. "Estudos mostram que o índice de disfunção erétil varia de 20% a 70% -50% é a média. O Inca pegou o pior cenário."

Para o urologista Luciano Nesrallah, do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, o risco de incontinência grave é inferior a 5%. "Falar em 25% é um exagero. Não podemos negar ao

homem o direito de querer se prevenir." Para ele, cabe ao médico avaliar com o paciente os riscos e benefícios do tratamento.

"O tratamento produz impotência e incontinência. Mas o que o Inca tem a dizer sobre a qualidade de vida nos casos de câncer que deixarão de ser descobertos?", questiona Srougi. Um problema central da doença é que ainda não é possível distinguir com precisão os tumores de progressão lenta daqueles mais agressivos.

Alexandre Cripa, urologista do Instituto do Câncer Octavio Frias de Oliveira, cita um estudo no qual pacientes com bons prognósticos não foram tratados. Após quatro anos, 75% deles precisaram tratar o câncer. "Nossa imprecisão não nos dá o direito de não seguir o tratamento", diz.

Segundo o urologista Fernando Almeida, da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), quanto mais jovem for o paciente, mais agressivo tende a ser o tumor. "Talvez seja preciso decidir em que idade os homens devem fazer o rastreamento, e não se eles devem ou não fazer. Os jovens provavelmente vão se beneficiar."

Ramalho, do Inca, diz que o órgão não está proibindo nenhum homem de fazer os exames. "Quem estiver disposto pode fazer, mas é bom que esteja ciente dos riscos."

Segundo ela, o Inca pretende rever a orientação caso os resultados dos estudos previstos para 2012 mostrem que o rastreamento é eficaz.

Hipertensão cresce 18% em uma década nos EUA

Sedentarismo, histórico familiar e excesso de sal estão entre os desencadeantes

Mulheres com mais de 40 são as mais afetadas; não há estatística sobre o tema no Brasil, mas médicos notam aumento no mesmo grupo

FERNANDA BASSETTE

RACHEL BOTELHO

DA REPORTAGEM LOCAL

Os casos de hipertensão arterial nos Estados Unidos cresceram 18% em uma década, especialmente entre mulheres com mais de 40 anos, segundo levantamento realizado pelo Instituto Nacional do Coração, Pulmão e Sangue dos EUA. As principais hipóteses apresentadas para justificar o aumento dos casos são as taxas crescentes de obesidade, o sedentarismo e os maus hábitos alimentares da população.

"Entre os homens brancos, o aumento da obesidade responde por cerca de 80% do crescimento das taxas de hipertensão no período estudado", afirmou Paul Sorlie, um dos autores do estudo, em entrevista à **Folha**.

Mas, entre as mulheres, esse fator parece ser menos preponderante. "Há evidências de que elas podem ser mais sensíveis aos efeitos do sal na pressão sanguínea", disse.

Segundo a cardiologista Fernanda Consolim, médica-assistente da Unidade de Hipertensão do InCor (Instituto do Coração da USP), as mulheres brasileiras também estão mais hipertensas.

Para ela, um dos fatores que podem explicar essa tendência é o aumento do peso. "No Brasil não existem dados recentes, mas está comprovado que há um aumento da obesidade entre as mulheres. E há uma associação clara entre obesidade e hipertensão arterial", disse a médica.

A afirmação é confirmada pelo cardiologista Hilton Chaves, membro da diretoria da SBH (Sociedade Brasileira de Hipertensão). Ele afirmou também que o salto no número de estabelecimentos de fast-food nos EUA -de 34 mil, em 1971, para 222 mil, em 2002- ajuda a explicar o aumento. "Além de calorias em excesso, que levam à obesidade, há enorme quantidade de sal nesse tipo de comida", disse.

Em casos de hipertensão leve, é possível reverter o problema com mudanças no estilo de vida.

"Mas, no caso de uma hipertensão moderada ou alta, o tratamento é medicamentoso, e essas mudanças de hábito devem acontecer obrigatoriamente", disse Consolim.

Se não for tratada adequadamente, a hipertensão pode evoluir para a aterosclerose (placas de gordura) e danificar os vasos sanguíneos de todo o corpo. Entre as possíveis consequências, estão o infarto, o AVC (acidente vascular cerebral), a insuficiência renal e a insuficiência cardíaca.

De acordo com a cardiologista, por ser considerada uma doença crônica e silenciosa, a única forma de chegar ao diagnóstico precoce é acompanhando os valores da pressão arterial constantemente. "Não existe outra forma. A população precisa se conscientizar de que a doença é silenciosa e não apresenta sintomas.

Quanto mais rápido for feito o diagnóstico, maior a chance de evitar as lesões nos vasos."

"Bem temperadinha"

A dona-de-casa Rosimeire Alberine Figueiredo, 48, não fuma, não bebe e não é obesa, mas sempre gostou de uma comida "bem temperadinha". Ela tem a mãe hipertensa e nunca imaginou que o fator hereditário aliado à alimentação com excesso de sal pudesse resultar em

pressão alta.

"Sempre tive pressão arterial normal, na média de 12 por 8. Depois dos 40 anos de idade, comecei a sentir muita dor de cabeça, cansaço e mal-estar. Procurei o médico e descobri que minha pressão estava 17 por 10 e que tinha "virado" hipertensa", contou.

A rotina alimentar de Rosimeire precisou ser adaptada -o tempero agora tem menos sal- e a dona-de-casa terá de tomar remédio por toda a vida para controlar a pressão. "Tomo dois comprimidos por dia, além de um diurético. Toda semana eu vou ao posto de saúde para controlar a pressão. Mudei um pouco minha rotina, mas estou acostumada e totalmente adaptada. Tenho uma vida normal", disse.

ANEXO I – *Corpus Textos* – Infográficos Mapeamento de um Item

São Paulo, segunda-feira, 03 de novembro de 2008 **FOLHA DE S.PAULO** **saúde**

Ácido em pó é usado para mau cheiro

Ácido bórico em pó está sendo vendido irregularmente em farmácias e aplicado em receitas caseiras

O produto, que só pode ser vendido na forma líquida, possui ação bactericida e fungicida, mas pode causar irritações e feridas na pele

CLÁUDIA COLLUCCI
DA REPORTAGEM LOCAL

Sem autorização da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), o ácido bórico em pó está sendo vendido irregularmente em farmácias e usado em receitas caseiras para combater a bromidrose, suor com mau cheiro que ocorre nas axilas e nos pés -conhecida por cê-cê e chulé.

O produto tem ação fungicida e bactericida, mas a Anvisa só permite sua venda na forma líquida (água boricada), na concentração de 3%. O ácido bórico em pó só pode ser comercializado como inseticida e formicida, em embalagens porta-isca (que não permitem o contato com o produto).

A despeito disso, diversos fóruns de discussão na internet e em sites de relacionamento, como o Orkut, divulgam que banhar-se com o pó de ácido bórico, diluído em água, pode curar a bromidrose. Tanto a Anvisa quanto dermatologistas alertam que a prática pode provocar irritações e feridas na pele.

"Não há estudos nem da eficácia nem da segurança. O uso [do pó de ácido bórico] é empírico, caseiro e, portanto, não é recomendado, porque pode ferir a pele", afirma a dermatologista Flávia Addor, da diretoria da SBD (Sociedade Brasileira de Dermatologia).

Desde 2001, o uso do ácido bórico é vetado em produtos para crianças, como cremes, pomadas e talcos. Isso ocorreu porque foram constatadas algumas reações adversas decorrentes do uso, como intoxicações no organismo, hipotermia (diminuição da temperatura do corpo abaixo de 30°C) e erupções cutâneas.

Água boricada

Segundo Ana Paula Gomes Meski, dermatologista do Hospital das Clínicas de São Paulo, a água boricada costuma ser um boa aliada no combate à bromidrose porque "seca" os locais úmidos do corpo, que propiciam a proliferação de fungos e bactérias -a razão do mau cheiro. "Na virilha, por exemplo, passar a água boricada com algodão pode funcionar muito bem. Mas não há nenhuma indicação para o uso do pó. Pode ser perigoso."

Para evitar a bromidrose, a dermatologista aconselha as pessoas a evitarem desodorantes que deixem resíduos na pele, como os roll-on ou em creme. "Com a transpiração, esses resíduos viram meio de cultura [de microorganismos]." Desodorantes com fórmulas manipuladas a pedido do médico também trazem bons resultados, segundo a especialista.

A bromidrose pode ter várias causas. O ambiente quente e úmido dentro dos sapatos, por

exemplo, facilita e promove o crescimento bacteriano e fúngico na pele e unhas dos pés. O mau cheiro resulta da multiplicação desses organismos.

"A pessoa deve trocar de meia todo dia e, às vezes, até duas vezes por dia. O sapato também deve ser deixado em um local ventilado", orienta Meski. Quanto ao mau cheiro das axilas, uma dica da médica é que as pessoas lavem, à mão, blusas, camisas e camisetas. "Só lavar na máquina não resolve. Tem que esfregar com água e sabão. Senão, ao usar a roupa, o cheiro volta novamente."

Para a dermatologista Flávia Addor, é preciso conhecer a causa da bromidrose para tratá-la corretamente. "Nem sempre o mesmo tratamento se aplica a todos os casos. Há mau cheiro causado por disfunção hormonal e uso de medicamentos, por exemplo."

Segundo Addor, ainda há muito preconceito envolvendo o tema, o que afasta as pessoas dos consultórios médicos. "O paciente só procura o médico quando o mau cheiro incomoda muito o seu dia-a-dia. Do contrário, tenta resolver com receitas caseiras."

A estudante M.C.D., 19, de São Paulo, se encaixa nesse perfil. Ela conta que tem bromidrose nas axilas, já consultou três dermatologistas e até hoje não conseguiu uma medicação que resolva o problema. Sua próxima tentativa, relata, será o banho com o pó de ácido bórico, mesmo sabendo, pela Folha, que o produto é proibido pela Anvisa para esses fins e que traz riscos à saúde.

"O odor fétido é terrível. Tranquei a faculdade, tenho vergonha de sair com meus amigos por conta do mau cheiro. Tem sempre um engraçadinho que faz uma piadinha com relação a minha higiene pessoal. Já usei desodorantes manipulados, limão e até botox. Nada funcionou. Vou tentar a dica do ácido bórico que vi no fórum [de discussão, na internet]. Faço qualquer coisa para me livrar desse odor."

São Paulo, segunda-feira, 10 de novembro de 2008

FOLHA DE S. PAULO **esporte**

"São Marcos" salva, falha, fica desesperado e irrita

Goleiro se transforma em atacante a 15 minutos do final da derrota para o Grêmio

Subidas do capitão do time à área adversária incomodam Vanderlei Luxemburgo, que, aos berros, gesticula com arqueiro na beira do campo

Palmeiras 0
Grêmio 1

DA REPORTAGEM LOCAL

Marcos defendeu enquanto sua equipe empatava com o Grêmio. Falhou no gol do meia Tcheco, que deu aos gaúchos novo ânimo para caçar o líder São Paulo. Desesperou-se na tentativa de evitar a derrota. Foi, em 15 dias, protagonista da segunda polêmica no clube. No revés por 1 a 0, que deixou o Palmeiras a quatro pontos do topo, o goleiro deixou sua meta aos 30min da etapa final e correu para a área gremista na tentativa de desviar cruzamento. A atitude, normalmente tomada pelos arqueiros nos acréscimos da partida, ontem virou rotina do capitão a partir dali. Era só ter algum cruzamento na área, e lá estava o goleiro entre os zagueiros rivais.

Desesperado, Marcos radicalizou e, mesmo sob os gritos de protesto do treinador Vanderlei Luxemburgo, inconformado na beira do campo com a atitude do maior ídolo atual do clube, subiu ao ataque com a bola em movimento como se fosse um atleta de linha.

Gesto aplaudido pela torcida, mas ponderado pelo treinador.

"Mais uma vez ele sai como 'são Marcos'. Mas não sei se teria de ser dessa forma. Isso vai ser conversado com calma", afirmou Luxemburgo.

"Precisamos do Marcos equilibrado. Não foi o ideal, mas mostra a gana de querer vencer", disse o gerente de futebol palmeirense, Toninho Cecílio.

Conhecido por sua espontaneidade dentro e fora de campo, Marcos teve de ser repreendido pelo técnico palmeirense após a derrota (3 a 0) para o Fluminense, no último dia 25. Na ocasião, a crítica feita pelo arqueiro à atitude do time durante a partida no Maracanã gerou mal-estar no elenco.

O meia Diego Souza falou que seria mais ético se o goleiro tivesse conversado internamente com o grupo. Acabou vaiado pela torcida na partida seguinte, contra o Goiás, quando percebeu que tinha batido de frente com o ídolo.

Após permanecer uma hora reunido com o time antes de um treino, Luxemburgo veio a público afirmar que não tinha gostado das declarações de seu capitão, chamando-as de "inoportunas", já que haviam exposto todo o time. "O capitão da equipe precisa ter equilíbrio", afirmara o técnico.

Ontem, Marcos fazia uma boa apresentação. Na primeira etapa, salvara o Palmeiras em um arremate de Reinaldo. Na saída para o intervalo, deu nova cutucada no grupo ao dizer que o time tinha de se arriscar mais, pois o 0 a 0, àquela altura, era péssimo para ambos os lados. Aos 28min, o arqueiro falhou. Inerte, viu a bola cruzar a área, passar na sua frente e entrar no canto esquerdo em cruzamento feito por Tcheco.

Ciente de que o revés seria péssimo para as pretensões de seu time na luta pelo título, iniciou o vai-e-vem ao ataque.

"O Marcos é um profissional que quer ganhar. Precipitado ou não, ele foi para o ataque tentar o gol. É difícil escutar o técnico falando com o barulho dentro do campo. Mas eu vejo como

uma atitude vencedora", afirmou o atacante Denílson.

"O Marcos quer vencer como todos nós e viu uma possibilidade de fazer gol nas bolas paradas. Tentou, mas não conseguiu. Estávamos jogando em casa, com 30 mil [pouco mais de 25 mil pagantes] pessoas apoiando. Então é normal parecer nos minutos finais que estávamos atacando de maneira desorganizada", minimizou o centroavante Alex Mineiro.

Há poucos dias, Marcos, que deixou o campo às pressas, sem dar declarações, perdeu o pai, Ladislau Silveira Reis, 73. **(RENAN CACIOLI E RODRIGO BUENO)**

Grêmio evita marca de Luxemburgo

DA REPORTAGEM LOCAL

O técnico Vanderlei Luxemburgo buscava ontem sua centésima vitória no Parque Antarctica no comando do Palmeiras. Acabou com a terceira derrota de 2008 dentro de casa.

Além do revés diante do Grêmio, Luxemburgo perdera para Sport (0 a 3) e Argentinos Juniors (0 a 1), este último jogo válido pela Copa Sul-Americana.

Somadas as quatro passagens anteriores pelo clube, Luxemburgo contava apenas quatro derrotas no currículo dentro do estádio, sendo que ele nunca havia sido batido duas vezes no mesmo ano.

Apenas Santos (1 a 0), em 1993, Guarani (1 a 0), em 1994, Portuguesa (2 a 1), em 1995, e Cruzeiro (2 a 1), em 1996, tinham sentido o gostinho de derrubar o treinador de melhor campanha da história do clube em seus domínios.

Agora, em 121 partidas dentro do Parque Antarctica, Luxemburgo soma 99 vitórias, 15 empates e sete derrotas (85,9% de aproveitamento).

"O Grêmio soube aproveitar a jogada que tem como característica e ganhou o jogo", resumiu o comandante do agora quarto colocado do Brasileiro, com 61 pontos.

Curiosamente, a bola parada a qual se referiu o treinador, de fato uma das principais armas gremistas no campeonato, ontem foi pouco utilizada.

O Grêmio, time que mais cruza (quase 26 por jogo), ontem só ergueu nove bolas na área do rival, segundo o Datafolha. Só Tcheco, algoz palmeirense, cruzou cinco. Acertou dois, sendo que um foi mortal.0 **(RC E RBU)**

Treinador critica Marcos "atacante"

DA REPORTAGEM LOCAL

Marcos já levava bronca de Luxemburgo pelas declarações após a derrota para o Fluminense. Provavelmente, levará outra depois do revés de ontem.

Não pela falha no gol de Tcheco, quando, inerte, viu a bola cruzar a área, passar na sua frente, e entrar no canto esquerdo.

A polêmica de ontem foi quando, faltando 15 minutos para o final, o goleiro correu para a área gremista na tentativa de desviar a cobrança de escanteio.

A atitude, normalmente tomada pelos goleiros nos acréscimos da partida, ontem virou rotina a partir dos 30min do segundo tempo. Era só ter algum levantamento na área, e lá estava o goleiro, 35, entre os zagueiros gaúchos.

No final, Marcos radicalizou e, mesmo sob os gritos de protesto de Luxemburgo, inconformado com a atitude do capitão da equipe, subiu ao ataque com a bola em movimento

como se fosse um jogador de linha. "Não sei se teria de ser dessa forma. Isso vai ser conversado com calma", afirmou o treinador.

"Precisamos do Marcos equilibrado. Não foi o ideal, mas mostra a gana de querer vencer", afirmou o gerente de futebol Toninho Cecílio.

Após a derrota (3 a 0) para o Fluminense, Marcos criticou o time, o que gerou descontentamento de Diego Souza, que disse que o assunto deveria ser tratado internamente. Luxemburgo teve conversa reservada com o grupo e deu bronca no arqueiro.

Recentemente, ele perdeu o pai, Ladislau Silveira Reis, 73, com problemas cardíacos. (RBU E RC)

CELSO ROTH ENTREGA ISQUEIRO AO JUIZ

No final do jogo, o técnico do Grêmio deu ao árbitro Heber Roberto Lopes o objeto, que teria sido atirado no banco de reservas dos visitantes. "Vou analisar com os companheiros [assistentes e quarto árbitro] para ver se colocamos na súmula. Se não tivermos comprovação de que houve o arremesso do isqueiro, não podemos colocar", disse o juiz. Se citar o isqueiro, o Palmeiras pode perder mando de jogo.

São Paulo, sábado, 15 de novembro de 2008 **FOLHA DE S. PAULO** **cotidiano**

Laudo culpa Anac, Infraero, Airbus e TAM

Com base em relatório do IC, ao menos dez pessoas serão indiciadas, segundo promotor, pelo acidente que deixou 199 mortos em 2007

Acusados responderão pelo crime de atentado contra segurança do tráfego aéreo, com pena de até 6 anos; nomes não foram divulgados

Rogério Cassimiro - 17.jul.07 /Folha Imagem



Avião da TAM que se chocou com o galpão da empresa durante tentativa de pouso em Congonhas (SP), em 17 de julho de 2007

DA REPORTAGEM LOCAL

Pelo menos dez representantes da Infraero, da Anac, da TAM e da Airbus deverão ser indiciados como os responsáveis pelo maior acidente da história da aviação aérea brasileira, em julho de 2007, quando 199 pessoas morreram.

Eles responderão pelo crime de atentado contra a segurança do transporte aéreo, com pena de até seis anos de detenção.

O indiciamento será feito pela Polícia Civil, segundo o promotor Mário Luiz Sarrubbo, 45, com base no laudo final do IC (Instituto de Criminalística), que aponta a responsabilidade de cada um no processo que culminou no acidente.

O documento, segundo ele, deverá ser apresentado na próxima semana. "Nesse momento, podemos dizer que temos 95% dessa questão fechada", afirmou Sarrubbo.

De acordo com o promotor, que não quis divulgar o nome das pessoas que serão indiciadas, o acidente foi provocado por uma série de fatores que vão da qualidade da pista do aeroporto de Congonhas até o treinamento inadequado dos pilotos da TAM para atuar com um dos reversos da aeronave inoperantes.

"Não falo em nomes. São vários tijolinhos apontando para aquele resultado final", disse.

A culpa de cada um

O laudo aponta irregularidades que teriam sido cometidas pela TAM, como treinar de forma inadequada os pilotos (capacitados de forma imprópria para pousar em pista molhada e com um dos reversos travados) e ignorar recomendação da Anac de não pousar em Congonhas

com um reverso inoperante e pista molhada.

Sarrubbo diz que a empresa também errou ao não orientar os pilotos a seguir o manual do fabricante, com regras sobre a posição correta dos manetes.

Para o promotor, o IC conseguiu concluir que os manetes estavam em posição errada, apesar de o equipamento estar todo queimado -a conclusão foi permitida pela análise dos registros das caixas-pretas.

O relatório do inquérito policial, porém, afirmará que não é possível dizer se houve falha humana ou defeito mecânico em relação ao posicionamento incorreto dos manetes.

"Apurou-se que várias tripulações que operaram essa aeronave nos vôos anteriores estavam trabalhando da mesma forma. Estavam operando de forma errada esse posicionamento de manetes. Bem se vê que era um padrão. É óbvio que quando um erro vai sendo cometido várias vezes uma hora a gente chega na tragédia", disse o promotor.

Problema de fabricação

Mesmo com o manete na posição errada, o relatório do IC deve apontar que o acidente poderia ter sido evitado caso o Airbus usado pela TAM tivesse um dispositivo de segurança - daí o fato de um funcionário da fabricante constar entre os indiciados.

Já em relação à Infraero (empresa pública responsável pela infra-estrutura aeroportuária brasileira), o laudo concluiu que os responsáveis permitiram o funcionamento do aeroporto de Congonhas mesmo sem toda a segurança exigida.

Se a pista estava inadequada e a TAM permitia que seus aviões continuassem pousando na pista com reversos travados em dia de chuva, caberia à Anac (Agência Nacional de Aviação Civil), segundo a avaliação do Ministério Público, a fiscalização. "Você acha que num sistema de transporte aéreo pode haver relaxamento nesse tipo de quesito? Sem sombra de dúvidas que não pode", afirmou Sarrubbo.

TAM pede suspensão do inquérito policial

Empresa pediu à Justiça que interrompa o inquérito até que haja definição de qual esfera -estadual ou federal- julgará o caso

Parentes das vítimas querem que indiciados respondam por homicídio doloso eventual, e não por atentado contra a segurança do tráfego aéreo

DA REPORTAGEM LOCAL
DO "AGORA"

A TAM ingressou ontem na Justiça de São Paulo com um pedido de suspensão temporária do inquérito policial que investiga a tragédia até que haja a definição de qual tribunal é competente para julgar o caso -a esfera federal ou a estadual.

O juiz da 1ª Vara Criminal do Fórum do Jabaquara, Hélio Narvaez, decidirá na segunda se o processo vai parar.

Entretanto a TAM, por meio de sua assessoria, disse que não teve acesso ao laudo do Instituto de Criminalística sobre o acidente no aeroporto de Congonhas e "não comenta investigação em andamento". A mesma resposta foi dada pela Infraero, a empresa pública responsável pelos aeroportos.

Já a Anac (Agência Nacional de Aviação Civil) informou, por meio de nota, "que não recebeu nem teve acesso ao laudo do IC, tendo conhecimento dele apenas através do noticiário". "Por isso, a Anac não tem condições de comentar o referido laudo."

A nota lembra da apuração da Aeronáutica. "O acidente em Congonhas continua sendo

investigado pelo Cenipa (Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos) da Aeronáutica, autoridade do sistema de aviação civil brasileiro responsável pela investigação de acidentes." A agência desautorizou seus funcionários a falarem em nome dela.

Parentes das vítimas do acidente querem que os indiciados respondam por homicídio doloso eventual, e não por crime de atentado contra a segurança do tráfego aéreo, como deverá apontar o laudo do IC.

O criminalista da Afavitam (Associação dos Familiares e Amigos das Vítimas do Vôo 3054), Eduardo Cesar Leite, disse que os envolvidos no caso assumiram o risco do acidente. "A tese de atentado à segurança é absurda", disse Leite, que não quis comentar as informações do laudo antes de o documento ser entregue oficialmente.

Indiciamentos não interferem no pagamento de indenizações

DA REPORTAGEM LOCAL

O laudo do IC (Instituto de Criminalística) e o eventual indiciamento de outras pessoas alheias à TAM não devem interferir nas indenizações pagas às famílias das vítimas, de acordo com especialistas ouvidos pela reportagem da Folha.

O documento elaborado pelo instituto tem como principal objetivo ajudar a investigação da polícia a descobrir os responsáveis pelo acidente e apontá-los à Justiça para serem julgados pelas mortes.

A responsabilização civil, para efeito de indenizações, independe da questão criminal.

Também não prevê excludentes. Por isso, uma pessoa pode ser condenada cível e criminalmente pelo mesmo fato. No entanto, a família que receber a indenização da companhia aérea terá quase nenhuma chance de ganhar indenização dos outros responsáveis pelo desastre ocorrido em 17 de julho do ano passado.

Os especialistas acreditam que o laudo poderá ser utilizado, porém, pela TAM para depois pedir indenização. Se ficar comprovado, por exemplo, que a Airbus teve culpa, a empresa brasileira poderá pedir que a fabricante do avião pague parte dos prejuízos.

Inquérito da polícia tem 336 depoimentos

DA REPORTAGEM LOCAL

Com 336 depoimentos de testemunhas e mais de 15 mil páginas, o inquérito da Polícia Civil sobre o acidente do vôo 3054 da TAM deve ser finalizado na próxima semana. Também fará parte do inquérito o laudo final do IC (Instituto de Criminalística).

Um dos depoimentos mais importantes é o de Denise Abreu, ex-diretora da Anac (Agência Nacional de Aviação Civil).

Ela foi ouvida no dia 30 de setembro e disse não ter ligação com o estudo ISRBH 121-189 da Anac, que determinava que nenhum avião poderia pousar em Congonhas em dias de chuva sem estar com os reversos dos motores capazes de funcionar com a potência máxima.

A Anac é apontada no inquérito como tendo cometido falha ao não ter transformado o estudo em norma para tornar os pousos mais seguros em Congonhas. Hoje, as características desse estudo constam de norma em vigor.

Denise já havia sido denunciada pelo Ministério Público Federal por ter apresentado à desembargadora Cecília Marcondes, em fevereiro de 2007, o estudo interno da agência como

se já fosse uma norma em vigor.

Na época, a Justiça analisava um pedido do Ministério Público Federal de interdição da pista principal de Congonhas para reforma. A ação foi arquivada e pousos foram liberados mesmo em dias de chuva intensa.

À polícia Denise disse ter se reunido com a desembargadora, mas que jamais apresentou ou foi portadora do estudo.

A assessoria de imprensa de Denise divulgou nota afirmando que ela não tem responsabilidade pelo acidente da TAM e classificou que, caso seja uma das indiciadas, será "um absurdo jurídico, já que não há qualquer nexos ou ligação de causa e efeito entre o trágico acidente e a atuação de Denise Abreu no colegiado que dirigia a Anac". A polícia não confirma se ela será indiciada.

Outro depoimento chave é do ex-gerente de Padrão e Avaliação da Anac Gilberto Schettini. Ele diz que duas reuniões foram feitas com membros da Anac, do Decea (Departamento de Controle de Espaço Aéreo), da Infraero e das companhias aéreas em 2006 para tratar do perigo de pousar aviões com reverso pinado na pista molhada de Congonhas.

Laudo da Aeronáutica será inconclusivo

Investigação irá dizer que é impossível esclarecer hipótese de falha humana

Não há como saber se manete estava inoperante por erro dos pilotos ou por falha do computador de bordo da aeronave

ALAN GRIPP

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

Investigação conduzida pela Aeronáutica afirmará não ser possível esclarecer uma das principais dúvidas do acidente com o Airbus-A320 da TAM: foi por erro dos pilotos ou do equipamento que na hora do pouso o manete (alavanca que controla a potência dos motores) da turbina direita estava em posição de aceleração?

Em outras palavras, segundo o relatório final da FAB que só será divulgado em 2009, não será possível dizer que houve falha humana. O fato de a turbina direita estar em aceleração depois de a aeronave tocar no solo é apontado como o fator preponderante para o acidente. A certeza de que o relatório será inconclusivo neste ponto veio após a realização de um sofisticado exame no quadrante de manetes do Airbus, achado nos destroços da aeronave e enviado para a França. Uma tomografia em três dimensões não foi capaz de apontar em que posição estava o manete direito. A peça foi quase que integralmente derretida pelo fogo, após a explosão do Airbus.

A caixa-preta de dados registrou a informação de que o manete estava na posição de subida, quando no pouso deveria estar na posição de ponto morto. Quanto a isso não há dúvida. O que o raio-X poderia esclarecer é se isso aconteceu porque os pilotos esqueceram de mudar a posição da alavanca (falha humana) ou se eles agiram corretamente, e o computador de bordo não obedeceu ao comando (falha mecânica). Não há como responder a essa pergunta, dirá o relatório.

E mesmo que fosse possível concluir que houve falha dos pilotos Kleyber Lima e Henrique Stefanini di Sacco, a investigação da Aeronáutica não os apontaria como culpados. Nem eles, nem ninguém. Por definição, a investigação de acidentes aéreos tem como objetivo apenas a prevenção de outros acidentes - mesmo que, para isso, esmiuça as causas prováveis.

O relatório da FAB, a cargo do Cenipa (Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes

Aeronáuticos), já está pronto. Falta agora ser traduzido para o inglês e o francês e enviado aos fabricantes das turbinas (a norte-americana Pratt & Whitney) e da aeronave (a européia Airbus). As empresas terão 60 dias para as considerações finais.

De prático, a investigação já resultou em 61 recomendações de segurança emitidas pelo Cenipa, muitas delas relacionadas a outros fatores que podem ter contribuído para a tragédia. Uma recomendação é a de que as empresas aéreas não realizem pousos nem decolagens com o reverso da turbina inoperante em "condições especiais" (com chuva e em pista curta), caso do Airbus da TAM.

São Paulo, quarta-feira, 26 de novembro de 2008 **FOLHA DE S. PAULO** **cotidiano**

Estado submerso

Em desespero, população de SC saqueia supermercados; mortos já chegam a 84

"Há muito mais mortos debaixo da terra", diz delegado que trabalha no resgate de presos; 54 mil pessoas deixaram suas casas

Não é possível saber ao certo o total de pessoas desaparecidas; desabastecimento de água afeta principalmente Itajaí

Patrick Rodrigues/Ag.RBS/Folha Imagem



Moradores carregam gôndola com alimentos saqueados de casas e supermercados e observam os estragos em meio às ruas alagadas da cidade de Itajaí, onde não há água potável, luz ou comida

DA AGÊNCIA FOLHA

A situação é de calamidade em Santa Catarina. O número de mortos e desabrigados por conta da pior enchente do Estado desde 1974 não pára de crescer: são ao menos 84 pessoas mortas e 54 mil obrigadas a abandonar suas casas.

O número de mortos na tragédia "deve aumentar muito", segundo avaliação do coordenador do SAT (Serviço Aerotático) no Estado, delegado Jonas Santana, que trabalha no resgate de moradores isolados. "Há muito mais mortos debaixo da terra", diz o delegado.

Isolados, sem água potável, luz e comida, moradores de Itajaí e Blumenau, duas das oito cidades mais afetadas pelas águas, saquearam supermercados em busca de alimentos.

Resgatados de helicópteros, moradores gritam a jornalistas e pessoas que trabalham nos resgates em busca de notícias dos parentes. Não é possível saber ao certo o total de desaparecidos, embora o governo do Estado estime em cerca de 30.

Ao menos cinco supermercados de Itajaí (93 km de Florianópolis) foram saqueados.

Funcionários da rede Daiane relataram que quatro lojas foram invadidas. "Alguns supermercados estavam fechados, mas as pessoas ameaçaram invadir se não abrissemos. Eles enfrentaram os seguranças com paus e tijolos", disse uma funcionária que se identificou.

A prefeitura informou que uma loja da rede Wal-Mart foi saqueada por moradores, o que a rede não confirmou.

A Polícia Militar de Blumenau (162 km de Florianópolis) também registrou oito ocorrências de pequenos furtos de alimentos em lojas da cidade.

Itajaí era considerada ontem pela Defesa Civil de Santa Catarina como o caso mais grave de desabastecimento de água. Os serviços telefônicos também estavam comprometidos.

Os trabalhos de resgates de pessoas isoladas, buscas de corpos e distribuição de mantimentos agora contam com 12 helicópteros, cedidos por outros Estados e pela União.

A principal meta da Defesa Civil era garantir a distribuição de água potável, mas a necessidade de distribuição de alimentos persistia. Além de precisar abastecer 22.952 pessoas que se encontram em abrigos, a desobstrução de vias e a diminuição das enchentes aumentou a demanda para se levar suprimentos a comunidades isoladas e a outras regiões afetadas.

Blumenau, com 20 vítimas, registra o maior número de mortos. É seguida por Ilhota (18), Gaspar (15), Jaraguá do Sul (12), Rodeio, Luiz Alves (ambas com 4), Rancho Queimado, Benedito Novo, Itajaí (todos com 2) e, com um morto, Brusque, Pomerode, Bom Jardim da Serra, São Pedro de Alcântara e Florianópolis.

Em Itajaí, as cheias dos rios Itajaí-Açu e Itajaí Mirim chegaram a alagar 80% da cidade.

Segurança reforçada

O comandante da PM em Blumenau, César Luiz Dalri, disse que a cidade receberá o reforço de 70 policiais da capital. Também será montado um sistema de monitoramento móvel por câmeras. Ao todo, 200 policiais foram enviados às cidades atingidas.

Os danos à rede de abastecimento no Vale do Itajaí transformaram a água em "artigo precioso" em Blumenau. Carros-pipa começaram a chegar aos abrigos -a cota é de cinco litros por pessoa.

A prefeitura solicitou aos moradores que utilizem a menor quantidade possível de água e divulgou um comunicado com instruções para o consumo de água de piscina.

Resgates

As operações de buscas em Gaspar (140 km de Florianópolis) localizaram ontem mais sete corpos. Pessoas que antes estavam isoladas continuam sendo retiradas de áreas de risco.

O prefeito Adílson Schmitt (PSB) disse que moradores subiam morros para acenar aos helicópteros e pedir ajuda.

Com o apoio do Corpo de Bombeiros do PR, a Defesa Civil abriu uma trilha na mata para retirar cerca 300 turistas que ainda estavam em um parque aquático em Gaspar.

Oito municípios continuam isolados. Três pontos da BR-101, principal ligação entre Florianópolis e o restante do litoral catarinense, continuavam totalmente interditados por rochas e terra que caíram com o deslizamento de encostas. Outras duas rodovias federais e dez estaduais continuavam com bloqueios.

(PABLO SOLANO, GUSTAVO HENNEMANN, RENATA BAPTISTA, CRISTINA MORENO DE CASTRO, MATHEUS PICHONELLI, RACHEL AÑÓN e MARTHA ALVES)

Em Blumenau, vias são liberadas por tanques do Exército

Na região central, lojas e shopping estão fechados; estádio de futebol recebe desabrigados trazidos por helicóptero

Viagem da reportagem ao "epicentro" da tragédia levou quase uma hora e meia em trajeto que normalmente toma 40 minutos de carro

JOSÉ EDUARDO RONDON

DA AGÊNCIA FOLHA, EM BLUMENAU

Tanques do Exército ocupam ruas de Blumenau para ajudar na desobstrução das vias. A cidade vive uma espécie de estado de sítio. Ao chegar ao município, a primeira imagem que se vê e que dá dimensão da tragédia na região é o pouso de helicópteros trazendo desabrigados a um estádio de futebol no centro esportivo do Sesi.

Em volta, separadas por um alambrado, cerca de cem pessoas, desesperadas, gritam pedindo informações de familiares desaparecidos. Elas não podem atravessar o alambrado e entrar no centro, onde desembarcam vítimas de uma região conhecida como Morro do Baú.

Wilson Oliveira, 34, morador da localidade, procura a mãe e três filhos, desaparecidos desde sábado. Ao cruzar o portão que vetava acesso aos familiares, a reportagem é alvo de pedidos deles. Alguns, chorando, gritam nomes de familiares e pedem para checar se há informações. Lá dentro, cerca de 50 vítimas que acabavam de desembarcar dos helicópteros da Polícia Militar e do Exército iam em busca de transporte para abrigos e hospitais. "Foi um dilúvio. Chuva e um mar de lama desceram do morro", conta João Gonçalo Bento, 48, com algumas escoriações pelo corpo. Ele saiu de casa pouco antes de uma encosta desabar.

Ao percorrer ruas de Blumenau, percebe-se que o cenário é desolador. A sensação que se tem é a de que os morros, em algumas partes, simplesmente engoliram as ruas. Na região central, lojas e o único shopping estão fechados. Restaurantes também não atendem.

Os carros que estão nas ruas, necessariamente, estão envolvidos com a tragédia: ou são vítimas dela ou estão ajudando os mais prejudicados.

O salão paroquial de uma igreja se transformou em um abrigo improvisado. Lá, o desembarque de comida, colchões, galões de água, roupa e medicamentos não pára. Ainda não falta comida nem água, mas a chegada de vítimas é constante. Nesse abrigo, há cerca de 150 pessoas atingidas em Morro do Baú. Elas recebem alimentação e têm acesso a medicamento e banho.

O relato de sobreviventes do Morro do Baú dá a entender que as piores informações ainda estão por chegar.

Juliano Schwamaech, 28, morador de Ilhota, conta que sua casa foi engolida pela terra na noite de domingo. Ele tentou resgatar a mulher e a filha, de 11 meses, mas não conseguiu. Estão desaparecidas. "Ela [mulher] gritava pedindo que eu a resgatasse, mas estava "trancada" pela terra. Minha filha foi arrancada de meus braços pela força da água."

A moradora de Ilhota Adriana Day, 34, passou cerca de um dia esperando pelo resgate de helicóptero em uma área de pasto. "Só quero encontrar minha irmã", disse.

Segundo sobreviventes da localidade, a explosão de um gasoduto no domingo piorou muito a situação que já era crítica desde sábado, quando parte dos morros começou a descer. São unânimes também ao dizer que ainda "há muita gente debaixo da terra".

Na cidade vizinha de Gaspar, o bairro de Belchior foi praticamente destruído. Casas foram levadas por um "tsunami de terra", dizem moradores de regiões próximas, após a explosão do gasoduto.

Em Blumenau, membros de um Jeep Clube ajudam no resgate e transporte de mantimentos, trafegando onde caminhões não conseguem. O grupo, formado por 30 voluntários, distribui

alimentos onde o acesso está difícil.

A viagem da reportagem ao "epicentro" da tragédia começou às 10h48 de ontem, com a notícia da liberação das rodovias que permitem o acesso de Navegantes a Blumenau. A viagem, que normalmente levaria 40 minutos de carro, demorou quase uma hora e meia.

Após três dias ilhados, 382 turistas são resgatados de parque turístico

DA REPORTAGEM LOCAL

Isolados pelas enxurradas que atingiram o parque Aquático Cascanéia, no município de Gaspar (Vale do Itajaí), a cerca de 140 km de Florianópolis, 382 turistas foram resgatados ontem pela Defesa Civil do município. Seiscentas pessoas chegaram a visitar o parque no sábado, mas conseguiram sair antes do bloqueio dos acessos.

"Por causa dos gigantescos deslizamentos de terra, os turistas só conseguiram deixar o parque por trilhas improvisadas pela Defesa Civil", disse o prefeito de Gaspar, Adílson Schmidt (PSB). A maior parte dos turistas vinha de Curitiba e Tubarão (SC).

"Os telefones fixos e rádios estão mudos. Nosso único contato é por celular", disse o diretor da Defesa Civil de Gaspar, Luiz Mário da Silva. Os bombeiros chegaram à área por volta de meio-dia de ontem.

Um dos mais conhecidos parques aquáticos do Brasil, o Cascanéia tem 100 mil metros quadrados, alojamentos com 42 apartamentos e capacidade para receber até 2.000 pessoas. Janaína Reinert, gerente financeira, afirmou que, em razão dos estragos provocados pelas chuvas, o parque ficará fechado nos próximos 14 dias.

"As piscinas e os edifícios não foram afetados pelas chuvas, mas há bastante sujeira. Estamos interrompendo as atividades para ajudar a abrigar as famílias que ficaram sem casa nem ter o que comer." (PAULO SAMPAIO)

"Minha família foi toda levada pela chuva"

Gerda Karl, 53, perdeu mãe, pai, marido, filho e outra filha, grávida de sete meses; só restou o filho de 22 anos, Nilberto

Ao ver o helicóptero de resgate, sobreviventes avançam e, aos prantos, pedem à reportagem informações de parentes

VINÍCIUS QUEIROZ GALVÃO

ENVIADO ESPECIAL A NAVEGANTES

Na clareira improvisada num campo de futebol da zona rural de Ilhota, cidade vizinha a Navegantes, um grupo de desabrigados, ali desde a noite de domingo ou a manhã de segunda, começa a ser resgatado pelo ar por uma missão do Exército, acompanhada pela Folha.

Tão logo o helicóptero pousa, parte deles avança sobre a reportagem, apesar do risco das hélices em funcionamento. Muitos choram. Sem saber quem chegava -Cruz Vermelha ou Defesa Civil-, perguntam sobre os perigos que correm se permanecerem ali.

Todos apontam uma mulher desolada. É Gerda Karl, 53. Perdeu mãe, pai, marido, filho e outra filha, grávida de sete meses. Só restou o filho de 22 anos, Nilberto, com quem conseguiu pular pela janela quando a enxurrada levou a casa morro abaixo. E, com a casa, também foram soterrados o carro e quatro vacas, de onde a família tirava a subsistência na produção de queijos, vendidos em pequenas padarias.

"Ali não dá mais para voltar. Minha família foi toda levada pela chuva e não sei se vão achá-los", afirma. Se acharem os corpos dos cinco parentes de primeiro grau, Gerda diz que não vai poder enterrá-los. O cemitério de Alto Baú, na zona rural, foi destruído pela tormenta. Os caixões emergiram, os túmulos caíram e os cadáveres se misturaram à lama.

Quando o helicóptero da Força Aérea pousa em outro campo para resgatar mais desabrigados, todos queriam subir desordenadamente e sair do alto do morro. A estratégia era recolher todos para o primeiro campo de refugiados, um descampado onde uma aeronave maior poderia levar até 20 de cada vez.

"Moço, isso não vai cair?", chorava Teresinha Floriano, que perdeu a irmã, a sobrinha de um ano e meio, a casa, que ficou "retorcida" e terá de ser demolida por trator, e nove amigas. Teresinha também perdeu o emprego: a cooperativa de confecção em que trabalhava desabou. Ao lado dela, um senhor rezava, com medo de que o helicóptero, assim como a casa, desabasse.

Na segunda leva de desabrigados, Maria Hentchen, 84, pede à reportagem para ligar para os filhos (ela tira o número do bolso). Desde domingo não tinha notícia deles e não sabia se estavam vivos. No meio daquela mata não havia sinal de celular. Com a casa, destruída com a queda de dois eucaliptos, Maria perdeu os remédios para hipertensão e para a embolia pulmonar da qual ainda se curava. Uma mulher que não aparentava mais de 40 anos é retirada de maca do helicóptero com o pé direito enfaixado. Foi picada por uma cobra jararaca.

"O senhor não sabe as condições em que o povo se encontra: a carne está jogada no chão, cheia de poeira", diz um soldado ao tenente-coronel Sérgio Warpechowski, comandante da missão humanitária do Exército no aeroporto de Navegantes. "Tem de congelar, se não, não serve para comer. Não pode deixar o sangue escorrer", responde o militar, que parecia não se dar conta da falta de luz, de água potável e de comida saudável aos ilhados.

No abrigo no meio da mata desde segunda-feira pela manhã, Iracema Brunes teve o restaurante interditado pela Defesa Civil catarinense. "Minha cozinha caiu, as paredes estão todas trincadas", diz.

Com a chuva, a erosão derrubou estradas. O único jeito de chegar aos sobreviventes era mesmo de helicóptero.

Ao cair da noite, voluntários fazem lista dos 175 desabrigados da zona rural de Ilhota para dividi-los por família. O resgate começa a levá-los para Blumenau enquanto chovia. O tempo continua ruim em Santa Catarina.

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

ILHOTA

Um terço dos moradores perdeu a casa

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Em Ilhota, município situado a 130 km de Florianópolis, um terço dos moradores (cerca de 4,1 mil) perdeu suas casas.

Dos 12 mil habitantes, 2,7 mil estão desalojados -devem ficar em casas de familiares ou amigos-, e 1,4 mil estão desabrigados -devem ser encaminhados a abrigos. Há sete abrigos improvisados na cidade, que decretou estado de calamidade pública.

A Defesa Civil de Ilhota informou que, até ontem à noite, 23 pessoas morreram e 90 estavam desaparecidas. Mais de 160 pessoas ficaram feridas.

Toda a cidade está sem água potável e energia elétrica, com exceção da região central. Falta

comida, pois todas as vias que dão acesso ao município estão tomadas por água e lama. A última enchente na cidade aconteceu na mesma região próxima ao rio, em 1983, sem ocorrência de mortes.

